3 1761 101256089

Correia, Vergilio
Artistas de Lamego

N
7131
L3C6

SUBSÍDIOS PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA
XI
(Colecção louvada pelo Ministério da Instrução Pública)

Artistas de Lamego

POR
VERGÍLIO CORREIA
Professor de História da Arte na Universidade de Coimbra

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

Artistas
de Lamego

ARTISTAS DE LAMEGO

SUBSÍDIOS PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA
XI
(Colecção louvada pelo Ministério de Instrução Pública)

Artistas de Lamego

POR
VERGÍLIO CORREIA
Professor de História da Arte na Universidade de Coimbra

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

N
7131
L3C6

Desta edição
tiraram-se 100 exemplares em papel de linho
numerados e rubricados

A

Aarão de Lacerda

cuja árvore de geração, como a do autor, se arreigou, cresceu, frondejou na terra-máter lamecense.

LAMEGO, cidade do passado, exemplo sobrevivente daqueles rudes povoados do princípio da nacionalidade que a vontade real e os interêsses eclesiásticos formaram ou engrandeceram, guarda ainda, quer estadeando-as aos sóis e às neves do seu áspero clima, quer abrigadas dentro das paredes graníticas das suas igrejas e dos seus palácios, uma infinidade de obras de arte cujo interêsse ultrapassa freqüentemente o âmbito acanhado da história local para merecer a atenção cuidadosa e a consideração reverente dos historiadores e críticos de arte. Cabe-lhe portanto um capítulo especial na história do movimento artístico português.

Mas que assim não fôsse, e todos os seus monumentos e documentos apresentassem sòmente um mérito limitado e regional, seriam da mesma sorte dignos de estudo, porque não é apenas a história dos maiores agregados de população, das capitais de estados ou das cidades cabeças das grandes divisões administrativas — onde portanto e naturalmente se reuniram os melhores valores da raça — que importa que se torne conhecida e divulgada; a arte

provincial, ou a privativa, peculiar, de cada região, tem um lugar marcado e definido, por vezes de grande relêvo, representando hoje um elemento indispensável de consulta adentro da história de arte nacional.

Em boa verdade, muitíssimo difícil será o encontrar uma região que houvesse conseguido criar uma arte especial, característica. Tôdas, mais ou menos, sofreram a influência, foram naturalmente orientadas pela arte dos grandes centros, donde os modelos — já os inventados, já os trazidos do estrangeiro — se disseminaram. Pelas condições do meio onde caíam, pela diversidade dos materiais, êsses modelos sofreram algumas transformações, umas vezes felizes, outras que o não foram, transformações que juntas a um certo número de princípios, motivos e processos conservados tradicionalmente, geraram as chamadas artes regionais. Estas não passam, portanto, de um embelezamento, deturpação ou engrandecimento do modêlo geral, devendo ser abrangidas ou conglobadas no ciclo ou ciclos artísticos de cada século, pelo valor intrínseco, ou a título de subsídio.

*

Situada a meia altura da escadaria de montes que ascendem para o extenso planalto que constitui a alta Beira, Lamego recebeu as maiores, mais profundas e mais duradouras influências da banda por onde o acesso lhe era mais fácil, por intermédio da corrente do Douro. Do Pôrto e do Entre Douro e Minho, muito mais que da rude e cerrada província de Trás-os-Montes que lhe fica

em frente, e que os cimos penhascosos do Marão, à vista dos altos da cidade, balisam pela parte do poente, lhe chegaram a maior parte dos modelos, quando não as próprias obras. A influência de Lisboa, Coimbra e mesmo Viseu só muito atenuadamente se fez sentir aqui, e, as mais das vezes ainda, coada através do Pôrto.

Do Minho trabalhador e industrioso, sempre pletórico de mestres lavrantes de cantaria e madeira, exportando, no passado como hoje, pedreiros e carpinteiros para o resto do país, vieram especialmente muitos dos artistas que levantaram as igrejas e entalharam o castanho das tribunas e dos apainelados dos santuários e das casas solarengas. Mas a-par dêstes, na própria cidade ou nos arrabaldes, nunca deixaram de viver e prosperar as oficinas de entalhador, ensamblador, ourives e serralheiro, dirigidas por mestres naturais da cidade e compostas por lamecenses, aos quais se deve a parte maior das obras executadas.

Todos êsses, os que de fora vieram trabalhar para Lamego e os que, naturais da terra, enriqueceram com as suas produções o caudal artístico da povoação, têm lugar neste livro, onde reuni os nomes de artistas que consegui recolher, durante um mês repousado das férias de 1919, nos arquivos do Cabido, Misericórdia, notariais e paroquiais da cidade e seu têrmo.

Segui na colheita dos nomes o mesmo sistema que Sousa Viterbo adoptou nos seus valiosos trabalhos subsidiários da história artística do país. Não conheci Sousa Viterbo, não tendo portanto ouvido nunca da sua bôca palavras de incitamento ou ensino; mas na leitura da sua obra com-

preendi claramente que o género de trabalho fastidioso, obscuro e extenuante a que o grande investigador se dedicara, era no actual momento o mais apropriado, o único honesto, para ajudar a construir os alicerces de uma sólida obra de crítica e história de arte nacional. Por isso quis aplicar fielmente êsse método, sem curar da boa ou má aceitação que poderia ter.

Os livros de Sousa Viterbo, onde os nomes de milhares de pintores, escultores, arquitectos, mestres e oficiais de tôdas as artes decorativas e industriais nos foram revelados para maior glória da gente portuguesa e da sua vitalidade estética, lograram ficar na literatura nacional como elementos indispensáveis, fundamentais, de consulta. Muito perto das obras do grande mestre, pelo espírito, que não pela realização, éste volumezinho não deixará também, quero esperá-lo, de interessar vivamente a região de que Lamego é cabeça e representante, essa margem esquerda do médio Douro, onde os da árvore da minha geração viveram, e a que, como terra-máter, *consagro um culto fervoroso e pagão.*

*

Para que éste livro não fique sendo uma simples relação de nomes e para que os artistas não apareçam isolados e desacompanhados do meio que criaram e nos legaram, apresento uma breve resenha dos monumentos da cidade e das obras de arte neles encerradas. Ésses monumentos agrupam-se naturalmente em três núcleos, que poderei denominar seguindo a ordem cronológica: — grupo an-

tigo; grupo renascença; e grupo moderno, que engloba os edifícios do século XVII e XVIII.

GRUPO ANTIGO: — *É constituído pela capela de Balsemão, extra-muros da cidade; tôrre da Sé; igreja de Almacave; Castelo, com suas tôrres, portas, cisterna e muralhas; e frontaria da Sé.*

A capela de Balsemão, que o sr. Joaquim de Vasconcelos estudou na revista portuense Arte, *em 1908, eu próprio num folheto, intitulado* A Igreja de Lourosa de Serra de Estrela, *em 1912, e o sr. D. José Pessanha na revista* Terra Portuguesa, *em 1917 — estudo êste de todos o mais completo — é um dos mais notáveis edifícios arcaicos post-romanos e pré-românicos de Portugal. Com os seus arcos de volta mais que semi-circular, as colunas providas de bases e capitéis romanos ou imitados dos romanos, as impostas e os ábacos gravados de desenhos de gôsto muito primitivo, êste templozinho deve datar, segundo a autorizada opinião do ilustre arqueólogo espanhol, D. Vicente Lamperez y Romea, do século VII, sendo portanto visigótico. Sôbre as paredes desta capela incrustou um antigo proprietário várias inscrições romanas. O sr. Joaquim de Vasconcelos fala, a propósito destas inscrições, da existência de um* castro *no local. De preferência me inclino a crer que o antigo proprietário, coleccionador de lápides romanas, as conduziu para ali. Já depois de 1917 encontrei mais uma ara no interior do templo, servindo de base a um altar.*

A tôrre da Sé é uma esplêndida construção da segunda metade do século XII, a que se teria de-certo encostado ou

de que haveria vizinhado um templo da mesma época, hoje substituído pelo que lá se encontra. As janelas de volta quebrada, com arquivoltas de aresta viva ou de toros, e capitéis lavrados de palmetas, são exemplares muito belos do estilo românico, que à data da construção atingira o apogeu de expansão pela Europa. Os cantos *ou silhares estão marcados com siglas semelhantes às que salpicam os muros dos edifícios coevos, da cidade e do têrmo. A época a que as características da construção me levam a atribuir a erecção da tôrre está de acôrdo com a reforma do bispado, cujo primeiro bispo D. Mendo, um crúzio de Coimbra, tomou posse em 1145. A parte superior dêste belo monumento foi alteada e rematada por D. Manuel de Noronha no século XVI.*

No Castelo de Lamego, ainda perfeitamente delimitado pelas muralhas, com as portas de entrada (esta apertada entre dois cubelos) e saída, bem conservadas, a tôrre de menagem um pouco arruïnada mas erguendo-se ainda, altaneira e escurecida, no tope da colina, depara-se com um conjunto muito notável de construções dos séculos XII e XIII que merecem cuidadoso respeito da municipalidade e dos cidadãos. Um dos monumentos mais interessantes da série é sem dúvida a cisterna, porventura a melhor conservada do país, longa uns vinte metros, larga metade, alta outro tanto, tôda de silharia unida, lavrada de pico miúdo e siglada, abobadada, com a volta quebrada das abóbadas sustentada por cintas grossas que se estribam em pilares da mesma espessura e que dão à arca de água o aspecto de uma igreja românica.

Impõe-se que a visita dos forasteiros ao Museu Regional

da cidade seja completada pela romaria ao museu monumental que é ainda êsse pitoresco bairro do Castelo.

A igreja de Almacave, da segunda metade do século XII, contemporânea da tôrre da Sé e da Igreja de S. Martinho de Mouros — construída até possìvelmente pelo mesmo mestre e companhia de lavrantes que trabalharam nesta última — conserva da fundação primitiva o seu portal românico de arquivoltas aguçadas e as suas portas laterais de vêrgas estribadas em modilhões desadornados.

Depois da tôrre, a parte mais antiga que encontramos na Sé é a sua frontaria, construção apurada dos princípios do século XVI, com três notáveis portais de arquivoltas múltiplas e profusamente lavradas, um janelão de larga grade de pedra, encaixilhado em moldura rectangular, sobrepojando-os, rematando a fachada um coroamento rendilhado cujos extremos são balisados por pináculos agudos e acogulhados. Poder-se hia talvez atribuir pelas características e época aparente da factura esta obra ao bispo D. João Madureira, que veio do Algarve para Lamego, tomando posse em 1502. Dêle conta o autor da Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego *que «fez um formoso retabulo na Sé e muitas obras que existem», firmando-as em lugar das suas armas com as insígnias episcopais dominando duas mãos unidas. Mas como tal insígnia não se divisa nos portais da fachada, e o último gótico, já laivado de decorações renascença, em que os moldaram, tanto pode pertencer ao 1.º como ao 2.º decénio do século XVI, não seria de espantar que o bispo construtor fôsse D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos, eleito depois de 1513.*

Existiu em tempos num edifício, hoje destruído, ao tópo da Rua Nova, uma janela gótica notabilíssima, que um vizinho adquiriu com os restos de muros e o terreno. Essa janela, indubitàvelmente do século XV, merecia do seu proprietário um gesto generoso que a restituísse à cidade, que assim a poderia continuar a admirar, por exemplo armada no pátio interior do seu Museu.

Algus portais, janelas e frestas, góticas e do período manuelino, que a cidade conserva nas suas velhas ruas, como na Corredoura, Rua Nova, Rua de Pereira e Rua das Olarias, vêm unir-se a êste grupo de monumentos pesados, ampliando-o e dando-lhe um pouco de graça e leveza. O destino colectivo das fortalezas ou templos, imprime-lhe um ar severo a que a habitação particular e os seus trechos arquitectónicos se subtraem quási sempre.

GRUPO RENASCENÇA: — *O grande construtor lamecense do século XVI foi D. Manuel de Noronha. O que D. Diogo de Sousa foi para Braga, foi-o para Lamego êste bispo, eleito pelo ano de 1550.*

Verdadeiro prelado do renascimento, reformou, edificou, comemorou em mármore ou granito com inscrições e brasões, os seus feitos e obras.

Havia estado em Roma em 1518, onde o papa Leão X o fizera seu camarista, e nessa permanência em Itália criou de-certo o amor pelas construções grandiosas, se contagiou da febre daquele sonho de eternidade monumental que persegue o povo do Lácio. Grande parte da sua vida a passou depois em Lisboa ao bafo morno da côrte, e mesmo após eleito para Lamego pelo seu amigo D. João III,

com freqüência voltou à capital, onde veio a falecer em 23 de Setembro de 1569. Viajado, culto, paceiro, não admira pois que o seu episcopado se assinalasse por belos e ricos monumentos que na maioria perduram.

Dessas construções, que o cronista do episcopado, o cónego Joaquim de Azevedo, enumera, desapareceu por completo o Colégio de S. Nicolau, erguido defronte do palácio bispal, no outro lado do riacho Coura, com o fim de albergar oito clérigos «que estudassem moral e rezassem no côro». No terreno por êle ocupado levantou-se, em fins do século XVIII, o Seminário.

Um testamento de D. Manuel de Noronha, feito em Lamego a 3 de Agôsto de 1558, consignava 2:000 cruzados para a construção de um Colégio destinado aos capelães da capela de S. Nicolau. Logo, o edifício não estava ainda de pé nessa época. O codicílio de 8 de Maio de 1568, feito em Lamego como complemento de novo testamento lavrado em Lisboa a 24 de Outubro de 1562 determinava que para o referido Colégio ficassem as sobras, o remanescente da herança. No intervalo 1558-1568 fôra pois levantado o desaparecido instituto.

A capela de S. Nicolau que êsses capelães deveriam servir estava acabada em 1563, como se infere do letreiro que nela existe. Mas antes dessa época outra obra terminara o bispo D. Manuel, a vedação do claustro, que ostenta ainda no andar superior da face norte, no centro do parapeito da delicada varanda renascimento que a coroa, a inscrição trilínea:

DNS MANVEL — NORONHA EPV̄S — LAMECĒN. 1557

Esta obra do claustro principiara já antes da vinda de D. Manuel de Noronha para Lamego, porquanto um documento de 1553, publicado por Sousa Viterbo a pág. 542 do volume primeiro do Diccionario dos Architectos *nos mostra o rei concedendo ao prelado o privilégio de servir-se de determinados carros para as obras da crasta da Sé «começadas no tempo do seu antecessor, D. Fernando de Menezes».*

D. Fernando Coutinho de Meneses tomou posse do bispado após a morte de D. João Madureira, sucedida em 1513, e nêle se conservou largos anos, havendo trabalhado, como refere o documento de Sousa Viterbo, no Claustro. Sabemos mais, por notícia de D. Joaquim de Azevedo, que murou a cêrca da Catedral, e que em 12 de Janeiro de 1523 afirmava ter licença do rei para fazer o côro da Sé, de bordo. Mas nada nos chegou do andamento ou realização de tais obras. Seu sucessor, D. Agostinho Ribeiro, que veio para Lamego em 1541, poucos anos se demorou na cidade e pouco nela teria construído.

Êste Claustro da Sé, interessante fábrica constituída por quatro grupos de arcos de volta cheia com as esquinas biseladas, assentando em colunas oitavadas nas bases, fustes e capitéis, mostra-nos um exemplar da construção do período de transição do gótico para o renascimento. Adoptando o arco de volta plena, muito empregado já no período manuelino, indo buscar ao românico o oitavado das colunas, o monumento revela-nos — excluídos os capitéis plateresços do lado norte — o último escalão evolutivo do gótico quinhentista em claustros, descendendo dos claustros do tipo dos de Santo Antão o Velho, de Lisboa,

Fig. 1. — Museu Regional de Lamego — Cruz gótica de granito com figuras de Cristo e da Virgem (no reverso).

(*Fot. Mourão.*)

o que está mais próximo do gótico manuelino, e irmanando-se com o modesto claustrinho da igreja de Cette.

A onda de classicismo que subverteu o antigo sistema na segunda metade do século XVI, estancou a inspiração gótica que estava fazendo evolucionar êsse estilo em novos modelos.

Um documento que encontrei recentemente, já depois de impressas as primeiras dezasseis páginas dêste prefácio, revelou-me a época certa em que o claustro foi levantado, e o nome do seu mestre. É o contrato da obra, lavrado entre o bispo D. Fernando e o pedreiro Duarte Coelho, documento que está datado de 3 de Novembro de 1524.

Na face nascente da crasta, perpendicularmente ao corpo da catedral, na altura do braço esquerdo do cruzeiro, abriu o bispo D. Manuel três capelas, que consagrou a S. João, S. Nicolau e Santo António. Dois grossos botaréus de planta circular, em andares, suas gárgulas decorativas surgindo como bôcas de peças a meia altura, agüentam a pressão da abóbada da capela central, que é a de S. Nicolau. Dá-lhe acesso um largo portal de volta plena, moldurado em boa renascença, resguardado por uma magnífica grade de ferro que dentro da nossa serralharia artística quinhentista tem direito a ocupar um lugar de relêvo. Os varões e pilastras que a compõem correm entre dois frisos ornados de decorações do renascimento, ressaltando no centro do superior um medalhão com um busto coroado de folhagem, à romana; e vendo-se nos cantos dêle duas palmas de mão abertas, a da esquerda acompanhada das iniciais B. L., a do lado direito de um signo irreconhecível, espécie de bicho de sêda distendido. Acima dêste friso superior

ergue-se, sobreposto aos varões, um como que frontão decorativo, de que ocupam os principais lugares, erguidas sôbre socos em forma de ara antiga, as figuras de S. Martinho, S. Nicolau, em proeminência, e S. Lourenço. No pedestal do primeiro lê-se em letras douradas: MARTINS EXEMPLAR MISERICORDIÆ; *no do segundo:* NICOLAVS ORPHANARVM PATER; *no do último:* LAVRENTIVS DISPERSIT DEDIT PAVPERIBVS.

Numa edícula clássica, centro de tôda a ornamentação desta parte superior, divisam-se as armas do bispo encimadas pela sua divisa: ESTA É BOA GUIA.

A abóbada, nervada simplesmente em estrêla de quatro pontas, é muito fina e bem lançada, mostrando as intersecções laterais apanhadas em medalhões ornados de bustos, e o centro da cruzeta enriquecido de um brasão do fundador. Do lado esquerdo, no alto, seu frontão topetando na abóbada, rasga-se a varanda donde o prelado fundador assistia às cerimónias do culto, uma admirável varanda de dois arcos, do mais apurado estilo clássico, de que o apertado do lugar não deixa admirar convenientemente o sábio e gracioso lançamento.

A parede do fundo está forrada de boa talha e as laterais de azulejo historiado, tudo do primeiro têrço do século XVIII, albergando a tribuna a S. Nicolau e a S. João Baptista, êste transportado para ali depois de certas obras modernas realizadas no ângulo do claustro, que fizeram desaparecer a capela do Precursor, da qual porém se divisam ainda na parede modificada restos de um arco semelhante ao da entrada da capela de Santo António.

No solo da capela de S. Nicolau, ao centro, foi tumulado o bispo fundador, e na sua pedra sepulcral de lioz

claro, emmoldurada em caixilho de lioz vermelho, pode ver-se o seu brasão e ler-se a inscrição seguinte:

AQVI. IAS. DOM. MANOEL. DE. NORONHA. BISPO. QVE. FOI. DE. LAMEGO. FILHO. DE. SIMÃO GLZ. DA CAMARA. CAPITAO. DA. ILHA DA MADEIRA. E DE DONA IOANNA. VALENTE. SVA MOLHER. FALECEO AOS XXIII DIAS DO MES. DE. SETEMBO. DE 1569. ANNOS.

Na parede esquerda da capela, sob a varanda, está cravada outra lápide igualmente de lioz claro, com bela cercadura de mármore vermelho, na qual se lê, em doze linhas:

DOM MANVEL DE NORONHA BPO. DE LAMEGO NO SPVAL E TEMPORAL. RESTAVROV ESTA SEE DE OBRAS. ORNAMENTOS E PRATA. FEZ ESTA. CAPELA PERA SVA SEPVLTVRA DOTOVA PERA QVE NELLA AIA CAPELLAES QVE REZEM CONTINVAMENTE AS HORAS CANONICAS. E MESTRE QVE LEA DE GRAÇA LIVROS E CASOS DE CONSCIENCIA. PERA CVRA DAS IGREIAS E SALVACAO DAS ALMAS ANO 1563.

Na parte externa da capela duas outras inscrições desenvolvem prolixamente os mesmos factos referidos nos letreiros anteriores.

¿Será esta capela de S. Nicolau aquela «capela do bispo» que um documento de 1567, adiante transcrito, nos revela haver sido capeada pelo pedreiro João do Rêgo?

*

Ainda na Sé, empreendeu D. Manuel um trabalho de vulto. Sôbre a formidável tôrre românica ergueu mais

um andar onde ficaram recolhidos os sinos, até então possìvelmente a descoberto, como era usual. Felizmente essa obra, que assinalou com os seus leões heráldicos, não destoa profundamente da construção antiga.

Da capela da Senhora dos Meninos, outra fundação de D. Manuel de Noronha, diz Joaquim de Azevedo que foi edificada em 1555.

Ergue-se esta capela, que é de boas dimensões, perto da ponte do Balsemão, conservando-se estruturàlmente quási no seu estado primitivo, havendo o interior sido azulejado e enriquecido de talha e ensamblagem nos séculos XVII *e* XVIII. *A porta principal, singela mas bem lançada, é de volta plena, sobrepujada por um entablamento sóbrio que as armas do bispo dominam. Sôbre o arco lê-se em belas letras romanas:* LOVVADO . SEIA . O SANTISIMO . SACRAMT.º E A IMACVLADA . CÕSEISAO . DA VIRGE . SNRA . NOSA.

Quatro capitéis lavrados, igualmente do renascimento, que se conservam no adro ajardinado, indicam que existiu junto da capela uma varanda ou alpendre.

A capela do Espírito Santo, antigamente situada junto à Ponte Cavalar e hoje, após as obras realizadas nos últimos anos, à orla da grande avenida que coliga o Rocio da Sé com a escadaria da Senhora dos Remédios, mostra também na porta lateral de arco pleno, marcada com as letras: LOVVADO SEIA O SANTISIMO SACRAMENTO, *e no brasão episcopal cravado no cunhal do lado esquerdo, a chancela de D. Manuel de Noronha.*

Do formoso tanque com duas taças e quatro bicas que o bispo mandou construir no Rocio resta um remate esférico de mármore, brocado de orifícios e ennobrecido com

um magnífico brasão do bispo fundador, que hoje se conserva na secção arqueológica do Museu Regional.

*

¿Ser-me há possível arquivar o nome de alguns dos arquitectos que gizaram ou dirigiram estas obras do bispo D. Manuel?

De um João do Rêgo sabemos que trabalhou na tulha e capela do bispo. Dado, porém, que o prelado edificou diversas capelas, não podemos com absoluta certeza indicar qual ela fôsse. António Coelho, mestre de cantaria, morador em Arneiroz, aparece-nos em vários documentos da segunda metade do século XVI. Como pedreiro era chamado para medidor, o que indica certa categoria no ofício. Mas outro nome, o de Duarte Coelho, nos surge neste período, aureolado de tal fama que permite colocá-lo em lugar de relêvo, não só entre os construtores lamecenses, mas entre os arquitectos provinciais do princípio do renascimento.

¿Quem foi Duarte Coelho?

O Tombo 1.º *da Câmara de Lamego, iniciado, segundo os dizeres da sua portada, no ano de 1532, informa-nos de que por tal época vivia na povoação um pedreiro dêste nome, e de que era enfiteuta de uma horta da cidade, sita às poldras do Pôrto Cavalar. Um documento publicado por Sousa Viterbo no volume primeiro, pág. 541, do* Diccionario dos Architectos *— uma carta de perdão concedida por D. João III ao artista, no ano de 1542 — lança mais completa luz sôbre a sua vida e personalidade.*

Por essa carta deduz-se que haveria uns 10 anos, armada uma briga entre Gonçalo Galego, criado do mestre, e um Francisco Martins, o artista acudindo ao criado agredira com uma chuça o outro contendor, que dos ferimentos falecera dias depois. Fugido à justiça, homiziado um decénio, tendo obtido o perdão da família da vítima, viera pedir ao rei benevolência. Atendendo às considerações do pedido, e «avemdo respeito a elle ser boo mestre de pedraria e a ther feyta muita obra na see de Llameguo e a capela dAlmemdra e muito boas obras em igrejas...», o monarca comuta-lhe a condenação em degrêdo de cinco anos para as partes de além, perdoando-lhe definitivamente em Novembro de 1543, com a condição de pagar 20.000 reais para um retábulo da Madalena da vila de Aldeia Gavinha.

Não possuindo nenhum outro documento que me revelasse o género de trabalho do artista em Lamego a não ser agora o que o autentica como mestre da obra do claustro da Sé, obra que pelo esporádico da sua estrutura e destino não poderia aliás servir de estalão, procurei, como era lógico, destrinçar o seu restante labor profissional através do exame feito a essa capela de Almendra, que o documento de Sousa Viterbo nos dizia ter sido feita por êle.

Almendra é uma grande aldeia transcoana, pertencente ao bispado de Lamego e situada a uns oito quilómetros da corrente do Douro, já perto da fronteira. O seu extenso casario revela, à primeira leitura, a época do crescimento e desenvolvimento da povoação, pois é rara a habitação que não mostre nas vêrgas das portas e janelas o bisela-

mento e a polimorfia decorativa usual na primeira metade do século XVI. A êsse mesmo século se devem o pelourinho, em forma de lanterna, e os templos, exceptuada a capelinha de S. Sebastião, sita num dos extremos do povo, que já pertence ao século XVIII. A matriz, uma minúscula capela que lhe fica vizinha, e a Misericórdia, datada de 1571, pertencem ao meado da centúria de quinhentos.

A matriz é um lindo monumento renascença, composto de um corpo de três naves separadas por altas colunas clássicas, seguido de uma capela maior quadrangular, abobadada sôbre nervuras.

Externamente a ousia mostra aspecto de tôrre, com os ângulos do tôpo apoiados contra botaréus em andares de gôsto gótico, dispostos oblìquamente, e o alto rematando em platibanda adornada nos cantos e a meio das faces com gárgulas caneladas projectadas como peças.

Do lado direito da fachada, uma tôrre talhada nos mesmos moldes — talvez o mais puro tipo de tôrre do renascimento que conheço em Portugal —, ergue a massa forte e elegante, seus pavimentos divididos exteriormente por molduras, a parte superior perfeitamente igual àquele último andar da tôrre da Sé de Lamego acrescentado por D. Manuel de Noronha.

A porta principal, em cujo frontão se lê a data do acabamento da igreja, 1565, e as laterais, são do mais fino gôsto da renascença, de uma renascença porém que nada deve aos moldes coimbrões e antes pode ter bebido a inspiração directamente em modelos italianos. As janelas são altas e estreitas, providas de pinásios em cruz, de uma

disposição vulgar em França na primeira metade do século XVI, mas raríssima entre nós.

Corte da pedra, gôsto decorativo e até a inscrição LOVVADO SEJA O SANTISSIMO SACRAMENTO *riscada sôbre a silharia do revestimento com as mesmas letras usadas nos arcos das capelas da Senhora dos Meninos e do Espírito Santo, revelam-nos que o autor dos monumentos lamecenses deve ter sido também o da igreja de Almendra.*

¿É então esta a «capela de Almendra» a que se refere a carta de perdão concedida a Duarte Coelho?

Procuremos aproximar-nos da verdade com os elementos que possuímos. Em 1523 — di-lo um documento que conheço e não vem para o caso — foi encomendado um retábulo de maçanarya *para a igreja de Almendra. Logo, essa igreja, levantada por Duarte Coelho, devia estar concluída, pois já em 1524 o mestre se encarrega da grande obra do claustro da Sé de Lamego.*

¿Que relação há entre a capela mencionada no documento de Viterbo e o templo actual?

Não encontrando vestígios dêsse templo construído evidentemente no terceiro decénio do século de quinhentos, antes do homízio do pedreiro, temos de crer que êle existiu no próprio local que ocupa a igreja matriz.

¿Foi então destruído um santuário que tão poucos anos contava, para se lhe substituir a construção grandiosa terminada em 1565?

Capazes de ordenar e pagar tal substituïção eram os magnificentes edificadores quinhentistas... ¡Veja-se o que sucedeu com o claustro grande de Tomar!

Esperemos que novos documentos aclarem êste ponto, revelando-nos o nome do mestre que planeou as obras noronianas. ¿É muito larga a distância que vai entre 1523 e 1565? É, de-facto. Mas a primeira vez que Diogo de Castilho trabalha em Coimbra é em 1519, e ainda em 1565 riscava e dirigia obras nessa cidade...

*

Outro prelado edificador, dêste século XVI, foi D. António Teles de Meneses, bispo de Lamego no último quartel da centúria. Deve-lhe a cidade a construção do Mosteiro das Chagas.

O aspecto exterior da igreja dêsse convento de claristas colocado sob a invocação das cinco chagas, que se divisam sôbre um escudete da porta principal, é ainda o de uma edificação da renascença clássica. O portal, de volta cheia, encimado por um frontão triangular, revela na inscrição que corre no entablamento a data da fundação:

DŌ ANTONĪO TELLEZ DE MENESES BPO DE LAMEGO ERIGIO EDIFFICOV E DOTOV ESTE MOSTEIRO DA ORDEM DE S. CLARA EM LOVVOR DAS CINCO CHAGAS. ANO. M.D.LXXX.VIII.

No interior relembram essa data e o nome do fundador um grande letreiro comemorativo, cravado na parede esquerda da capela maior, e a pedra tumular do bispo, colocada no chão, logo a seguir ao arco do cruzeiro.

Tal como no sepulcro raso de D. Manuel de Noronha, a pedra tumular é de mármore claro dos arredores de

Lisboa e divide-se em dois taboleiros, um ocupado pelo brasão — uma oval esquartelada com dois quartéis ocupados por leões e os restantes lisos —, e o outro pela inscrição seguinte, em oito linhas:

SEPVLTVRA DE DOM ANT. TELLES DE MENEZES BP̄O QVE FOI DE LAMEGO. HO QVAL FVNDOV E EDIFICOV HE DOTOV ESTE MOSTEIRO DAS CHAGVAS. FALLECEO A 22 DIAS DO MES DE IVLHO DE 1598. ANNOS.

Os ossos do bispo vieram, como a pedra tumbal, de Lisboa, e o documento que adiante transcrevo, concernente ao pedreiro Pedro Gonçalves, — uma quitação do lageamento da igreja feita em 1600, — refere-se ao sepulcro ainda por colocar.

Na sacristia existe um retrato de D. António, sôbre tela. Representa um homem de mais de cinqüenta anos, de face gorda, olhos pequenos e nariz longo, a cabeça coberta com um barrete negro, o tronco cingido numa murça escura em que só o cordão verde da cruz peitoral e o ouro vivo desta ressaltam. Em S. Francisco conserva-se uma réplica, mais ordinária, dêste retrato, em que uma inscrição refere tratar-se do: «Ill.mo e Ex.mo Snr. D. Antonio Telles de Menezes, Bispo de Lamego e depois Bispo Conde de Coimbra. Edificou este Convento de S. Francisco aos... do mes de novembro de 1587. Consta falecer em 22 de julho de 1598». Nas costas da tela lê-se também: «Este retrato foi copiado do antigo pelo P.e Fr. Joze dos Martyres no mez de Dezb.o de 1819».

Esta inscrição está, evidentemente, errada, e era conve-

niente que desaparecesse do painel. D. António Teles de Meneses nunca foi bispo-conde de Coimbra, nem edificou o convento de S. Francisco. O pintor ou o fradinho curioso que assinalaram com o letreiro supra-mencionado a cópia da pintura de S. Francisco, confundiram D. António Teles com D. António de Vasconcelos, prelado que governou a diocese de Lamego um século após a morte do primeiro e que, de facto, restaurou o convento dos Capuchos.

O original déstes dois retratos encontra-se, segundo a opinião do sr. João Amaral, proficiente e dedicado director do Museu Regional de Lamego, no belo Calvário, *sôbre tábua, que estava no convento das Chagas, e que êle fez transportar para o Museu.*

Efectivamente, nesse painel de grandes dimensões, que acusa claro trabalho do fim do século XVI, vê-se no fundo, à esquerda, em meio busto, colocada na posição habitual dos doadores góticos, uma figura de eclesiástico idoso, de cabeça descoberta, que se assemelha ao retratado das telas atrás mencionadas, e que não pode ser senão o bispo fundador das Chagas.

¿A que artista se deve essa pintura? Ignoro-o. Mas se o painel foi encomendado não em Lisboa, como a pedra tumular, mas em Lamego, com probabilidades de acertar se poderá então atribuir a obra a Gonçalo Guedes, aquele pintor lamecense do fim do século XVI a que se refere um dos documentos adiante transcritos.

GRUPO MODERNO: — *O edifício que em Lamego realiza a transição entre as construções do renascimento e as do grupo moderno é a igreja do convento de Santa Cruz.*

Fundado no arrabalde de Vila de Rei pelo Dr. Lourenço Mourão Homem, desembargador do paço, comissário da bula, etc., a sua primeira pedra foi benzida pelo bispo D. António Teles em 14 de Setembro de 1596. Entregue aos padres lóios, ou cónegos de S. João Evangelista, para tal efeito transferidos do velho convento de Recião, êsses, agregados à mais luxuosa e intelectual das ordens existentes ao tempo entre nós, enriqueceram e embelezaram quanto puderam o santuário que lhes fôra entregue, tornando-o o mais importante de Lamego durante o século XVIII.

É de facto à primeira metade dêsse século que a vasta igreja do antigo convento deve os seus revestimentos de madeira entalhada e de ladrilhos. A obra de talha alastra com sumptuosidade pelos altares e na moldura rica dos quadros; o azulejo forra totalmente a capela maior, os braços do transepto e algumas capelas.

Sôbre o tôsco túmulo de granito daquele Manuel Pinto da Fonseca que foi bailio de Acre, lê-se no azulejo a inscrição — ANNO DE 1727 LAMEGO —, *certificando a idade da pintura. A linha geral da composição, o desenho dos acessórios, as cariátides das mísulas, semelhantes às que Policarpo de Oliveira Bernardes desenhou em Vila Viçosa, levam-me a atribuir o revestimento a trabalho ou colaboração da família Bernardes. Já o azulejamento dos Lóios de Évora coubera a António de Oliveira por intermédio do empreiteiro Manuel Borges. Outro ou o mesmo empreiteiro teria solicitado os Bernardes para a execução desta nova obra da Ordem.*

No braço fronteiro àquele onde repousa a ossada do

bailio de Acre assenta outra arca tumular, igualmente tôsca, que recolheu os despojos mortais do bispo de Angra, D. João de Brito e Vasconcelos. Em cartouche *reservada, lê-se ali em cursivo, sôbre o próprio azulejo:* ESTA CAPELA COMPROU D. JOÃO DE BRITO E VASCONCELLOS BISPO Q̄ FOY EM ANGRA, FILHO DE M^EL DA COSTA SOARES FIDALGO DA CAZA DE SUA MAGESTADE E D. CATERINA THEREZA DE VASCONCELLOS E NETO DE JOÃO DE BRITO DE VASCONCELLOS UNICO DESENDENTE DE JANNE MENDES DE VASCONCELLOS, FALECEO EM 29 DE NOVEMBRO DE 1718 ANNOS E FICOU FLEXIVEL. *Um brasão partido em pala, com uma cruz florida a sextra, e seis costelas a dextra, acompanha a inscrição.*

Estes dois sarcófagos, com as estátuas jazendo rígidas nas tampas a relembrar o gótico e o renascimento, revelam em pleno século XVIII *um curioso espírito tradicionalista, de que aliás abundam exemplos na lavoura da pedra.*

Na capela que se abre chegada ao braço direito do transepto, verdadeiro camarim sagrado forrado de talha e pinturas, lê-se sôbre um dos quadrinhos do revestimento lateral a assinatura de um pintor: DEPING. ANT. M.^RO *¿Será António Monteiro mais um artista lamecense a ajuntar àqueles que nos indicam os documentos?*

A capela de João Teixeira de Carvalho, do mesmo lado, assinalada com uma inscrição em 1711, conserva um raríssimo revestimento de azulejos de padrão de laçaria e flores, desenhados a côr de vinho e cheios a azul, no gôsto do desenho miúdo *da faiança seiscentista.*

As grades do côro, a que tão displicentemente se referia o mestre ensamblador Manuel de Sousa (vid. pág. 110), já não existem.

O documento publicado a pág. 56 diz-nos que foi João de Oliveira o mestre da talha da capela de Nossa Senhora do Vale.

*

As obras de transformação do Convento de S. Francisco datam do fim do século XVII, quando vivia o bispo D. António de Vasconcelos, devotado amigo dos Capuchos que ali habitavam.

De anterior a essa época pouco perdura visível. Segundo o Livro Antigo das Profissões, *citado por Fr. Pedro de J. M. J. na* Cronica da Prov. da Conceição, *os lados de nascente e norte da crasta fizeram-se no ano de 1599, custando a pedraria 150 mil réis. Alguns quadros em tábua da primeira metade do século XVII e um lindo armário talvez da mesma época, incrustado numa dependência da sacristia, relembram também os tempos anteriores à reforma.*

D. António de Vasconcelos era sem dúvida um varão virtuoso e de boa vontade, mas não lhe posso perdoar aquele zêlo e devoção que o levava a ordenar nas suas visitas pastorais que se sepultassem as «imagens disformes, que moviam o riso em vez de causarem devoção». Talvez esteja nestas palavras explicado o motivo da raridade das imagens góticas na diocese de Lamego.

D. Fr. Luís da Silva Teles, seu antecessor, que quando ia a S. Francisco, segundo refere o cronista citado, costumava dizer: «Deitem aquella Sé Velha abaixo que a Capela Mor fica por minha conta», custeou o levantamento da mesma capela-mor.

A sacristia da igreja, obra curiosa e característica da arte lamecense do começo do século XVIII, deve-se a D. Tomás de Almeida, que entrou em Lamego em 1707.

Azulejos de Lisboa não falecem à fábrica do templo, sendo os mais interessantes os que forram a capela agora sob a invocação da Senhora da Assunção. Mas uma das notáveis obras que nêle se conservam são as famosas grades da teia que o mestre ensamblador Manuel de Sousa planeou e executou (vid. pág. 111).

A estas grades, na verdade notáveis como composição, material empregado e execução, se referia o cronista Frei Pedro, aliás sem revelar o nome do obreiro, nestes termos: «O cruzeiro divide-o huma grade de pau preto fabricada com grande perfeição e tem servido de norma a outras semelhantes que ha na provincia».

Foi também D. António que as pagou. Aproximam-se-lhe muito as da capela da Senhora dos Meninos.

Na dependência da sacristia a que acima me referi ao citar o armário renascimento lá existente, encontra-se uma outra obra de arte industrial digna de menção. É uma grande arca de madeira, chapeada, quási coberta de ferros recortados em estilo tradicional, em cujo frontal se lê, igualmente desenhada no ferro, a data 1689.

Mais uma obra demonstradora da perícia dessas gerações de serralheiros de Lamego, cuja última vergôntea é Lourenço Chaves de Almeida. ¡Ao contacto com o meio coimbrão, o lamecense alteou a alma até o Santo Gral sublime da sua arte!

Das numerosas capelas de Lamego que o Santuario Mariano *relaciona no tómo 3.º, a que mais nos interessa sob o aspecto artístico é a Senhora do Destêrro.*

Conta-nos Frei Agostinho de Santa Maria que a antiga ermida dessa invocação estava situada na Corredoura, e que com o correr dos tempos se encontrava em total ruína, quando um devoto se lembrara de recorrer ao bailio de Leça Frei Luís Álvares de Távora para que ajudasse à sua renovação. De boa vontade acedera o bailio, custeando a nova fábrica, que foi erguida junto à Cruz dos Esgalhos. Ao tempo em que o cronista mariano escrevia —primeiro decénio do século XVIII— a ermida, administrada por uma Irmandade rica e poderosa, era a melhor e mais bem adornada da cidade.

Se o autor do Santuario *se comprazia em celebrar largamente a riqueza da capela, ¡quantas páginas louvaminheiras nos proporcionaria se pudesse antever a sumptuosidade do templo nos meados do século XVIII!*

Em fins de 1735 a Irmandade, tendo decidido construir uma tribuna rica e apainelar o tecto, abriu praça para a obra, que foi arrematada pelo mestre imaginário Manuel Machado, assistente na Tórre do Terrenho, comarca de Pinhel. O contrato que adiante se pode ler foi lavrado em Janeiro de 1736. É um documento precioso para o conhecimento da terminologia técnica do ofício na época.

Em Maio de 1738 arrematataram a obra dos altares colaterais, que primitivamente eram dedicados a S. Gon-

Fig. 2. — Museu Regional de Lamego. Nossa Senhora e um Apostolo. Esculturas de madeira, provavelmente do século XIV.

çalo e a Santo António, os mestres entalhadores de Lamego, Manuel Martins e Manuel Gouveia (vid. pág. 46).

Só não consegui descobrir o documento oficial referente aos grandes painéis que enriquecem as paredes do corpo do santuário. Devem ser imediatamente posteriores às obras mencionadas, pois que a sua colocação modificou certas disposições do contrato de 1736.

Se a talha empregada na tribuna, nos altares dos ombros, no revestimento do cruzeiro, nos pavilhões laterais e na edícula-camarim do fecho do arco, é rica de linha geral, perfeita na composição, misturando agradàvelmente os elementos de carácter fitomórfico com as figuras graciosas dos querubins e dos atlantes que como manchas rosadas surgem de entre a folhagem dourada, aquela que reveste as colossais molduras dos quadros não destoa do conjunto a pesar-da sua aplicação um pouco forçada, e é muito natural que pertença igualmente a algum dos três Manuéis *(Gouveia, Machado e Martins), já agora indissolùvelmente ligados à escultura lamecense da época joanina.*

Dos belos e grandes painéis da Anunciação, Adoração dos Pastores, Adoração dos Magos, Apresentação no Templo e Fuga para o Egipto *que estadeiam no corpo da capela a sua esmaecida policromia italiana, nada se pode dizer precisamente. Havia ao tempo um grupo de artistas lisbonenses, alguns dêles educados em Itália, que trabalhavam bem e de-pressa, com a largueza de traço e o colorido exigidos pelos grandes espaços que era necessário cobrir de pintura, fôsse nas igrejas ou nos teatros. ¿A qual dêstes se podem atribuir essas obras? Volkmar*

Machado dá-nos conta dos seus nomes, relaciona as suas obras, indica por vezes as que escaparam ao terramoto. Mas a época é ainda tão pouco conhecida (mais por falta de estudos que de documentos), que dificilmente se podem fazer afirmações ou atribuïções de autoria.

*

Pedreiros, entalhadores, serralheiros e sirgueiros, com a modesta labuta diária dos seus ofícios, fizeram de Lamego um centro artístico importante. Os monumentos, sagrados e profanos, patenteiam-nos ainda parte das riquezas acumuladas em séculos de labor; e os documentos que seguem revelam-nos a autoria de muitas das obras existentes.

Mas nem tudo se ficou conhecendo, nem tudo se compendiou. A história artística de Lamego, tal como ela tem de ser encarada, à face da documentação completa, do exame exaustivo dos monumentos, e do estudo genealógico das oficinas locais dos obreiros da pedra, da madeira, do ferro e da sêda, está longe de ficar definida. Da vasta tarefa a realizar, esta obra lança sòmente os alicerces.

O livro Artistas de Lamego *vem desbravar um matagal. Traz um ideal e aplica um método. Espero que um seja compreendido e o outro seguido.*

Antes de terminar êste prefácio não quero deixar de expressar a alguns amigos os agradecimentos que lhes devo pelo auxílio que me ministraram para a elaboração da monografia.

Em primeiro lugar ao Dr. Joaquim de Carvalho, meu colega na Faculdade e administrador da Imprensa da Universidade, que me publica o livro na colecção dos Subsídios para a História da Arte Portuguesa. *Agradecendo-lhe, eu presto implìcitamente homenagem a um lamecense, o Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, meu antecessor na cadeira de História da Arte e antecessor do Dr. Joaquim de Carvalho na Administração da Imprensa, pois foi êle quem lançou as bases da colectânea de história artística que tão brilhantemente o seu sucessor dirige.*

Em segundo lugar aos lamecenses que me auxiliaram na rebusca das velharias monumentais e documentais da cidade: o Sr. Dr. Alfredo de Sousa, que me patenteou os Arquivos da Misericórdia e da Câmara; o Sr. Sancho de Magalhães, cujo cartório foi a minha melhor fonte de consulta; e o Sr. João Amaral, dedicado director do Museu Regional, que enriqueceu êste livro com um belo retrato de um dos bispos que mais deram que fazer aos artistas de Lamego.

Fig. 3. — Sé de Lamego. Portal correspondente à nave do Evangelho
Obra do mestre pedreiro João Lopes
auxiliado, na decoração *de romano*, por João de Vargas
e João de Pamenes (1508-1515).

(*Fot. V. Correia*)

ARTISTAS DE LAMEGO

AFONSO (Bastião), *pintor*. — O nome dêste pintor aparece numa lista de irmãos da Misericórdia, que encontrei no primeiro livro de contas desta instituïção, referente ao ano de 1519, a fls. 19: — «bastiam A° pimtor...»

ALMEIDA (Manuel de), *ourives*. — Vivia em Lamego, à ponte da Olaria, no primeiro têrço do século XVIII. A fl. 16 v.° das notas de João Baptista, de 1722-1723, encontro menção de um «Dr.° do comv.to das Chagas q̃ da a Madre Abbadeca e Relligiozas deputadas do d.° Comv.to a M.el de Alm.da hurives da Rua da Olaria desta Cid.e». Das notas de Vicente de Paiva Pinto (1735-1738), da fl. 75 v.° transcrevo passagens de um contrato de obra que o artista se comprometeu a executar em 1736:

«Escritura de obrigação de fiança da obra dos Castisais da Igr.a de V.a Nova de foscoa q̃ fes M.el de Alm.da ourives desta Cid.e — Saibam q.tos... como no a. do n. de n. s. j. c. de mil e setecentos e trinta e seis aos dezaseis dias do mes de abril do d.° ano nesta Cid.e de Lam.° a

ponte da olaria della cazas das moradas de M.el de Almd.a hurives de prata adonde eu Tabelião vim estando elle ahi prez.te e sendo pesoa bem conhecida de mim t.am e das t.as... logo ahi pello sobredito M.el de Almeida foi dito q̃ elle tinha arematado huma obra de huns castisais e galhetas de prata p.a a Igreia de v.a nova de foscoa cuja obra se detreminara em vezita a mandala fazer o R.do encomendado da d.a Igr.a o coal tinha recorrido ao m.to R.do D.or Provizor deste bispado como constava de huma petição do theor seguinte — diz o p.e Joseph diogo de fig.do abb.e encomendado da Igr.a vaga de v.a nova de foscoa deste bispado...»

ALVAM E MENESES (José de Araújo), *pintor*. — Natural de Vila Real. Habitava em 1737 em Freixo de Numão. Em 4 de Dezembro dêsse ano arrematou a obra de douramento e pintura da capela mor da igreja da Pesqueira, como consta da escritura lavrada a fl. 167 do livro de notas de 1735 a 1738 do tabelião Vicente de Paiva Pinto (hoje no cartório de Jacinto Cruz), a qual transcrevo na parte mais importante sob o ponto de vista artístico:

«— Escritura de segurança e fiança do douram.to e pintura da capella mor da Igr.a da V.a da pesqueira q̃ faz Joseph de Arahujo Alvão e Menezes de V.a Real asist.te em freixo de nemão — Saibam quantos... como no ano do n. de n. s. j. c. de 1737 anos aos quatro dias do mez de Dezembro do d.o ano nesta Cid.e de Lam.o em morada de mim t.am apareseu prezente Joseph de Arahujo Alvam e Menezes mestre pintor e dourador asist.e em freixo de

nemão... loguo hi por elle foi dito q̃ elle tinha arematado a pintura e douramento da tribuna e capella mor da capella e Igr.ª de Santa M.ª da V.ª de S. João da pesqueira deste Bispado em preço e quanthia de coatro centos e trinta e sinco mil reis cuja obra consta dos apontam.tos do theor seg.te = Consta de retabolo q̃ sera todo dourado de ouro subido de cor m.to agradavel e alguns pedaços de ouro q̃ se acharem velhos se lavarão p.ª ficar igual, them seu camarote q̃ consta de des coadros com seus frizos os coais frizos serão dourados e os coadros de brutesco em campo branco, tem o retablo huns lizos nos lados q̃ levaram ou pintaram em elles Sam Pedro e S. Paullo, tem mais huns bucados q̃ já foram pintados mas por estarem velhos se pintaram de brutesquo bom do camarote seram feito com tintas finas e com miudeza, e o respaldo do camarote tambem sera pintado de brutesco, e as portas por honde se entra p.ª a tribuna seram pintadas com algum lavor de tintas de cor q̃ milhor acomodar á perfeisam da obra, o teto them vinte e outo coadros q̃ se pintaram com côres finas e seram figuras ou pasos da escriptura sagrada e os rompantes seram dourados com ouro sobido igual ao do retabolo, as paredes desta capella maior seram pintadas de azul de esmalte fino as coais pinturas serao santos en o dezerto com seus paises e tudo feito com m.ta perfeisão e hum sam fran.co q̃ se acha em o retabolo sera emcarnado com emcarnasam fina bem resplandesente e o abito sera pintado de olio com seus ramos de ouro, e a porta da sancrestia sera pintada em hordem q̃ fique bem e a pedraria della de jaspe bem feito, e o aparelho do ouro sera f.to a conciencia p.ª q̃ fique bem lizo e seguro

com muita permanencia e tudo o mais da mesma sorte e a Sra. da Conseisão q̃ se acha já estufada sera somente emcarnada com emcarnasam fina... »

Foram testemunhas desta escritura Domingos de Crasto, da Rua da Calçada, e Luís Vieira Pinto, da Sr.ª do Destêrro. O documento mostra-nos claramente os múltiplos objectivos da função do pintor, desde o fingimento da pedra, ao douramento. ¡Como se vê, as obrigações de um pintor setecentista provinciano pouco variavam das dos pintores quinhentistas da côrte!

ANES (Vasco), *ourives.* — A mesma lista dos irmãos, no ano de 1520, da Misericórdia, nos dá como vivendo também na Rua do Poço, a «Vco Anes oryvez». No «Tombo» da Camara, do ano de 1530, a fl. 26, no capítulo referente a Souto Covo, encontra-se a seguinte nota, onde se menciona o artista:

«e honde chamaoo mª velha tem a çidade hua vinha que parte de huũ cabo com vinha dallvro dollyveira e do outro com souto do genro de Vco eanes ourivez que lleuara sete homẽs de caua / trazea cna dias de souto couo nora que foy de pallo cremente / e traz mais hũma corte de porcos q̃ he da çidade no Recio de Souto couo na porta das suas casas e pagua de foro da dita sorte a çidade em cada huũ anno pª sempre quatro reis / E da vinha pagua de foro a cidade em cada huũ anno pª sempre...»

ANTÓNIO (João), *imaginário.* — Trabalhava em Lamego em 1568. No livro de contas da Misericórdia, referente a 1567-1568, a fls. 64, no «T.º das dividas q̃ devẽ a

casa», encontro a seguinte informação: — «João Ãtº deve a casa quinhentos rs q̃ o dayao lhe mãdou ẽprestar sẽdo pvedor / he obrigado João ãtº a fazer quatro Imagẽs pª os altares / E dizẽ q̃ ja he pago delas e tristao vaz tem o asinado digo / E o mazacote dizẽ que esta ja pago da pimtura delas segũdo diz tristao vaz que o sabe por ser no seu ano...»

ANTUNES (Gregório), *pintor*. — Foi para casa dêste pintor, morador em Lisboa, que no ano de 1605 António Vieira, de Lamego, enviou seu filho António em aprendizagem regulamentar de seis anos. O importante documento que se refere a êsse facto, será transcrito adiante.

ANTUNES (Simão), *pintor*. — No masso de documentos da Misericórdia, referente ao ano de 1573-1574, encontrei a fl. 52 v.º, a seguinte nota: — «Retirarao do cofre trezentos Rs q̃ se derao a Simão ãtunes pimtor q̃ pimtou as lletras do pullpeto e porta da casa q̃ vai pª o cabido». ¿Seria êste Simão Antunes parente do pintor Gregório Antunes que trabalhava em Lisboa no fim do século XVI e a quem António Vieira entregou um filho em aprendizagem?

ARAÚJO (José de), *carpinteiro*. — Assina, em 21 de Maio de 1734, uma escritura de obrigação da obra de carpintaria da Sacristia da Igreja de Outeiro de Gatos, do Bispado de Lamego. Pela escritura fica-se sabendo que o artista residia nessa povoação. O documento acha-se exarado a fl. 177 do «Livro de Notas do tabeliam João Bap-

tista referente aos anos de 1732 a 1734» (cartório de Jacinto Cruz).

BARROS (MATEUS DE), *ourives.* — Foi encarregado pelos moradores de Pendilhe de lhes fazer uma cruz para a sua igreja, em 1589. No livro de Notas de Diogo de Morais, referente a êsse ano, a fl. 10, encontra-se o público instrumento que autenticou êsse encargo:

«Obriguação q̃ fez Mateus de bairos orives a cruz da Igreja de pendilhe — Saibão os q̃ este estrom.to de obriguação vyrem q̃ no ano do nacimento de noso sñr jhu xpo de mil e quinhentos e oitenta e nove aos vinte e cinco dīas do mes de setembro em a cidade de llameguo nas pousadas de dos da mota mestre escolla da santa se desta cidade hy perãte mym tam e tas ao diante nomeadas pareçeo mateus de bairos orives mor na dita cidade e disse q̃ elle estava comtratado com os moradores do lluguar de pemdilhe co sobre sy pa lhe fazer hũa cruz de prata pa a Igreja de nosa snra do dito lluguar / a quall cruz elle dito mateus de bairos se obryguava e de fto obriguou fazer de sete marcos de prata de pezo pouco mais ou menos a razão de dous mill e seis centos reis cada marco / e seria a dita cruz da obra e feyto comforme a hũ asinado q̃ acerca diso tynhã feito elle dito mateus de bairos e os moradores do dito lluguar...»

Foram testemunhas dêste contrato João da Mata, sobrinho do mestre escola da Sé, e Filipe Coelho, vigário da igreja de Pendilhe.

BARROSO (DUARTE), *ourives.* — No «Lyvro dos sem-

cos (?) do Cabydo desta cydade de lamego de todos seus foros e rendimentos de todas suas rendas do ano que comecou por saom Joao de myll e quynhentos e cinquenta e outo anos e acabara por outro tall de cymquoenta e nove das quaes rendas foram aremdadores o dito ano os senhores arcediago da see e acypreste e o conego Amtº pyz» encontrei menção de um ourives dêste nome que habitara entre a ponte de Balsemão e a da Olaria: — «... huas casas q̃ teve duarte baroso ourivez, pagão por saon miguel, 120 rs...». Êste livro quinhentista conserva-se no arquivo do Cabido, hoje na secção de Obras Públicas de Lamego.

BASTOS (António de), *pedreiro e arquitecto.* — Artista de certa nomeada nos fins do século xvii e comêço do xviii, a quem Lamego deve a traça e a obra de alguns dos seus velhos palácios. É o autor da planta da casa apalaçada que se ergue defronte da Sé, onde hoje está instalado o Hotel Comércio, e que foi levantada em 1701 pelos mestres pedreiros Bento de Castro, Manuel Cardoso e Manuel Roiz. Em 1702 e 1703, de companhia com Manuel Pais, arremata a execução de obras importantes no Convento de Santo António de Ferreirim (Vide a monografia dêste monumento). Residia na Rua de S. Lázaro.

CARDOSO (Manuel), *pedreiro.* — Arrematou, juntamente com Bento de Crasto, a construção do palácio de José Teixeira de Macedo, em frente da Sé. Habitava o artista, ao tempo (ano de 1701), na Rua Torta.

CARVALHO (Manuel de), *entalhador.* — Habitava êste

mestre escultor na vila de Britiande com sua mulher Isabel da Costa, vivendo na mesma terra Nicolau Duarte de Carvalho, seu irmão, que em Novembro de 1711 lhe serve de fiador na obra das cadeiras do côro da igreja do convento de Ferreirim. O seu trabalho, ainda hoje regularmente conservado, indica-nos que êste escultor de aldeia, possuindo com perfeição tôda a técnica seiscentista de lavrar a madeira, não era um bom artista. As cadeiras que desenhou e executou para o côro são as mais infelizes que conheço, como linha e ornamentação. A talha que reveste as paredes do côro é, porém, magnífica, de folhagem exuberante, indicando claramente uma longa prática de execução sôbre modelos conhecidos e familiares. A escritura de contrato data de 12 de Novembro de 1711 (Vide a monografia do convento). É muito possível que a Manuel de Carvalho se deva também a obra da tribuna da igreja da Misericórdia de Tarouca. No livro de contas desta instituïção, que começa em 1693, encontro a indicação de que em 1705 um Manuel de Carvalho fez o fôrro, seguindo-se logo a nota da despesa feita com o mestre que arrematou o acrescento do retábulo e com os imaginários que fizeram a tribuna (fl. 16 v.º e 17 v.º). Atendendo à vizinhança de Britiande e Tarouca, e à importância do mestre, pederemos conjecturar que êle trabalhou para a Misericórdia, apesar do seu nome não vir claramente mencionado a propósito da obra da tribuna como o fôra a respeito do fôrro, se é que não se trata simplesmente de um homónimo do escultor.

COELHO (António), *pedreiro.* — Em 3 de Março de

1563, António Coelho, de Arneiroz, intervém como medidor da pedra empregada, nas obras que João do Rêgo fazia na capela da Misericórdia (L.os de Contas da Mis.a). Em 1573, como consta dos mesmos livros, a Misericórdia emprega-o em vários trabalhos.

No livro de Notas de Diogo de Morais, do ano de 1584 (hoje no cartório de Jacinto M. da Cruz), a fl. 48, encontra-se uma «Obryguação antre bryatis cerqra e ãto coelho darneiroz» feita em 16 de Março de 1584, em que o mestre pedreiro se compromete a fazer a obra das paredes das casas de Beatriz Cerqueira, dona viúva, que estavam começadas «junto com o mostro de S. Francisco», paredes que partiam, de uma banda com casas de João Fernandes, serralheiro, e da outra com um muro do mosteiro.

CORDEIRO (Brás), *sirgueiro.* — No «Titulo das esmolas» do Livro de contas da Misericórdia de Lamego, do ano de 1561, achamos que êste personagem concorreu com trinta réis para o cofre da Santa Casa. Em 1567-1568 o mesmo artista faz parte, na classe dos *irmãos mequanicos*, da mesa, encontrando-se a fl. 87 do «Livro de Contas» dêsse ano, sob o «Titulo das Amisades que fez a Casa», a seguinte curiosa informação: — «concertarão e fizerã amigos a bras cordeiro e a frco gomes cõ po glz trombeteiro q̃ tambẽ andavõ em grandes demandas...».

CORREIA (João), *carpinteiro.* — Morador à ponte do Balsemão. Em 4 de Junho de 1702 ficou por fiador da obra dos dormitórios velhos que o carpinteiro João Mon-

teiro arrematara ao administrador do Convento de Santo António de Ferreirim.

COSTA (Francisco Esteves), *construtor de órgãos.* — Era padre e natural da vila de Melgaço, exercendo a sua actividade habitualmente no Minho. O seu nome aparece numa «Escriptr.ª de obrigaçam p.ª se fazer a obra do orgam do Conv.to de S.to An.to de ferreirim» inserta num livro antigo de notas com o n.º 46 e de 1717 a 1719, que existe no cartório do escrivão Sancho de Magalhães (Vide a monografia do Convento). Essa escritura tem a data de 5 de Dezembro de 1717.

COUTINHO (António Mendes), *pedreiro.* — Era, nos meados do século XVIII, um dos melhores mestres pedreiros da cidade, e como todos os bons mestres do ofício, meio empreiteiro e meio arquitecto. Em 1740 faz com mais três companheiros um contrato de sociedade, cuja publicação julgo digna de interêsse, e que transcrevo de um «Livro de notas» de Vicente de Paiva Pinto, de 1738 a 1741 (hoje no cartório de Jacinto Cruz): — «Escritura de contrato e sociedade q̃ fazem o mestre João Martins e João Lourenço e Antonio Mendes e M.el Monteiro, m.es pedreiros, asis.tes nesta Cid.e — Saibam quantos este publiquo instrom.to de escritura de contrato e sociedade virem q̃ no ano do n. de n. s. j. c. de 1740 anos, aos 20 dias do mes de m.ço nesta cid.e de Lam.º em moradas de mim t.am adonde apareserão prezentes João Martins e João Lourenço e An.to Mendes e M.el Montr.º mestres pedreiros todos pesoas bem conhecidas das testemunhas desta

nota ao diante nomiadas e no fim della assinadas logo hi por elles foi dito q̃ elles estavão ajustados entre todos de darem huns aos outros sociedade e emtrada em toda e qualquer obra q̃ coalquer delles thomar darquitetura pedraria ou carpintaria chegando o emporte della a cem mil reis e dahi pª sima e asim declararam todos e cada hum por si in solidum de q̃ tomando coalquer delles alguma obra das asima ditas e pellas d.as q.tas dariam huns aos outros emtrada na mesma obra e q̃ em coalquer dellas q̃ forem havendo ganancia ou perda sera por conta de todos...»

Nove anos depois, a 8 de Maio de 1749, António Mendes, então «mestre pedreiro em as obras da Sé», serve de fiador ao mestre escultor João Correia Monteiro na obra que êste se obrigou a fazer na tribuna do Convento de Santo António de Viseu.

CRASTO (Bento de), *pedreiro*. — Foi um dos autores da construção da casa apalaçada que se ergue em frente do adro da Sé, e que ostenta ainda sôbre o portal um escudo de armas, talvez as de José Teixeira de Macedo, que mandou executar a obra. A fls. 15 v.º do Livro de Notas de João Lôbo Pimentel, de 1701 a 1703 (hoje cartório Jacinto), encontra-se o seguinte documento, que transcrevo integralmente, referente à obra e seus autores e executantes: — «Escritr.ª de contrato q̃ fes Jose Teyxra de Masedo desta Cid.e com Bento de Crasto da Rua da Pereira e M.el Cardoso da Rua Torta ambos desta Cid.e e Mel Roiz do lugar de Sepais tr.º desta Cid.e todos pedreiros — Saibão q.tos... de mil setecentos e hum, oito dias de

Maio, nesta Cid.e de Lam.o em cazas e m.as do L.do Simão Teyxra Leitão onde eu t.am fui sendo ahi prez.te Joseph Teyxra de Masedo desta Cid.e e Manuel Cardoso pedreiro da rua torta desta Cid.e e Bento de Crasto pedr.o da rua da Pereira da mesma Cid.e e M.el Roiz pedreiro do lugar de sepais tr.o desta Cid.e todos p.cas bem conhecidas de mim t.am e testas ao d.e asin.das no fim desta nota e logo plo dito José Teyxra de Masedo foi d.to q̃ ele estava comtratado com os d.os Bento de Crasto e M.el Cardoso e M.el Roiz q̃ prezentes estavão de lhe fazerem huas cazas sitas defronte da See desta Cid.e na forma da planta asinada por An.to de Bastos e q̃ farão a braça de alvenaria a tres mil e outocentos reis cada braça e cada braça de petipe de cantaria a sinquo mil reis e cada braço de silharia dos cunhais sinquo mil reis e cada jenela das logeas de asentos na frontaria pla medida da planta a seis mil e coatro sentos reis e cada jenela rasgada da frontaria na forma da planta a catorze mil e duztos e sinq.ta reis; a porta da rua com o asento da pedra das armas abrindo as ele d.to José Teyx.ra as armas por sua conta trinta mil reis, e todas as mais portas de dentro asi de alcobas como adegas e das mais cazas do tamanho e grandeza das cazas do R.do Ar.do da See a seis mil e coatrocentos reis e todas as mais gornisois q̃ a planta pedir plo preso da escritr.a q̃ se fez ao R.do Ar.do das suas cazas q̃ estão nas minhas notas, e asi farão mais os caleiros de cantaria em sima das paredes adonde for necesario cada palmo a seis vinteis com suas gargolas na mesma forma e abrirão os aliserses por sua conta e farão as estadas por sua conta dando lhe as traves e quinze duzias de madeira caibros e taboois e lhe descon-

tarão no preso o dr.º q̃ ele lhe hade dar da d.ª obra trezentos e trinta mil reis pla pedra velha das ditas cazas e lhe farão os cunhais q̃ fiquão p.ª a p.te do campo de cantaria medindose por alvenaria lavrados de cabesa de gato o lhe discontarão o vão das cazas de genelas e portas e farão hua parede no cabo da baranda velha a setectos e sinqta reis a braça pondolhe a genela da sala da sua caza no m.º da parede, a medisão dos cunhais da frontaria se medirão pla p.te donde são lavrados e terão na largura das paredes comforme as do R.do Ar.do da See e levarão as paredes como as demais e farão hua chiminé no salão detraz das armas na forma da do R.do Ar.do e plo mesmo preso e não meterão pedra nenhũa da velha nas prim.ras tres cazas de diante nem levarão pedra preta se não toda branqua asi portais como a escada e a mais pedra de cantaria q̃ as d.tas cazas tem servirão nos portais de dentro e asi farão a escada em preso de sento e sinquo mil reis cabendo arco se fara com ele e não cabendo arco sera com colunas e capiteis e sera vista por ofesiais...».

CRUZ (Domingos Lourenço), *pedreiro*. — Conhecemos êste nome por uma procuração que o mestre pedreiro Domingos Lourenço Cruz, natural de S. Martinho de Lanhelas, têrmo da vila de Caminha, comarca de Valença, arcebispado de Braga «asistente nesta Cid.e nas obras do Novo Hospital desta Cid.e de Lam.º» passa a seu primo Francisco Lourenço Reduto, em 12 de Novembro de 1732, e que encontrei nas notas do tabelião João Baptista (hoje no cartório de Jacinto Cruz). Além de nos indicar o nome do artista êsse documento menciona a época em que se

levantou o lindo edifício semi-arruïnado e queimado que se ergue sôbre a praça da Sé e que hoje se chama o Hospital Velho.

DINIS (Bernardo), *calígrafo*. — No «Livro dos pagamentos e despezas» do Cabido, referente ao ano de 1654, a fl. 86 v.º, encontro que em 27 de Novembro dêsse ano se deu a Bernardo Dinis quatrocentos réis do trabalho de «tresladar hum quaderno de missas p.ª a Igreia de Magueija». Êste «Livro dos pagamentos», bem como alguns centos de outros, pertencentes à mesma entidade religiosa, acham-se guardados, actualmente, numa dependência da Repartição de Obras Públicas de Lamego.

EIRIM (Francisco de), *pedreiro*. — O seu nome aparece numa «Escriptura de obrigação da obra das cazas e lagares e Dornas tudo de pedraria q̃ fas fr.co de Eirim mestre pedr.º natural do Reino de Galliza e asistente na v.ª de medello, a Joseph Luis do Desterro da Rua da Corredoira desta Cid.e» exarada nas notas de João Baptista em 7 de Dezembro de 1732.

ESTEVES (Manuel), *carpinteiro*. — Construíu para a Misericórdia de Lamego, em 1573, os caixões, ou sejam os arcazes, da sacristia.

FARIA (Pedro Cardoso), *pintor*. — Viveu e trabalhou em Lamego nos meados do século xvii. No Livro de Notas de João de Moura Coutinho, de 1655 a 1658, a fl. 26 v.º, sob o título «Obrigação de P.º Cardozo Pintor»,

encontra-se um contrato para a feitura da obra da capela mor «pintada e dourada na forma das traças e rascunhos que fez Ant.º d'Almeida de Gouvea e dos apontamentos feitos pelo dito Pedro Cardoso, pintor».

No livro de 1670 a 1671 do mesmo tabelião se menciona também que a 17 de Julho de 1670 o artista se obrigou a dourar e estufar o altar de São Bento, da Sé.

FERNANDES (André), *serralheiro.* — Fez as grades para a Casa de Despacho da Misericórdia (*Livro de Contas* de 1636 a 1637).

FERNANDES (Diogo), *serralheiro.* — Durante o século XVI encontro nos documentos os nomes de três serralheiros de apelido Fernandes: em 1520 Francisco Fernandes, morador à praça de Almacave; em 1561 e 1565, Diogo Fernandes, que morava perto da Misericórdia; e em 1573, 1578 e 1584, um João Fernandes, assistente junto ao mosteiro de S. Francisco. Apesar da vulgaridade do apelido pode muito bem ser que tenhamos perante nós os representantes, pai, filho e neto, de uma geração de artistas do ferro, a um dos quais tenho o maior desejo de atribuir a bela obra da grade da capela do claustro da Sé, que o bispo D. Manuel de Noronha mandou construir no séc. XVI. Não me apontando os documentos coevos outro artista, e não sendo natural que a grade fôsse encomendada fora da cidade, julgo-me no direito de lha atribuir, ao menos provisòriamente. Diogo Fernandes trabalha para a Misericórdia em 1561 (*Livro de Contas*, fl. 46 v.º), e nêsse mesmo ano dá de esmola à casa, vinte réis. No

ano de 1565 os irmãos da Misericórdia «concertarõ e fizerõ amigos a hum criado do d.º frz sarralheiro com d.os Roiz sombreireiro, m.es junto desta Casa da Mīa...»

FERNANDES (Francisco), *serralheiro.* — O «Livro dos assentos» da Misericórdia de Lamego referente ao ano de 1520, diz-nos que êste artista, irmão na mesma instituïção, estava estabelecido na Praça de Almacave.

FERNANDES (Guilherme), *toalheiro.* — Vivia em 1561 em Lamego, como se infere de uma esmola que deu à Misericórdia, mencionada no livro de contas dêsse ano.

FERNANDES (Jacob), *pedreiro.* — Morador em Lamego, à ponte do Balsemão. Em 27 de Abril de 1734 contrata com Manuel Roiz Paiva, da Rua da Calçada, representante dos moradores do lugar de Pendilhe, a execução de certas obras na igreja da referida localidade (Notas de João Baptista, hoje no cartório de Jacinto Cruz, ano de 1734, fl. 166 v.º).

FERNANDES (João), *serralheiro.* — Possìvelmente filho de Diogo Fernandes, mestre do mesmo ofício, trabalhava em Lamego no último quartel do século XVI. No livro de contas da Misericórdia referente ao ano de 1573-74, encontra-se, a fl. 64, que, entre outros trabalhos, os irmãos «mandarão fazer as grades de ferro que fez João frz sarralheiro q̃ estão nos pentoris no altar mor q̃ custarão dezanove mil e quinhentos Rs...»

Em 1577-1578 encontramo-lo entre os irmãos mecânicos

Fig. 4. — Museu Regional de Lamego — Retrato do bispo D. Antonio Teles de Menezes, no quadro *O Calvario*, oferecido pelo prelado ao Convento das Chagas de Lamego.

Desenho a lapis do Sr. João Amaral
Director do Museu de Lamego.

que faziam parte da Mesa. Finalmente, na «Obriguação antre bryatis cerq^ra e ãt^o coelho de arneiroz», já atrás extratada, menciona-se a sua casa, situada junto ao mosteiro de S. Francisco.

FERNANDES (João), *carpinteiro.* — Aparece o seu nome nas contas da Misericórdia, em 1565.

FERNANDES (Pedro), *pedreiro.* — De Outerela, freguesia de Sepais, comarca de Guimarães. Juntamente com João Soares Lírio, testemunhou no contrato da construção do órgão do Convento de Ferreirim.

FERNANDES (Simão), *ourives.* — Na lista dos irmãos da Misericórdia, do ano de 1520, figura «simão frz ouryves», morador na Rua do Poço.

FERREIRA (Domingos), *pedreiro e arquitecto.* — Natural de Ferreira, concelho de Coura, assistia em 1702 na freguesia de Barrô, onde possìvelmente dirigia alguma obrá importante. O povo da freguesia de Samodães, desejando acrescentar a sua igreja, dirigiu-se a êle e contratou os trabalhos a executar, lavrando-se da combinação uma escritura nas notas do tabelião Jerónimo Botelho (hoje no cartório do escrivão Sancho de Magalhães), a 19 de Novembro de 1702.

«Escriptura de cõtrato e obrigação de se fazer o acresentam.^to da Igreia de Samodais — Saibam q^tos este p^co instrõm^to de cõtrato e obrigação como em dr^to dizer se possa virem em como no anno do nasim.^to de n. s. j. c. de

mil setecentos e dous annos aos dezanove de dias do mes de novembro do dito anno em a Igreia de Semudains termo da Cid.e de Lam.o adonde eu t.am vim sendo ahj prezente o m.to R.do fr.co de Carv.o Carn.o abb.e da dita Igreia, e outrosi João Teixeira de Soutello, Ant.o da fon.ca pr.a do Outr.o, Miguel p.to de Angorez, Andre Roiz Bolhoro do mesmo lugar eleitos os coatro sobre ditos p.a o negocio abaixo declarado; E asim mais Jozeph da Fon.ca juiz da dita Igreia e p.dor della M.el Cardoso e mais pesoas do povo e freguesia abaixo asinadas e pesoas conhecidas de mim escrivão; E sendo outrosi prezentes D.os fr.ra natural que disse ser do lugar de fr.ra C.o de Coura Comarqua de Vianna e hora asistente na freg.a de Barrô C.o de Sam Martinho de Mouros mestre darquitetura pesoa conhecida das testemunhas ao diante nomeadas q̃ diserão hera o mesmo e sendo asy todos prezentes por elles juis e p.dor e mais pesoas asima nomeadas foj dito q̃ elles por hua devassa e em nome do dito povo desta freg.a querião acrescentar e fazer mayor essa Igreia por ser piquena no tempo e nos dias de festas. E pera perfeisão do dito acresentam.to estavão compostos em nome do dito povo cõ o dito D.os fr.ra p.a fazer a dita obra na forma dos apontam.tos seguintes. Sera acresemtada athe onde chega a parede da galilé; sera a fronteria toda de cantaria toda lavrada de piquo meudo, e por dentro de pedra preta a justar na de fora, e serão as paredes tranqueiradas de sinco em sinco palmos cõ pedra branqua que faceem de dentro e de fora, e tera a porta de largo sete palmos e meio, e de alto treze athe o sima do arco, que sera de volta redonda, e por dentro seu escassão de pessas com

parte de cirquo que o levante mais que os esquasois de pedra que se costumam fazer, e dous cunhais que terão tres palmos e meio da quina p.ª o resalto p.ª hua e outra parte com suas vazas e capiteis toscos nos cunhais cada hum cõ sua piramida, e o arco tera seu capitel tosquo, donde começa a volver e o arco sera resaltiado como os cunhais com tres palmos de adoela, e a cornija do impeno sera da mesma moldura de que esta lavrada a meza do campanario, e podendo fazer mais algum abazamento o poderão fazer; sera a parede da fronteria de coatro palmos de groso livre dos resaltos, e as outras das bamdas serão de alvenaria e na grosura cõresponderão com as outras que vem, e as piramedas dos cunhais terão nove palmos, e tres piramedas no campanario terão coatro palmos e meio com todas com suas bollas, e huma fresta de seis palmos de alto e dous e meio de largo, se emtende no meio, e rasgara hum coito p.ª cada banda de camtaria de fora asemtada em cal e de dentro com barro da terra, e a grade da fresta mandara fazer o povo... e se lhe dara caza p.ª se recolher assim mestre como ofesiais... e que por essa obra avião de dar ao dito D.os frr.ª por conta do povo desta freg.ª noventa e sinco mil reis em tres pagas iguais...»

FERREIRA (Luís António), *pintor*. — Vivia em Lamego, na Rua Direita. No «Livro de Notas» de António da Cunha, de 1741 a 1748, aparecem dous contratos firmados por êste artista: o primeiro a fls. 114, uma «Escriptura da obra de pintura das janellas e suas portas do Paso Episcupal desta Cid.e e fiança a ella que fes o pintor Luis

Ant.º Ferr.ª desta Cid.ª» datado de 2 de Março de 1743; e o segundo a fl. 178 v.º, de que transcrevo as partes capitais:

«Escriptura de sigurança e fiança da obra do Douramento e pintura que manda fazer o M.to R.do M.el de Crastro P.ra Arcediago da Se na sua Igr.ª de Valdigem a qual lhe fas o M.e pintor Luis Ant.º Fer.ª desta Cid.ª — Saibam quantos... como no ano do n. de n. s. j. c. de mil setesentos e quarenta e tres anos aos dezoito de novembro nesta Cid.ª de Lamego e na Rua que vai para o Espirito Santo della, casas donde vive o Munto R.do Manuel de Castro Pereira Arcediago da Se desta mesma Cidade aonde eu t.am ao diante nomiado vim, estando elle ahi prezente e bem asim Luis Antonio Ferreira, morador na Rua Direita... — Apontamentos da obra que manda fazer o M. R. S. Arcediago na sua Igreia de Valdigem: — Sera o Retabollo dourados os altos todos com ouro subido todo bem burnido e os Baixos de azul axaroados, e o frontal pintado de huma parte de galla e da outra de luto e goarnição tambem dourada; e o forro dourados os rompantes o que for talha e os lizos de tinta vermelha atartarugada ou azul na forma do Retabullo. E os paineis pintados de figuras com tintas finas e bem coloridas a olio e as figuras de meio corpo, em cada painel sua comforme a eleicam que quizerem mandar fazer; e a sacrestia pintada de geso com seus claros, e não se continha mais no dito bilhete de destribuição a que me reporto...»

Foi a obra contratada por 185.000 réis. Como no documento publicado a respeito do pintor José de Araújo Alvão e Meneses, encontramos nêste, bem explícitas e claras, as variadas funções de um pintor do tempo.

FERREIRA (MANUEL), *entalhador*. — Natural de Arrifana do Sousa, têrmo do Pôrto. Em 29 de Junho de 1734 contratou, juntamente com seu cunhado Manuel da Silva Lopes, a obra de carpintaria e escultura da igreja de S. Cristóvão de Espadanedo (Sinfães).

FERREIRA (MANOEL ROIZ), *pedreiro*. — Da freguesia de Ferreira, têrmo de Coura. Em 22 de Junho de 1734 recebeu por trespasse, de João Ribeiro, a obra de pedraria da capela-mor da igreja de Marialva.

FERREIRA DA SILVA (ANTÓNIO), *pedreiro*. — Residia em Santo Aleixo, têrmo da cidade de Lamego. Por escritura de 20 de Março de 1714 obriga-se a fazer a obra do levantamento das paredes da Igreja e do ladrilho da Casa do Capítulo velho, do Convento de Santo António de Ferreirim (Vide a monografia dêsse monumento). A 20 de Agôsto de 1719 assina a escritura de obrigação da obra da «Caza do Repezo e talho do açouge» (T.am M.el Correa, 1719 a 1723, fl. 32).

FONTOURA (MARTINHO JOSÉ DE), *construtor de órgãos (?)*. — Na parte direita do órgão do Convento das Chagas, de Lamego, estão colados dois papéis manuscritos onde se lêem as seguintes menções comemorativas: — «Martinho Joze de Fontoura porfessor de Organeiro Reformou este Orgam de vozes antigas e modernas aos 28 de Agôsto de 1819» — «Sendo Abbadesa a Il.ma Ex.ma Senhora Izabel Ignasia da Vezitasão Sequeira».

GANDOLFO (Nicolau), *ourives.* — Italiano ou de origem italiana, como o nome o indica, residia na Rua Direita, no ano de 1734. A fl. 180 v.º do «Livro de Notas» do tabelião João Baptista, de 1732 a 1734, menciona-se uma «Compra q̃ faz Nicolau gandolfo hourives da Rua Direita desta Cid.e a M.a Luiza da Costa, soltr.a moradora a ponte de Balsemão desta Cid.e de Lam.º», compra cuja escritura foi lavrada a 26 de Maio de 1734. Nicolau Gandolfo figura entre os que assistiram ao lavrar dos contratos da confraria de N. S.a do Destêrro com os mestres entalhadores, em 1738.

GOMES (Domingos), *pedreiro.* — Natural de Vila Real e assistente, em 1688, nas obras da Misericórdia de Lamego. No «Livro de Notas» do tabelião Francisco de Moura Coutinho, de 1688 a 1689, a fl. 22, encontra-se uma «obrigação q̃ fezeram Fr.co Mont.ro e Domingos Gomes, pedreiros, ao R.do Provedor da Mizericordia do Conserto do Arco da Igreia della».

GONÇALVES (André), *torneiro.* — Encontramos o seu nome no «Livro de Contas da Santa Caza da Mizericordia de 1561 athe 1598», no masso referente ao ano de 1560-1561. No «T.º das despesas particulares e q̃ se fazẽ do dr.º do cofre», a fl. 46 v.º, menciona-se que o artista recebeu mil réis pela execução de um trabalho para a Misericórdia: — «no mesmo dia (30 de Agôsto de 1560) se pagarão a André Glz torneiro mil reis pollas grades da porta».

GONÇALVES (Pedro), *pedreiro*. — Pelo «Livro de Notas» de António de Góios, de 1599, onde a fl. 29 se encontra a «Obrigação q̃ fez p.º glz ao Mosteiro das Chagas», sabemos que tomara conta do lageamento da igreja do convento.

Em Maio do ano seguinte, 1600, Pero Gonçalves tinha terminado a obra e dava quitação ao Mosteiro das Chagas. De fl. 810 do «Livro de Notas» de António de Morais, transcrevo uma parte dêsse documento:

«Quitação q̃ deu Pº glz ped.ro ao mostro das Chagas — Saibão os q̃ este estromto de quitaçao virem q̃ no ano do n. de n. s. j. c. de mil e seiscentos anos aos quatorze dias do mes de maio, em a cidade de Lamego nas pousadas de mim t.am perante mim e tas ao diante nomeadas pareçeo pº glz pedrº mor na dita Cidade e disse q̃ elle se obrigara a lagear o corpo da igreja de nosa snra das chagas q̃ esta cituado no campo do tabollado desta cidade a sua custa e despeza por preço de cincoenta mil reis q̃ a abbadessa e Relligiosas do dito mostr.º lhe avião de mandar paguar e alem disso lhe avião de dar toda a pedra q̃ estava ao tal tempo quebrada no monte pera a dita obra e assi mais toda a pedra q̃ se ouvesse de tirar da capella mor da dita igreia onde se avia de asentar a sepultura de dom ant.º tellez de menezes bispo que foi desta Cidade q̃ esta em gloria, como constava da escritura de obrigacão e contrato feito por mim tam neste meu livro de notas aos vinte dias do mez de outubro do ano de mil quinhentos noventa e nove anos / e que era verdade que a dita abbadessa e Relligiosas do dito mosteiro lhe tinhao pago os ditos cincoenta mil reis...».

GOUVEIA (Manuel), *entalhador*. — Arrematou, em 1736, a obra de entalhamento dos altares colaterais da capela da Senhora do Destêrro, juntamente com o mestre escultor Manuel Martins. Habitava em Lamego. O documento que se refere a essa obra será publicado quando me ocupar de Manuel Martins.

GUEDES (Cristóvão), *pintor*. — Por um contrato lavrado nas notas do tabelião Diogo de Morais (hoje no cartório de Jacinto Cruz) sabemos que êste Cristóvão, sobrinho do Licenciado António Guedes, vigário de Santo Estêvão da Maia, têrmo do Pôrto, aprendeu a nobre arte da pintura com Gonçalo Guedes, mestre pintor, residente em Lamego, durante os anos de 1589 a 1594.

GUEDES (Gonçalo), *pintor*. — Em 1589 o Licenciado António Guedes, vigário da igreja de Santo Estêvão da Maia, têrmo do Pôrto, possìvelmente parente do pintor de Lamego, Gonçalo Guedes, entrega-lhe em boa e devida forma a aprendizajem de seu sobrinho Cristóvão Guedes. O contrato então feito foi lavrado nas notas do tabelião Diogo de Morais, em cujo livro referente ao ano de 1589 o encontro, a fl. 9 v.º É muitíssimo interessante êsse documento, não só pelo contexto, mas também por revelar a existência, em Lamego, de um mestre pintor de certa categoria, pois que o vigário da Maia, tendo perto de si a cidade do Pôrto e os seus artistas, preferiu enviar seu sobrinho a ensinar a Lamego. Eis o documento em questão:

« Obrjgação q̃ fes g^lo guedes ao emsino de crjstovão — Saibão os q̃ este estrom^to de comtrato e obrjgação vjrem q̃

no ano do nasim^{to} de noso sõr jhu xpto de mill e qujnhentos e outenta e nove annos aos vimte e cimco dias do mes de setembro em a cidade de llameguo nas pousadas de mjm t^{am} perãte mim e t^{as} ao diante nomeadas pareceo g^{lo} guedes pimtor m^{or} nesta cidade, e disse q̃ elle hestava cõtratado com o L^{do} amt^{o} gueedes vig^{ro} da Igreja de Santo estevão da maja do termo da cidade do porto p^{a} lhe emsinar a arte da pimtura, a cristovão seu sobrjnho e darlho emsinado em cjmco annos do quall comtrato e obrjguação, lhe tinha jaa feito hũa escrjtura o dito L^{do} amt^{o} guedes q̃ elle g^{lo} guedes tinha em seu poder q̃ era f^{ta} por g^{lo} teyx^{ra} t^{am} do p^{co} e judiciall no c^{o} de bajão aos vinte dias do mes de setembro presente do anno de qujnhentos e outenta e nove, a quall elle g^{lo} guedes aceitava e recebia em sj e q̃ elle dito g^{lo} guedes se obriguava e de f^{to} obriguou a emsinar e dar emsinado ao dito crjstovão o dito ofiçio e arte da pimtura demtro de nos çimco annos q̃ se comecarão da feitura deste em diante, e mostrarlhe tudo, o q̃ elle g^{lo} guedes sabe e emtemde da dita arte de pimtura, e no cabo dos ditos cimco annos o dito L^{do} Amt^{o} guedes lhe dara e paguara pello dito emsino do dito crjstovao coatro mjll Rs comteudos na dita escrjtura de obrjgação, e q̃ allem das cõdicois della, o dito crjstovao no dito tempo de cimco annos, de fora da arte da pimtura sera obrjgado a llevar cartas a elle g^{lo} guedes as p^{as} q̃ elle lhe mãdar q̃ forem sobre obras da arte da pimtura q̃ elle g^{lo} guedes tomar ou estever em comtrato de tomar e q̃ fogindolhe o dito crjstovão e Indosse de sua casa, e poder delle g^{lo} guedes demtro no dito tempo de cimco annos, q̃ o dito L^{do} amt^{o} guedes sera obrjguado lho tornar a casa e poder e o

tempo q̃ amdar fora lhe compoera de maneira q̃ acabara os ditos cimco anos Imteiramente e não lho tornãdo a tempo dev^{o} q̃ elle g^{lo} guedes posa tomar hum aprendiz obreiro da dita arte, e paguarlhe por cada dia o q̃ se custuma dar a hum obreiro todo o tempo q̃ falltar dos ditos cimco anos tudo as custas e despesas do dito L^{do} amt^{o} guedes que elle lhe paguara, e allem do sobredito o dito cristovão sera obrjguado a acompanhar a elle dito g^{lo} guedes p^{a} omde elle for, e com estas comdicois e decllaraçois se se obriguava o dar emsjnado no dito tempo de cimco annos a dita arte e ofjcio de pimtura e aceitava a dita escrjtura de obriguação da maneira q̃ ella em se comtem, E lloguo hy peramte mim t^{am} e t^{as} pareçeo J^{om} Rib^{ro} clleriguo de misa cura da Igreja de sam tome de cubello do dito c^{o} de bajão Irmão do dito amt^{o} guedes e disse q̃ em nome e como procurador q̃ era delle dito amt^{o} guedes seu Irmão por virtude do poder q̃ na dita escrjtura de obriguação lhe dava, aceitava e recebia em sj este estrom^{to} com todas as cllausullas e comdicois em elle comteudas q̃ se obriguava elle ter comprir e guardar todas e cada hua, e em test^{o} e fe de verdade asj ho outorgava e aceitava e mandava ser f^{to} este estrom^{to} q̃ eu t^{am} delles o escrepvj e em nome das p^{as} a q̃ tocar o aceitei por sollene para valer e as t^{as} q̃ forão presentes amt^{o} cardoso famjlliar do ... d^{o} lleitão dajão da Se desta cidade e fr^{co} p^{ra} m^{or} na cidade da guarda, d^{o} de morais o escrepvi».

LEITÃO (António), *pintor*. — Num «Livro de Contas» da Misericórdia de Lamego, referente ao ano de 1565, a

fls. 89 v.º, encontrei referências a êste pintor e a algumas das suas obras. Eis os documentos:

«Aos xj dias do mes de janeiro de 1565 anos na casa do Cabido da Mīa estando juntos o p^dor e Irmãos e Ant^o leitam pintor e fizerõ conta do dr^o do Retavollo asi da pintura como do ouro e acharõ que a casa lhe ficava devendo nove mil e cento e cincoenta Rs, de dous mil e quinhentos pais douro e dusentos de prata e duzentos rs de quebra de huas moedas q̃ lhe derõ em que se montou os ditos nove mil e cẽto e L^ta rs que loguo recebeu e cõ elles se deu por bem pago entregue e satisfeito e a casa e pvedor e Irmãos delle cõ decrarã que ho q̃ fosse pera cõcertar na pintura dele q̃ elle o faria e cõ isso a casa ficou contente e satisfeita e o derõ a elle por quite e livre e desobrigado da pintura e ouro e de tudo o q̃ elle era obrigado e por verdade se mandou fazer este asento por todos asinado e eu o L^do Ant.º de gouvea escrivã da casa q̃ o escrevi e no dito dia mes e era acima dita e decrarõ que as obras da Mīa que estão no banco elle lhe daria mais lustro e os Rostos de nosa Sĩra da visitação e ellRej de portugal cõcertaria, e asinarão aqui» *(a. a.)*.

Alguns anos mais tarde, no «Livro de Contas» de 1570-1571, a fl. 88, aparece-nos nova citação de trabalhos executados pelo pintor, que em 20 de Julho de 1571 recebe a importância que lhe era devida: — «... Amt^o leytao pymtor de pymtar sete varas e de pymtar o crucefixo da bandr.ª e a cruz e de pymtar o crucifixio grande e de pimtar as Imagẽs dos altares e a bandeirinha que anda plla cidade os dias que se tiram as allmas do purgatorio e de dourar e rapar a caixinha para encerar o santisimo

sacram^to^ e do ouro p^a^ ella q̃ foram trezentos pais de ouro quatro mill rs...».

LÍRIO (João Soares), *pedreiro.* — De Vila Meã, aldeia vizinha de Ferreirim. Em 20 de Janeiro de 1717 compromete-se a fazer um cruzeiro e várias outras obras para o convento. Por escritura de 31 de Dezembro do mesmo ano incumbe-se de levantar a casa para o órgão que os religiosos haviam mandado fazer ao padre Francisco Esteves da Costa (Vide a monografia do convento de Ferreirim). Dêste último trabalho foi fiador o carpinteiro João Monteiro.

LOPES (Francisco), *carpinteiro.* — Na mesma data em que se lavrou a escritura da obra de pedraria para a igreja de Peravelha, foi lavrada uma outra pela qual o mestre de carpintaria, Francisco Lopes, natural da Rua, têrmo de Caria, se comprometeu a fazer tôda a obra necessária à renovação da mesma igreja. Ambos os contratos têm a data de 19 de Fevereiro de 1734, encontrando-se em páginas seguidas (143 v.º e 144 v.º) do «Livro de Notas» de João Baptista referente a êsse ano.

LOPES (João Correia), *entalhador.* — Morador em Fafel, subúrbio de Lamego, chefe de uma oficina importante e artista de merecimento. Pertencem-lhe a obra dos altares da capela do Santíssimo, da Sé, o altar da Senhora do Rosário, que fica no cruzeiro, do lado direito, provàvelmente a outra tribuna que lhe corresponde da banda da esquerda, e a obra da tribuna da igreja do convento de

freiras, de Barrô, sem contar tantos e tantos mais trabalhos, ainda por identificar, e que vagarosamente se irão agrupando à volta do nome do mestre. Transcrevo do «Livro de Notas» do tabelião Francisco Teixeira da Fonseca, referente aos anos de 1749-1752 (hoje no cartório de Sancho de Magalhães), os três contratos de obras na Sé e em Barrô. De fl. 87:

«Escritura de obrigasão de obra e fiansas q̃ a ela da João Corr.ª de Fafel do seburbio desta Cid.e da obra q̃ arematou da tribuna da virgem nosa senhora do Rozario da Sta Sé desta Cide — Saibam q.tos este pco estromto de escritura de obrigasam e fiansas q̃ faz João Corr.ª de Fafel seburbio desta Cidade da obra q̃ arematou da Tribuna da virgem N. Snr.ª Do Rozario da Sta Sé desta Cid.e ou como em dr.to mais valha e dizer se posa forsa e vigor tenha virem, em como em o anno do n. de n. s. j. c. de mil setesentos e sincoenta e hũ annos, aos treze dias do mez de abril do d.º anno em esta Cid.e de Lam.º en os claustros da Sta Se della em a capela de S.to Ant.º ahomde eu tabam vim e estamdo ahi em ato de meza o Reverendo Conego João Baptista da Fon.ca Coelho Juiz da hirmandade da virgem nosa senhora do Rozario e bem asim os mordomos della Jose Per.ª de Sam Paio e Pº da Fonca e Castro e Ignasio da Costa de Jose da Fonca e Thomas Saraiva e do tezoureiro Manoel Moreira e bem asim João Correia e Manoel Monteiro, mestre pedreiro da Rua da Siara e Manoel Jose Pintor da Rua da Pereira todos desta Cid.e e Manuel Roiz da villa de Medello desta com.ca todos pesoas bem conhecidas e reconhecidas de mim taba.m e das t.as ao diante nomiadas e no fim desta

nota asignadas perante as coais e de mim taba.m pello Dº João Correa foi d.º q̃ ele havia arematado a hobra da Tribuna da virgem N. Snr.ª do Ruzario da Santa Se desta d.ª cid.e a qual Rematara mto de sua livre vontade e sem constrangim.to de pessoa alguma em preso e quantia de sento e sincoenta mil Reis livres pª ele Rematante na forma de sua Rematasão a qual obra hade ser feita na forma da Planta q̃ ele Rematante them em seo puder asignada por ele Rematante e Juis da d.ª hirmandade e alem dela sera obrigado ele d.º Rematante a fazer mais as coartellas do Sacrario q̃ serão emtalhadas como tambem as pesas q̃ vão emtre as colunas. E a gloria do Remate o Relevo do m.º com a insignia q̃ poder ser e toda a mais obra do Retabulo sera na forma da d.ª planta e q̃ o compito da d.ª obra por que a arematou lhe sera satisfto em tres pagamtos Igoais a saber o Pr.º antes de dar Prensipio a d.ª obra e o segundo pagam.to lhe farão estamdo a d.ª obra meia f.ta e o terseiro e ultimo delles lho farão depois de feita e acabada a d.ª obra e Revista por dous mestres emtalhadores q̃ bem emtendão da d.ª obra aprezentandoselhe para esse ef.to a d.ª planta e esta escritura q̃ sera obrigado ele d.º Rematante a numiar hum ofesial e outro ele d.º juiz e seus mordomos da d.ª comfraria q̃ he e são e emtão forem, a qual Revista sera a custa delle d.º Rematante pelo qual foi d.º q̃ ele se obrigava por sua pesoa e bens havidos e por haver e terso de sua alma a fazer a dita obra na forma da d.ª planta e na forma desta escritura pelo sobred.º preso e se obrigava a dalla finda e acabada por todo o mes de agosto que vem deste prezente anno p.ª o q̃ e p.ª maior seguransa do d.º comtrato logo

aprezentou por seos fiadores e prensipais pagadores aos ditos Manoel Monteiro e M.el Roiz e Manoel Jozé pelos quais todos juntos e cada hum de per si em solidum foi d.º q̃ eles em t.º de suas livres vontades he sem contradisão de pessoa alguma fiavam e abonavam e ficavam por fiadores e prensipal pagador do d.º Rematante João Correia para que no cazo q̃ ele nam de a d.ª obra finda e acabada pello d.º tempo e na forma da d.ª planta e desta escritura ficarem elles d.os fiadores obrigados a mandalla fazer as suas custas . . . . . ; forao t.as prez.tes Fran.co Pt.º da Rua da Olaria desta Cid.e e Luis de São Paio da Rua Torta desta mesma Cid.e que todos aqui asignarão depois deste lhe ser lido e declarado por mim t.am escrivão q̃ o escrevi e declaro q̃ esta escritura se não asignou em a capela de S.to An.tc mas sim em a Rua da Pereira em caza do fiador M.el Jose por este se achar emfermo e de cama mas com seu juizo perfeito e q̃ o mordomo P.º da Fonseca de Castro e M.el Mor.ª a não asignarão por se nam acharem nesta Cid.e mas sim fora della em p.te distante e declararão eles d.os juiz e mordomos q̃ toda a madeira q̃ nesecitase a obra da tribuna seria m.to liza sem racha nem podridão e q̃ toda a obra da sobred.ª tribuna e serafins e figuras q̃ nella se houverem de pôr tudo f.to com a m.ª perfeysão e limpeza como a de q̃ prez.te se acha na capela de S. Seba.m do comv.to das Chagas e q̃ fazendoa doutra sorte se mandaria aperfeisoar por ofesiais peritos a custa dele d.º Rematante... *(a. a.)*».

De fls. 111 v.º do mesmo «Livro de Notas»:

«— Escritura de obrigasam de obra e fiansas a ela q̃ da João Correia Lopes do lugar de Fafel do seburbio desta

Cid.e da Obra q̃ rematou do emtalhamento q̃ se ha de fazer em a capela do Santisimo Sacram.to na Santa Se desta Cid.e de Lam.o — Saibam quantos este publico estromento de escritura e obrigasam de obra e fiansas a ela dada q̃ faz Joam Correia Lopes natural de Landim tr.o de Barcellos arcebisp.do de Braga da obra de intalhamento q̃ se hade fazer em a capela do Santisimo Sacramento cita em a santa se desta cidade ou como em direito mais valha e dizer se posa forsa e vigor tenha virem em como em o anno do n. de n. s. j. c. de mil e setesentos e sincoenta e hum annos aos honze dias do mez de julho do d.o anno em esta Cid.e de Lam.o em a Santa Se dela ahomde heu taba.m vim e estando em ato de meza o munto Reverendo Snr. D.or Ant.o da Rocha Manrique vigario geral em esta d.a Cid.e de Lam.o e seu bispado e Juis da hirmandade do Santisimo Sacramento desta Santa Se e bem asim os mordomos dela o munto Reverendo conigo Ant.o Teixr.a dos Reis conigo perbendado em a santa se desta mesma Cid.e e o tezoureiro dela José da Fonca e Bernd.o Moreira e Manoel Roiz Barroca e José Luis Monteiro todos mordomos da d.a comfraria e bem asim João Correia Lopes do lugar de fafel seburbio desta Cid.e hum e houtros pessoas bem conhecidas e reconhecidas de mim taba.m e das t.as ao diante nomeadas e no fim desta nota asignadas perante as quais e de mim taba.m pelo d.o Joam Correia Lopes foi d.o q̃ ele m.o de sua livre vontade e sem constrangimento algum havia arematado a obra do emtalhamento e Retabulo que se ha de fazer em o altar do Santissimo Sacramento cito nesta mesma Santa Se o qual havia Rematado na forma das plantas e em preso de du-

Fig. 5. — Capela da Senhora do Desterro. — Altar-mór e tribuna — Obra do escultor Manuel Machado

(Fot. Maurão)

zentos e noventa e nove mil reis livres p.ª ele d.º Rematante os quais lhe seriam pagos em tres pagamentos iguais a saber o primeiro q̃ sam noventa e nove mil e novecentos e sesenta e sete reis ao fazer desta escritura e o segundo pagamento lhe seria emtregue depois de estar meia hobra feita de sorte que o Retabelo do altar prensipal hade estar ja nele asente e pregado e os dous das Bandas q̃ esteia tambem ja parte dele feito, e o terceiro e ultimo pagamento q̃ he da mesma quantia lhe sera emtregue depois de a d.ª obra estar finda de toda e posta em os ditos altares e depois de revista esta por dous mestres emtalhadores pesoas peritas que sera obrigado ele Rematante a nomiar hum e ele d.º Juiz e mordomos houtro e no caso q̃ eles nese tempo já não sirvão o nomiarão os q̃ ao tal tempo forem E a dita Revista sera a custa dele Rematante pera o q̃ sera obrigado aprezentar as plantas q̃ lhe ficam em seo poder asignadas por ele dito Reverendo Juis e Rematante que se não copiam aqui os apontam^tos dela por serem em estampa e q̃ no cazo q̃ quando for na Revista esta se nam achar na forma das ditas plantas lhe não sera dado o ultimo pagamento sem ha haperfeicoar e pôr na forma dela, e logo pelo d.º Rematante foi d.º q̃ ele se obrigava por sua pesoa e Bens prezentes e feturos e terso de sua alma a fazer a dita obra na forma das ditas plantas pelo sobredito preso e se obrigava da mesma sorte a dalla finda e acabada no mes de janeiro de mil e setesentos e sincoenta e tres annos dizendo mais ele d.º Rematante q̃ no caso q̃ ele nam dê a dita obra finda e acabada em o d.º tempo poderao ele juis e mordomos meter ofesiais a sua custa dele Rematante the a findarem de todo e pa-

garem a custa dele Rematante sem que para ese efeito seia perciso notheficalo...»

E ainda de fl. 143 do mesmo livro notarial:

«— Escritura de obrigasão e fiansas q̃ fez João Correia Lopes da obra que Rematou da tribuna da capela mor da Igreia das freiras de Barrô desta comarqua — Saibam q.tos este p.co Instrom.to e escritura de obrigasão de obra e fiansas a ela dada ou como em dir.to mais valha e dizer se possa forsa e vigor tenha virem que em o Ano do Nascim.to de N. Snr. Jesus Cristo de mil setesentos sinq.ta e dous annos aos dous dias do mez de marso do d.o anno em esta Cid.e de Lam.o em a rua da Olaria della caza de moradas de Ant.o de Carv.o de Mesquita e Vasconcellos ahonde heu escrivão vim e estando ele ahi prezente e bem asim João Correia Lopes mestre emtalhador e morador em o lugar de Fafel do tr.o e seburbio desta Cid.e os quais são pesoas reconhecidas de mim taba.m e taobem se achava prezente Gaspar Marinho pesoa reconhecida das testemunhas no fim desta declaradas e asignadas que acertaram ser o sobredito asistente em São Romão e logo perante as d.as tt.as pelo dito João Correia Lopes me foi emtregue hum bilhete de destrebuição q̃ o seu theor he o seg.te — A Teyxr.a em o pr.o de M.co de mil e setesentos sinq.ta e dous a escritura de fiansas e obrigasão de obra que fas João Correia Lopes de fafel do seburbio desta Cid.e Pr.a — e não se continha mais em o d.o bilhete de destrebuisão q̃ eu taba.m aqui tresladei e ao proprio me Reporto no livro de destrebuisão em poder do destrebuidor deste juizo João Pr.a por q.m era pasado o d.o bilhete e logo pelo d.o Ant.o de Carv.o e Mesq.ta e Vasc.los me foi aprezentada a p.cam

seg.te — Fran.ca Thereza de St.a Clara abad.a e mais discretas deste comvento de I. M. I. de Barrô fazemos em tudo noso baste p.dor ao Snr. An.to Corr.a de Mesq.ta e Vasc.los da Cid.e de Lam.o p.a em noso nome asignar haa escritura de obra da Tribuna da Nosa Igreia com todas as clausollas e condisois q̃ necesarias forem p.a segoransa da d.a obra e tudo por ele f.to e asignado haveremos por bom e valido pois p.a este ef.to lhe consedemos todos os nosos poderes em dir.to consedidos hoie dous de Janr.o de mil setesentos e sinq.ta e dous. E eu Maria Joaquina escrivão da Caza a fiz e asignei. Franca Thereza de S.ta Clara abad.a Soror Joanna Maria Bernarda do dezerto, discreta. Soror Vittoria M.a da Trindade, discreta. Soror Benta Brizida Bernarda, discreta. Soror M.a Eufrazia da Estrela, discreta — tinha huu selo e não se continha mais em a da p.cam q̃ eu taba.m aqui copiei e a farei emtregar ao sobred.o Ant.o de Carv.o e Vasc.lcs e ele de como a recebeu asignou no fim desta e logo pellos d.os João Correia Lopes e Gaspar Meirinho foi d.o em minha prezensa e das tt.as no fim desta asignadas q̃ eles m.es de sua livre e espontania von.de e sem constrangim.to de pesoa algua havião Rematado na prasa p.ca desta Cid.e a hobra da tribuna q̃ se havia de fazer em a capela maior da Igreia das freiras do comv.o de Barrô o qual havião Rematado em preso de duzentos e setenta e tres mil reis com a obrigasão de a fazerem na forma da planta com os santos nela figurados e se obrigavam a darem na finda e acabada the dia de pascoa de felores do anno que vem de mil setesos sinqta e tres e q̃ p.a maior seguransa da d.a obrigasão se querião obrigar a dar emtro comprim.to por escritura p.ca dizendo hũ e houtro

q̃ eles se obrigavam por suas pesoas e todos os seus Bens movens e de raiz havidos e por aver e terso de suas almas a fazerem a d.ª obra na fr.ª da planta com os santos nella figurados e da mesma sorte se obrigavão a darem na feita o de todo acabada the dia de pascoa de fllores do anno q̃ vem de mil sete s.tos sinq.ª e tres pelo declarado preso de duzentos e setenta e tres mil reis os quais lhe serão pagos em tres pagamentos Igoais a saber o primeiro de noventa e hu mil reis lhe sera dado ao asignar desta escritura e o segundo pagam.to que he da m.ª fr.ª de noventa e hu mil reis lhe sera dado depois que a obra estiver meia feita e o terceiro e ultimo pagam.to lhe sera dado depois da d.ª obra estar finda e acabada e Revista esta por dous mestres Intalhadores peritos q̃ serão obrigados eles d.es Rematantes a numiar hum... e declararão que he hua planta e petipe e forro do camari q̃ tudo reseberão os Rematantes e serão obrigados no fim da d.ª obra á tornarem a entregar ao d.o p.dor das Religiozas como tãobem os santos q̃ se hão de por na d.ª obra he S. Fran.co e S.ta Clara...»

LOPES (Manuel da Silva), *entalhador*. — Natural de Arrifana do Sousa. Contratou em 29 de Junho de 1734, juntamente com seu cunhado Manuel Ferreira, executar tôda a obra de carpintaria e escultura da igreja de Espadanedo, têrmo de Sinfães. Êsse contrato foi lançado a fl. 195 v.º do «Livro de Notas» do tabelião João Baptista e tem o seguinte título, que transcrevo: — «Escriptr.ª de de hobrigação e fiança q̃ fazem M.el da Silva Lopes e seu cunhado M.el Ferreira naturais da Arifana de Souza termo

da Cid.ᵉ do Porto á hobra de carpintaria e escultura da Igreja de Espadanedo na forma dos Apontamentos».

LOURENÇO (João), *pedreiro*. — Natural de Vila Nova da Cerveira, trabalhou em Lamego pelo menos de 1738 a 1740. Em 5 de Setembro de 1738 assinou perante o tabelião Vicente de Paiva Pinto a escritura de fiança da obra de uma capela dos Passos, nas traseiras da igreja de Almacave, que a seguir transcrevo:

«Saybam quantos este publico instromento de escritura de seguranca e obrigasam de fianca virem, como no a. do n. de n. s. j. c. de mil setesentos e trinta e oito annos aos cinco dias do mes de setembro do d.º ano nesta Cid.ᵉ de Lameguo dentro do paco episcopal della adonde eu tabalião vim as moradas do R.ᵈᵒ Ignacio Gomes Fr.ª dignisimo Prebendado da Santa See desta Cid.ᵉ adonde eu t.ᵃᵐ vim e ahi estava prezente o R.ᵈᵒ P.º de Tavora e Sampaio dignisimo arcediago de Sima Coa Conigo Prebendado na Santa See juiz o prezente anno da Irmandade do Sr. dos pasos desta Cid.ᵉ adonde tambem prezente João Lourenco mestre pedreiro do Tr.º de villa nova de Serveira de entre douro e minho asis.ᵗᵉ nesta Cid.ᵉ pesoa bem e conhecida das testemunhas desta nota ao diante nomeadas e no fim asignadas, logo ahi pelo sobredito foi dito q̃ elle tinha arematado a obra de huma capella q̃ se havia de fazer nas costas da igreia de Almacave pª os pasos na forma dos apontamentos seguintes — Huma capella quadrada como a q̃ mostra a planta e dentro ha de ter hum altar feito de pedra de alvenaria para ser rebocado e ha de ser lagiado de piquo miudo e de abobada de tigollo como se

vê pontijado na planta, e a parte adonde se ha de por o quadro cerrada como hum armario como se ve na Igr.ª a fim de q̃ a humidade não damnefique o quadro e as faixas asignadas na planta andaram ao redor tanto na parte emferior quanto na superior do tilhado e tanto na face de diante quanto na de traz e em todos os qoatro cantos hirão os seus pilastres; e q̃ na referida forma se obrigava a fazer a d.ª obra e capella com tudo a primor da arte dando a finda e acabada the o fim do mes de Janeiro primeiro que vier... e sendo finda na forma da planta e apontam.tos e q̃ fazendoce logo as outras capellas havendo dinheiro p.ª se fazerem preferiria o dito mestre o fazellas todas pello mesmo ajuste contanto q̃ fazendoce alguma encostada a alguma parede ou Igr.ª sera avaliada por quem bem o emtenda p.ª se dar a rebaixa e abatim.to q̃ mereser por dimenuta despeza fazendoas todas na forma das plantas... aprezentou por seu fiador e principal pagador a M.el Martins mestre emmaginario da Rua Torta desta Cid.e... e o emporte e preso da obra da dita capella asima declarada sam quarenta moedas q̃ fazem soma de cento e noventa e dois mil reis...»

Foi o mestre João Lourenço um dos pedreiros que fizeram a sociedade cujo contrato transcrevi a seguir ao nome de António Mendes, sociedade em que quatro dos melhores mestres pedreiros de Lamego se comprometiam a tomar em comum todas as obras de arquitectura, pedraria ou carpintaria que a qualquer dêles fôssem oferecidas.

LUÍS (António), *serralheiro*. — A fls. 10 v.º do livro n.º 87 do cartório de Jacinto Cruz (1713 a 1716), encon-

tra-se uma «Escriptura de obrigação de obra q̃ fes Ant.º Luis, Sarralhr.º desta Cid.e aos R.dos D. Ab.e e Religiozos do Conv.to das Salzedas e mais obrigações e fianças», firmada em 30 de Junho de 1713 pelos interessados, e na qual, entre outras cláusulas de menor importância, o serralheiro António Luís, da rua da Seara, se compromete a fazer: — «vinte e duas grades de ferro para as vinte e duas janelas do novo claustro do mesmo conv.to feitas do mesmo feitio em todo e por todo das janellas do R.do Cabido da Santa See desta cidade, que cahem para o ladrilho della, obrando nas d.as grades novas o mesmo primor, Arte e porfeissão das grades do d.º R.do Cabido em perfeisam grosura e altura a rezão de vinte e seis mil reis pello ferro e feitio de cada huma das d.as vinte e duas grades...»

MACHADO (Manuel), *entalhador*. — Imaginário, natural de Entre Douro e Minho, assistente em 1734-1736 na Tôrre do Terrenho, têrmo de Moreira (Pinhel). Artista de grande merecimento, ampla e claramente documentado na obra da capela da Senhora do Destêrro, essa jóia artística de que Lamego pode justamente ufanar-se, e na capela-mor da igreja de Marialva, onde arrematou o trabalho da tribuna, retábulo, sacristia e capela de S. João. A escritura desta última obra, que tem por título «Escriptr.a de obrigação e fiança a obra da tribuna na forma dos apontamentos que fas na Igr.a de Marialva M.el Machado da torre do terranho, termo da villa de Moreira, com.ca de Pinhel», foi lavrada nas notas do tabelião João Baptista a 19 de Junho de 1734, e encontra-se no livro referente a êsse ano, a fl. 187.

Em princípios de Janeiro do ano de 1736 os mordomos da Irmandade de N. S.ra do Destêrro decidiram forrar de talha rica tôda a sua capela, pondo em hasta pública a obra, que foi arrematada na parte referente ao altar principal pelo mestre Manuel Machado, e na dos altares colaterais, encostados aos ombros do cruzeiro, aos mestres Manuel Martins e Manuel Gouveia. A obra revela bem, tanto na talha, como nas imagens, o valor dos mestres, e serve, além do mais, de ponto de partida ou de comparação para atribuïção de origem a tantas obras do mesmo gôsto, espalhadas por Lamego e freguesias do seu aro de influência artística, às quais até hoje se não conseguiu marcar autor, ou, sequer, época de factura. Aos amadores ou estudiosos locais incumbe essa tarefa, desbravada a parte mais árdua do caminho por esta monografia.

Arrematada por Manuel Machado a obra do altar maior, foi depois lavrada uma escritura que encontrei a fl. 52 v.º do «Livro de Notas» do tabelião Vicente de Paiva Pinto (1735-1738) e que transcrevo na parte mais interessante:

«—Escritura de obrigasão da obra da tribuna da S.ra do desterro desta Cid.e q̃ fas M.el Machado n.al dentre douro e minho asis.te na torre do terrenho com.ca de pinhel aos mordomos da d.a confraria — Saybam q.tos este p.co Instrom.to de escritura e obrigasão e fiança da obra da trebuna na Capella de Nosa S.ra do desterro desta Cid.e,... virem, como no a. do n. de n. s. j. c. de mil e setecentos e trinta e seis aos vinte e tres de Janeiro nesta Cid.e de Lam.o dentro da Capella de Nosa S.ra do desterro della adonde eu t.am vim a rogo e chamado de M.el Machado mestre Immaginario n.al de Antre douro e minho asistente

na torre do terrenho Com.ca de Pinhel e logo ahi por elle me foi dito perante as tt.as desta nota ao diante nomeadas e no fim della asignadas q̃ elle havia lançado e arematado na obra da tribuna da d.a Capella como constava de hum tr.o q̃ havia asignado na fr.a dos apomtam.tos e planta q̃ lhe havião dado por conta da meza da d.a confraria o q̃ tudo por elle me foi aprezentado dizendo lho emcorporaçe nesta escritura de obrigação de q̃ todo o seu theor e fr.a de verbo ad verbum he o seg.te = Arematação = Ao primeiro dia do mes de novembro de 1735 annos nesta Cid.e de Lamego e na capella de nosa S.ra do desterro estando prez.tes em auto de Meza o M.to R.do Sr. D.or Conigo D.os da Costa Neves Juis da Irmandade da mesma S.ra e os mais mordomos nobres e ofeçiaes e estando tambem prez.tes varios mestres escultores e emmaginarios foi o ultimo lanco p.a a obra da tribuna da d.a capella e mais obra na fr.a dos apontam.tos e planta junta de coatrosentos e sesenta mil reis q̃ lancou M.el Machado asistente na torre do terranho o q̃ visto o d.o Juiz e mais mordomos lhe ouverão a d.a obra por aremetada na d.a q.ta ... = Apontam.to do forro da capella mor de nosa S.ra do desterro q̃ se ha de fazer juntamente com a obra da tribuna = Sera o apainelado repartido em sete paineis a volta do compaso e no comprim.to levara seis e sera de renpantes picados com seus floroins e boquilhas e o frizo como o da mesma tribuna fara conrespondencia ao mesmo forro e pasara em volta pello arco cruzeiro a fichar com o outro e a empena q̃ fica da parte do arco cruzeiro p.a sima e sera tambem repartida em paineis e sera o ... para o forro armado de combotas tortas a volta do compaso; Mais se goarne-

serão as duas frestas com seus caixilhos emtalhados q̃ tenham palmo e meio de talha de largo com seu nascim.to de baixo p.a receber as ilhargas e por sima levarão seus remates q̃ asombrem o frizo do forro e os remates serão feitos em fr.a q̃ conrespondão á largura de todos os caixilhos, e farão p.a os outros tres lados na m.a fr.a q̃ conrespondão com o nascim.to debaixo, e serão forrados a pedra pella parte de dentro de talha olandeza e da outra parte se farão outras duas frestas fingidas q̃ conrespondão, e sera hua porta de almofadas emtalhadas m.to bem feita p.a a sacrestia com chave e fichadura e mais ferrage nesesaria por conta do mestre e se metera mais em a tribuna q̃ corra a banqueta em toda a largura da capela e nos descarregos dos coartelois q̃ vam em lugar das colunas levara pella parte debaixo da banqueta seus atelantes q̃ hão de ser coatro m.to bem feitos com todo o Primor da arte e tudo o mais sera feito na fr.a da planta aqui junta adevertindo q̃ cada pesa q̃ não for feita com o primor da arte e o milhor q̃ puder ser se não pora na obra e toda ella hua e outra sera feita de madeira liza e branca sem sebollo algum e asim madeiras e escadas p.a a serventia e tudo o mais q̃ for nesesario sera por conta do mestre da obra, e pella parte de sima no tilhado sera forrado de forro lizo e a d.a escoltura sera feita por mão de mestre escultor como tambem o frontal q̃ sera f.to de talha a mais soprelativa q̃ se poder fazer com sua sanefa e seus sebastos das bandas e sua faixa pella parte de baixo e o mais banco sera feito em hum taboão Inteiriso, declara q̃ todos os nichos e respaldo sera tudo emtalhado com seus serafins e entre nuvens o milhor q̃ pedir a obra, cartellas, e nos coadros q̃

ficam entre as frestas e o apainelado do forro, e se presizar de mais paineis a respeito da acomodasão se lhe meterão na m.ª fr.ª q̃ d.º fica e as boquilhas seram de pares com suas rozas trespassadas e nas juntas dos ronpantes e seus cabesotes de ponto agudo com a condisão de ser a d.ª obra feita nesta Cid.e e não constava de mais a d.ª fr.ª o apontamentos...»

MARTINS (João), *pedreiro.* — Em 1740 fez, com os seus colegas João Lourenço, António Mendes e Manuel Monteiro uma sociedade para arrematação de obras de arquitectura, pedraria e carpintaria.

MANSO (José da Mota), *pintor.* — Mestre pintor da cidade do Pôrto que em 1743 se encarregou do douramento do retábulo da igreja de S. Cristóvão de Espadanedo. A «Escriptr.ª de fiança da obra do douramento do retabulo e apainellamento da capella maior da lgr.ª de S. Cristovão de Espadanedo deste bispado que fas José da Motta Manso, m.e pintor da cidade do Porto» foi exarada no «Livro de Notas» do tabelião António Cunha, referente aos anos de 1741 a 1748, a fl. 102, donde transcrevo as partes mais importantes:

«— Saibam quantos... que no ano do n. de n. s. j. c. de 1743 anos aos doze dias do mes de fevereiro do d.º ano, nesta cidade de Lamego e na Rua da Olaria della casas e moradas de mim t.am aonde apareseu prezente José da Mota Manso m.e pintor morador na cidade do do Porto pesoa bem conhecida das testemunhas... logo ahi por elle foi dito... q̃ elle tivera noticia que na prezenca

do Munto R.do Doutor Governador Provisor deste Bispado se havia de arrematar a obra do Douramento do Retabulo e apainellamento da Capella major da Igreia de S. Christovão de Espadanedo deste Bispado Igr.a que de presente se achava vaga de proprio abbade e por asim ser se achava nesta cidade e na prezenca do Munto R.do Dor Antonio Diniz de Araujo... = Apontamentos = Medidas = Tem o retabullo vinte e cinco pallmos de alto e vinte e coatro de largo e coatro colunas de nove palmos de altura cada huma — tem o apainellado de comprim.to vinte outo palmos e nelles incluidos vinte e sinco pajneis e cada hum tera sinco palmos em coadro = Declaracam de como se ha de dourar e pintar — Primeiramente sera esta obra bem limpa de po e sera asente a toda huma mão de Alhada com colla, tres de geso groso, coatro de geso mate, cinco sebollo e toda a talha do d.o Retabollo, molduras ainda que sejam lizas, as coatro colunas, respaldos, enpollas dos nichos, tarja do Sacrario, banqueta e castilho do frontal sera tudo dourado altos e baixos de ouro subido e gemado bornido... e nos dois nichos sera fingida huma seda de cores sobre o mesmo ouro = Apainellado = A talha toda do apainellado floroins molduras ainda que sejam lizas, frizos e coartellas dos lados sera tudo dourado na forma da mais obra asima dita levando asim em huma como na outra o Dourado fosco nas partes onde o pedir — os paineis serão pintados com huns tarjois de tintas finas a olio e dentro delles os emblemas de nosa Senhora com os seus titullos, huma faixa liza que goarnece os ditos paineis sera fingida de pedra branca ou azul, e a faixa liza do emtabullamento dos lados sera pintada de cramezim fino — A cer-

dencia sera toda dourada a olio de sorte que se posa lavrar — As duas portas com suas almofadas, que sam a q̃ vai p.ª a sacrestia e a que no lado da capella major na comrespondencia do Altar e cada huma de onze palmos — As portas de hum nicho dos santos olios q̃ teram tres palmos, hum painel na sacrestia com huma cruz q̃ tera outo palmos em coadro e o caixam da mesma sacrestia que he dos vestimentos e tera de comprimento dezaseis palmos sera tudo pintado... a olio = As pedras das duas frestas da capella major q̃ teram seis palmos de alto cada huma e as do meio do arco da mesma, nicho das galhetas, fresta da sacrestia, lavatorio serão todos fingidos de pedra marmore bem feita a olio... arematada na quantia de duzentos e quarenta mil reis...»

MARTINS (MANUEL), *entalhador*. — Num «Livro de Notas» do tabelião João Baptista (1732-1734), a fl. 126 v.º, encontro a «Escriptura de obrigação da obra das Cazas da Rezidencia do R.do Abbade da Igreia de Villa Nova de Foscôa q̃ fas M.el Martins desta Cid.e». Embora êsse documento se refira a um Manuel Martins, mestre carpinteiro, da Rua da Misericórdia, verifiquei pela assinatura que se tratava do entalhador Manuel Martins, artista insigne na imaginária e lavor da talha, a quem Lamego deve um dos seus mais interessantes documentos artísticos — os altares colaterais da capela da Senhora do Destêrro, e que nessa ocasião se encarregou, como empreiteiro, das obras a executar na residência abacial.

A assinatura de Manuel Martins figura também na escritura da obra do altar principal da Senhora do Destêrro.

¿A que título aparece o artista nesse contrato? ¿Como colaborador? É bem possível, pois que a fl. 51 do livro em que foi lavrada essa escritura, encontrei o começo de uma obrigação que não teve seguimento e que se intitulava «Escriptura de obrigação da obra da Tribuna da S.ra do Desterro desta Cid.e de Lam.o q̃ fas M.el Machado e M.el Martins». Como vimos foi o primeiro que veio a arrematar sòzinho a obra, talvez porque o sócio não se encontrasse nas condições necessárias para assumir a responsabilidade de um contrato daquela natureza. Pela mesma ocasião, como se lê a fl. 52 do «Livro de Notas» citado, Manuel Martins, «desta cidade», e Manuel Machado, «mestre immaginario, nal de Antre Douro e Minho», servem de testemunhas numa procuração passada por Úrsula Correia, de Lamego, a António de Almeida, da vila de Almendra.

Dois anos mais tarde, em 1738, terminada e assente e admirada a obra da tribuna, entenderam os mordomos da Senhora do Destêrro por bem, o completá-la, o que fizeram contratando com mestres escultores de Lamego, Manuel Martins e Manuel Gouveia, a obra dos altares do cruzeiro. O contrato vem a fl. 198 do citado «Livro de Notas», donde o transcrevo na parte mais valiosa para a história artística da capela:

«— Obrigasão e fiança da obra dos altares colaterais da Capella da S.ra do Desterro q̃ fazem M.el Martins e M.el Gouveia desta Cid.e — Saibam quantos... como no a. do n. de n. s. j. c. de mil e setecentos e trinta e oito anos aos vinte e nove dias do mes de Maio... nesta cid.e de Lam.o dentro da Capella de nosa S.ra do desterro adonde eu t.am vim e ahj estava prezente o R.do M.el Pr.a da Silva digni-

çimo Prebendado na Santa See desta Cid.e Juis o prezente anno da Comfraria de Sam Goncallo da m.a capella e bem asim os mais mahiordomos asim nobres como ofeciaes q̃ sam os ao diante no fim asignados logo ahi por elles foi dito estavam ajustados com os d.os M.el Martins e M.el Gouvea mestres escultores de estes lhe fazerem dois altares na dita Capella na fr.a dos apontam.tos q̃ haviaõ feito tudo em preso e quanthia de duzentos e sesenta mil reis e pellos ditos mestres me foram aprezentados os apontam.tos e o escrito do theor seguinte — Primeiramente serão feitos dois retablos colatrais q̃ seram demais o mais de largo p.a o arco ambos de dois palmos e meio e o pee dr.to sera medido asima do Capitel do Arco hum pallmo, pello remate não poder ser dado em volta q̃ sera feito ao moderno comforme se ha de declarar. Primeiramente seram os dois retablos conrespondentes hum ao outro q̃ levarão seu banco e frizo e em lugar de colunas levaram cortelois com seus Anjos e em suas vasas e capiteis e ao pee da parede levarão hum pilar na milhor fr.a q̃ se poder acomodar vasando em volta p.a milhor acompanhar o remate e levara nas coartellas seus atalantes revestidos com sua talha m.to bem feita, levara mais no vam q̃ fiqua p̃.a os nichos e moldura do mesmo banco suas tarjas q̃ fasam forma de Sacrario as quais teram de retiro p.a o altar o q̃ pedir, em fr.a q̃ o retiro q̃ fizerem serviram p.a pavim.to das apianhas q̃ ham de levar os nichos adonde ham de estar os Santos dos mesmos Altares, e os nichos seram feitos com seus pavilhões na milhor forma e perfeisam da obra e na bola dos nichos levara dois pilares com a largura nesesaria p.a dar milhor saida aos pavilhois os quais seram do banco

dado o descarreguo q̃ pedirem q̃ todo o pee dr.to sera resalteado tanto os pillares detras das quartellas como coartellas e coartelois como vazas e capiteis e todas as mais molduras resaltiadas nos seus cimos comforme a arte o pede no seio da mesma obra; e levara do altar p.a baixo da largura q̃ thomar p.a o Arco sua quartella com seu rapaz de hua e outra parte e no groço q̃ fizer p.a traz levara hum pilar emtalhado na fr.a do mais, e da p.te da capella mor levara outro q̃ tudo feche com o Arco e peça tudo em volta p.a q̃ se não conheça trazeiras nem defeito algum e todo o Arco cruzeiro sera revestido de talha na mesma forma do pee direito e os frontais seram feitos na fr.a mais moderna com seus taburnos novos; e se fara o pee dr.to sobre hua banqueta q̃ não pasara do Altar p.a fora e o remate sera feito na manr.a seg.te — espedira o pilar q̃ fiqua ao redor da parede em hua moldura em voltalebre o frizo a romana na milhor acomodação, levara sobre o pee dr.to em sima do frizo nos cimos dos coartelois suas coartellas e moldura q̃ pedir com sua vaza resaltiada com seu tarjam de talha feito q̃ dê remate sobre os pavilhois dos nichos a qual sotavaza correra em volta a guarnecer hum pavilhão q̃ tera toda a grandeza q̃ pedir a bola do arco o coal pavilhão levara seus beranbazes e suas cartinhas os quais viram a prender ás maons de hua figura das quartellas q̃ hão de fiquar em sima do frizo, e o pavilhão levara seu remate com a milhor acomodação q̃ pedir e todo o mais vam q̃ fiqua sera revestido com talha e festão e figuras adonde se puderem acomodar, o redor do arco levara seus festois dependurados com seus rapazes como tambem se fara um goarda pó p.a o pulpito

Fig. 6 — Capela do Desterro — Cruzeiro — Obra de talha dos escultores Manuel de Gouveia e Manuel Martins — 1738.

com suas sanefas e cortinas e no remate levará hua figura com coatro rapazes nos cantos com seus festois, no remate bojio com sua garganta com toda a perfeisam posivel, na coal ha de asentar a figura q̃ fica, e em todo o mais se faram dois rapazes p.ª os coartelois da tribuna da medida q̃ pedir e se faram coatro meninos p.ª o sacrario, e não constava mais dos ditos apontamentos...»

Em 1738, o artista, então morador na Rua Torta, serve de fiador ao pedreiro João Lourenço, na obra da capela dos Passos, que êste se compromete a fazer junto da igreja de Almacave.

MATOS (António de), *pedreiro.* — Do lugar do Carregal, têrmo de Caria. Obriga-se, por escritura de 11 de Fevereiro de 1734, lançada num «Livro de Notas» do tabelião João Baptista (hoje no cartório de Jacinto M. da Cruz), a fazer tôda a obra de pedraria da igreja de Peravelha, do Bispado de Lamego.

MONTEIRO (Francisco), *pedreiro.* — Morador no lugar de Souto Côvo, têrmo da cidade. Com o seu colega Domingos Gomes contratou por escritura de 29 de Julho de 1688 a obra do concêrto do arco da Igreja da Misericórdia, e logo em 2 de Julho de 1688 a obra da tribuna do mesmo templo.

MONTEIRO (João), *carpinteiro.* — Morador na Rua do Campo, em princípios do século xviii. Em 28 de Maio de 1702 serve de testemunha na escritura de uma obra arrematada pelos pedreiros António de Bastos e Manuel

Pais. Em 4 de Junho do mesmo ano assina êle próprio um contrato da obra do concêrto dos dormitórios velhos do Convento de Santo António de Ferreirim (Vide a monografia dêsse monumento), servindo-lhe de fiador o seu colega António Pereira, morador na mesma Rua do Campo, e de testemunhas António de Bastos e outro mestre carpinteiro, Sebastião de Sousa. Em Março de 1714 arremata, juntamente com Manuel Pereira, da Rua do Carvalho, a obra de carpintaria e fôrro do corpo da Igreja do dito Convento de Ferreirim, bem como várias outras obras de menor importância, servindo ainda nesse mesmo mês e ano de testemunha na obra que o pedreiro António Ferreira da Silva tomara ao Convento.

MONTEIRO (João Correia), *entalhador*. — Habitava em 1749 em Ferreirim, para cujo Convento provàvelmente estava trabalhando, sendo muito possível que se ocupasse, ao tempo, da obra da tribuna da Igreja. No «Livro de Notas» de onde extraí os documentos referentes ao escultor João Correia Lopes encontrei, a fl. 35 v.º, uma escritura do contrato da obra da tribuna do Convento de Santo António da Cid.ª de Vizeu, que transcrevo:

«— Escriptura de ajuste e concerto da tribuna q̃ se hade fazer no Comvento de Sancto Antonio da Cid.ª de Vizeu outorgada p.º m.ª escultor João Corr.ª Montr.º e o P.ª Goardiam do d.º Comvento e seu Sindico por seu Procurador e fiança dada a mesma obra — Saibam quantos este p.ºº Instrumento de escritura p.ºª de ajuste da obra da tribuna que se hade fazer no Comvento de Santo Antonio da Cid.ª de Vizeu e fianca a ella dada ou como em direito

mais valha e dizer se posa forsa e vigor tenha virem como no Anno do n. de n. s. j. c. de mil setecentos e quarenta e nove Annos aos outo dias do mes de Majo do dito Anno nesta Cidade de Lamego e na rua da prasa de sima della casas das moradas de Antonio Duarte da Fon.ca Merquador e Sindico dos Religiosos do Comvento de Sam Francisco desta d.a Cid.e aonde eu taballiam ao diante nomiado fui vindo estando ele ali prezente como Procurador de João Roiz de Almeida da Cidade de Vizeu sindico que he dos Religiosos do Comvento de Santo Antonio da mesma Cidade de Vizeu e bem asim Joam Correa Monteiro M.e Escultor morador de presente no lugar de fereirim termo da villa de Tarouca da Com.ca e bispado desta dita Cidade os quais sam pesoas hum e outro bem conhecidas de mim Tabaliam e das testemunhas desta nota ao diante nomiadas e no fim della asignadas onde pello dito Antonio Duarte da Fonseca me foi apresentada huma procuração reconhecida que diz escripta e asignada por José Roiz de Almeida da Cid.e de Vizeu sindico dos Relligiosos do Comvento de Santo Antonio da ma cid.e da qual o conhecim.to e teor he o seguinte — P.cam José Roiz d'Almeida sindico dos religiosos do Convento de Santo Antonio da Cidade de Vizeu — pella prezente por mim feita e asignada faso e constituo por meu bastante Procurador ao Senhor Antonio Duarte Sindico dos Relligiosos de Sam Francisco da d.a cid.e de Lamego p.a que em meu nome posa asignar huma escriptura de concerto e obrigação que hade fazer o Mestre escultor Joam Correa Monteiro morador em o lugar de ferreirim p.a efeito de fazer huma Tribuna na Igreja do Comvento referido de Santo Antonio desta cidade na forma

dos apontamentos por mim e pelo dito Mestre asignados incorporandose na mesma escriptura todas as condisois e clauzullas persisas e necesarias p.ª bem e seguransa tanto do d.º Mestre como do d.º Comvento que p.ª tudo dou e concedo ao d.º meu procurador todos os meos livres e compridos poderes que em direito me sam concedidos e tudo o por elle feito haverei por firme e valido sobre a obrigação de minha pesoa e bens Vizeu de abril dezoito de mil sete centos quarenta e nove. José Roiz de Almeida — Reconhecimento — José de Almeida Carvalhais de Saldanha Cavalleiro na Ordem de Christo e escrivam da Provedoria da Cidade de Vizeu. Certifico que a letra e sinal da Procuração retro he de José Roiz de Almeida que serve de Sindico dos Religiosos do Comvento desta Cid.e de Santo Antonio e por tal o conheso e reconheso e p.ª constar pasei a presente que asinei em Vizeu aos dezoito de Abril de mil sete centos quarenta e nove. Jose de Almeida Carvalhais de Saldanha — e não constava mais da d.ª procuraçam e reconhecimento a q̃ me reporto em ella do d.º Procurador q̃ tambem a asignou no fim desta nota. E por asim ser logo pello d.º Joam Correia Monteiro M.e Excultor foi d.º em nosa prezenca que elle se havia concertado e ajustado com o d.º José Roiz de Almeida como sindico do d.º comvento de Santo Antonio da d.ª Cidade de Vizeu em presenca e com asistencia do muito reverendo p.e frei Antonio de Jesus Maria goardiam do mesmo Comvento delle fazer no mesmo Convento e Igreia delle huma tribuna na forma dos apontamentos e planta que elle João Correia Monteiro com o mesmo sindico asignara e se acha na mão do mesmo sindico tudo na

forma da dita planta e executando-a na milhor forma e perpucam da d.ª obra acrecentando e tirando o que for presizo para milhor acomodacam do escultor e que milhor for para o que se lhe dariam todas as madeiras para a dita obra e ferragem que para ella for presiza e Resam para o Mestre ou para quem elle diser e em preso e quantia certa para a fabrica da d.ª obra de quinhentos e vinte e cinco mil reis os quais lhe seriam pagos em tres pagamentos... e elle dito João Correa Monteiro dava a tudo por seos fiadores e principais pagadores a Antonio Mendes, M.e pedreiro em as obras da Sé desta Cidade homem casado em ella morador e a Diogo da Costa homem tambem casado e morador na sua q.ta do Barrouqual termo da villa de Tarouqua da Com.ca e Bispado desta d.ª Cid.e...»

MOURA (Manuel José de), *pintor*. — Foi fiador do entalhador João Correia Lopes, de Fafel, na obra que êste se comprometeu a fazer da tribuna de Nossa Senhora do Rosário, da Sé de Lamego, em 1751. Em 18 de Agôsto de 1769 assinou um contrato da obra de pintura e douramento da igreja serrana de Gosende, a duas léguas de Lamego, aldeia onde ainda hoje tôdas as casas são cobertas de colmo, com excepção da igreia. A escritura, lavrada nas notas de António J. de Queirós Coutinho, de 1769, encontra-se a fl. 7, e tem o seguinte título:

«Escriptr.ª de obrigação da obra de pintura e douramento da Igreia de Gosende deste Bisp.do q̃ manda fazer a Univercidade de Coimbra ao Arematante Manoel José, desta Cid.e».

Neste documento vem assinado o nome completo do artista — Manuel José de Moura.

NOGUEIRA (Francisco), *tecelão de sêda.* — Êste artista, residente no lugar de Esporões, têrmo da vila de Tarouca, em 1584, é-nos conhecido pela «Obriguação q̃ fez Fr^co Nog^ra a fernão guomes e a fr^co nunez» exarada nas notas do tabelião Diogo de Morais referentes ao dito ano e que passo a transcrever pelas curiosas informações que nos ministra a respeito do trabalho da sêda, nessa época e na região:

«Saibao os q̃ este estrom^to de obriguacão e fiamca virem q̃ no ano do n. de n. s. j. x. de mjll e quinhentos e outemta e coatro anos aos vinte e seis dias do mes de fev^ro em a cidade de llameguo nas pousadas de mim t^am perãte mim e t^as ao diãte nomeadas pareçeo fr^co nog^ra m^or no lluguar dos esporões termo da villa de Tarouca e disse q̃ elle se obriguava e de feito obriguou de fazer e dar feitas e acabadas ttrjmta teas de çeda bramcas a fernão guomes e a fr^co nunez m^es nesta cidade da feitura deste a hum mes primeiro seguinte as quais teas serao da sobredita maneira e das que se custumao irem e levarem p^a castella, diguo p^a Samora sem em todas e cada hua dellas aver fallta allgua p^a o q̃ os ditos fernao guomes e fr^co nunez lhe tinhao jaa dadas ãtes da feitura deste qujnhentas e vimte e cimco oncas de çeda branca da Imdia p^a as quais ttrinta teas lhe davao as ditas quinhentas e vinte e cimco omcas de çeda — V — p^a cada hua tera dezasete omcas e m^a / empregando cada hua tea das ditas trjmta mais ou menos elles ditos fernao guomes e fr^co nunez não seriao obrigua-

dos a lhe darem mais çeda pª as ditas trimta teas, empregando menos cada hua q̃ as ditas dezasete omças e mª elle frᶜᵒ nogʳª não sera obriguado a lhes satisfazer a dita fallta por q̃ as ditas trimta teas elle frᶜᵒ nogʳª comfesava e de fᵗᵒ comfessou ter jaa recebidas em sy todas as ditas quinhentas e vinte e cimco omcas de çeda e dellas se dava por emtregue / os quais fernao guomes e frᶜᵒ nunez lhe dariao e paguariao de feitio de cada hua das ditas trimta teas quinhentos rs em drº de comtado moeda corrente destes reinos q̃ em todas as ditas trimta teas soma ao todo qujnze mjll rs lhe dariao e pagariao ao tempo q̃ elle lhes emtregar as ditas trimta teas... e lloguo hy perante mim tᵃᵐ e tᵃˢ pareçeo ãtº guedez mᵒʳ em a villa de tarouca e disse que elle fiava e de fᵗᵒ fiou ao dito frᶜᵒ nogʳª em as ditas trimta teas de çeda...»

Esta escritura de obrigação encontra-se a fl. 30 do «Livro de Notas». Logo a fl. 92 encontramos novo público instrumento que se liga com o mesmo assunto. Fernão Gomes e Francisco Nunes compareceram, juntamente com o fiador António Guedes, perante o tabelião, e aí «diserao que frᶜᵒ nogueira mᵒʳ no lluguar dos esporoes termo da vila de tarouca lhes devia dezoito teas de çeda das q̃ se custuma llevarem pª Çamora do resto de trimta q̃ lhe devia...» e exigiram ao dito António Guedes o cumprimento do contrato.

OLIVEIRA (João de), *entalhador*. — Era natural da freguesia de S. Tiago de Bomfim (Guimarães) e trabalhava em Lamego no ano de 1733, segundo se infere da «Escriptrª de obrigação de obra q̃ faz João de Olivrª

solteiro f.º de D.os de Olivr.ª do lugar de Barroqua freg.ª de S. Thiago de Bomfim tr.º da villa de Guimarais a Hironimo frz de Araujo boticario da Rua de Sam fr.co desta Cid.e de Lam.º» lavrada nas notas do tabelião João Baptista em 22 de Março de 1733 e exarada a fl. 61 do livro referente a êsse ano. Nessa escritura o mestre entalhador João de Oliveira compromete-se a fazer «na capella da invocação da Senhora do Valle, cita na Igr.ª do Comv.to de Sancta Cruz de Villa de Rei desta Cid.e», o retábulo e mais aparato da tribuna.

PAIS (Manuel), *pedreiro*. — O nome dêste artista aparece freqüentemente citado nos contratos de obras do convento de Ferreirim. Residia em Dalvares, têrmo da vila de Tarouca, a uns três quilómetros, sòmente, do convento, justificando esta proximidade a freqüência com que o encontramos nas obras executadas pelos religiosos no princípio do século XVIII. Alguns dos seus trabalhos foram feitos de sociedade com o pedreiro e arquitecto António de Bastos (Vide a monografia do Convento).

PEREIRA (António), *carpinteiro*. — Arrematante, com Sebastião de Sousa, de certas obras de carpintaria no Convento de Santo António de Ferreirim, em 29 de Maio de 1702 (Vide a monografia do Convento). Em 4 de Junho do mesmo ano fica por fiador do carpinteiro João Monteiro numa obra a executar no mesmo Convento de Ferreirim, o concêrto dos dormitórios velhos. Residia na rua do Campo.

PEREIRA (MANUEL), *carpinteiro.* — Um dos que trabalharam em Ferreirim. Em 10 de Setembro de 1702 contrata com o administrador da capela o concêrto dos claustros e várias outras obras miúdas. Em 12 de Novembro de 1711 encarrega-se da «obra de carpintaria e suas pertenças do côro e cazas do frontespicio e solho da Caza da Torre» pelo prêço de seiscentos e cinqüenta mil reis. Finalmente em 20 de Março de 1714 arremata, juntamente com o seu colega João Monteiro, tôda a «obra de carpintaria e fôro... no corpo da Igreia do... Convento e a do fôro da escada nova e acrescentamento das alcovas da caza da ospedaria e alcovas estante e mais obras da caza nova q̃ esta feita p.ª o p.e guordiam...». Habitava na Rua do Carvalho.

PEREIRA (MANUEL), *pintor.* — Foi, em 1716, encarregado de pintar o fôrro e dourar o frontal do altar da Igreja da Misericórdia de Tarouca.

PINTO (MANUEL), *ourives.* — Habitava na Rua da Corredoura em 1742. Nas notas do tabelião António Cunha de 1741 a 1748, a fl. 44, encontra-se uma «Escriptr.ª de fiansa e segurança da obra de huma cruz de prata da Comfraria da Snr.ª do Rozario da Sé desta Cid.e dada p.ª fazer a M.el Pinto, ourives da Rua da Corredoura da mesma Cid.e» que além do nome e morada do artista pouco mais de interessante contém. Essa cruz de prata «com sua haste de canudos» existe ainda na posse da Confraria.

RAMOS (João), *serralheiro.* — Mencionado numa lista de irmãos da Misericórdia, de 1520. Residia na Rua do Poço, uma das mais antigas da cidade.

RIBEIRO (Francisco), *serralheiro.* — Vivia em Lamego no ano de 1561, como se infere de um livro da Misericórdia onde vem mencionada a esmola de x réis que dera para a mesma.

RIBEIRO (João), *pedreiro.* — Natural de Anrriade, concelho de Aregos. Arrematou a obra de pedraria da capela-mor da Igreja de Marialva, trespassando depois essa obra a outro pedreiro, de nome Manuel Roiz. A escritura de trespasse, exarada a fl. 189 do «Livro de Notas» do tabelião João Baptista, de 1732 a 1734, tem o seguinte título: «Escriptr.ª de Trespaço da hobra de Pedraria da Capella mor da Igr.ª de Marialva deste Bisp.do q̃ emtre si fazem João Ribeiro do lugar de Anrriade do com.co de Aregos com M.el Roiz ferr.ª da freg.ª de ferreira termo de Coura, Com.ca de Vianna», e é datada de 22 de Junho de 1734. É possível que êste Manuel Rodrigues Ferreira seja um parente de Domingos Ferreira, pedreiro e arquitecto de que atrás me ocupei, pois ambos são naturais de Ferreira, concelho de Coura.

ROIZ (António), *pintor.* — Vivia em 1659 nos Chãos de Arneiroz, arrabalde da cidade, tendo nesse ano, a 30 de Abril, contratado com o Reitor do Mosteiro da Ermida, a pintura e douramento do altar-mor da igreja. Do contrato foi lavrada nas notas do tabelião João de Moura

Coutinho uma escritura (fl. 30 v. do livro de 1658-1659) que transcrevo:

«Saibam os q̃ este instromento de contrato e obrigasão virem como no anno do n. de n. s. j. c. de mil e seiscentos e sinquoenta e nove annos em os trinta dias do mez de Abril do dito anno nesta Cidade de Lamego e pasos episcupaes cazas e moradas do R.do Senhor Doctor Dom Diogo de Andrada Leitão Deão da Se de Lamego Provizor deste Bispado sendo ahi prezentes o R.do Gaspar Leitão Reitor do Mosteiro da Ermida e An.to Roiz Pintor de oleo m.or nos Chaos arrabalde desta Cidade pesoas reconhecidas de mim t.am E logo pello R.do Reitor foi dito que estava contratado cõ o dito Pintor p.a effeito de lhe dourar e pintar o Retabolo do Altar mor de sua Igreia na man.ra seg.te sera dourada de frizos columnas e tudo maes q̃ for nesesario p.a adorno delle de man.ra q̃ no dourar de ouro bornido fiquara obra prima. os anjos e serafins serão dourados e estofados e emcarnados na melhor forma q̃ possa ser. no Retabolo. no Pr.o banco Pintara quoatro meios corpos de apostolos. como o R.do Reitor lhe mandar. o Painel do meio aonde esta hum crusufixo se pora hũ Resplandor de ouro e canpo azul. e de cada banda deste Resplandor se pintara hũ Ripadinil (?) da Nunciasão. e da outra parte a visitasão de nossa snra e serão corpos inteiros e g.des p.a q̃ se veião de toda a Igreia e prosima do frizo aonde esta a sinhora de alto se pora hũ Resplandor de ouro e vermelho. e as cartellas e remates sera tudo ouro e as columnas e tudo o maes q̃ fique obra boa de ouro Burnido. e por esta obra bem feita e acabada realsada e feita comforme a arte de pintar sera feita e acabada

per todo o mez de Novembro deste anno; e por paga e satisfasão della lhe darão sesenta e dous mil e quinhentos livres e forros p.ª elle pintor q̃ sera obrigado a lhe pintar o Paynel da Samchrestia. e este d.º dr.º lhe davão cõ obrigasão que a Imagem de nosa snra do mesmo altar sera incarnado o Rostro e maos e na mesma forma a Imagem de são Joaninho emcarnada. e lha trarão a Igreia da hermida e por estas obras lhes pagarão os ditos sesenta e dous mil e quinhentos e a paga Pr.ª lhe darão ao Primcipiò da obra. a seg.da no meio della e a terseira despois della acabada e vista por pintor q̃ emtenda a arte lhe sera dada. e o pintor q̃ a for veer sera por conta delle R.do Reitor e depois de ella vista e acabada — se se lhe dilatar o pagamto della estara elle Pintor a custa do R.do Reitor a dous cruzados por dia: E elle pintor sera obrigado a fazer a dita obra ate o tal dia de todo o mez de novembro deste anno e não a dando feita ate o dito dia perdera da obra dez mil rs. que se lhe abaterão no dito preso. e Estas clauzulas finaes puzerão elles outrogantes nesta nota. E para o dr.º desta obra se obrigou elle S.or Deão a dar a elle Pintor quarenta mil reis em nome e por conta de Dom Manoel de Sousa prelado de Thomar os quaes lhe mandou q̃ despendesse no dourar do Retablo, ou em algũa cousa da dita Igreia por sua devosam em Rezão de aver sido parocho della. dos quaes lhe darão quitasão o R.do Reitor nas notas despois de a obra estar acabada q̃ sera por conta do dito dr.º e nam pella sua. Rverdº Deão dara a pr.ª paga ao escripto do Reitor e quitasão delle pintor. E nesta forma fizerão este contrato que da parte a parte se obrigarao a Cumprir. E a segu-

ransa de tudo obrigarão elle R.do S.or Deão e Reitor seus bems e Rendas prezentes e futuros aonde quer q̃ forem achados e q̃ por nenhũa das partes se quebrara este contrato... E elle Pintor se obrigava a cumprir este Contrato no juizo ordinario desta Cidade aonde quer e Renuncia todos os mais privilegios que em seu favor forem ainda q̃ seião encorporados em dr.to...

«T.as prez.tes o P.e M.el Ribr.o e M.el Dias, criado do R.do Deão que todos aquj asinarão sendo lhe prim.ro lida esta nota por mim Joam de Moura Coutt.o t.am a escrevi.

«(aa.) Dom Dy.o d'Andrade Leitão, Deão — O R.do G.par Leytao R.tos Antonio Roiz — o P.e Manoel Ribr.o — Manuel Dias».

ROIZ (Domingos), *pedreiro.* — Segundo consta de um livro de assentos, que começa em 1693, da Misericórdia da vila de Tarouca, no ano de 1705-1706, a Santa Casa dessa povoação «despendeu com o mestre pedreiro D.os Roiz, por fazer a Tribuna, Caza do Despacho levantar as paredes e escadas... 5o$860 reis...» Por outras referências do citado livro pode concluir-se que êste Domingos Roiz era natural ou residia em Mondim das Meias, freguesia vizinha.

ROIZ (Pero), *ourives.* — Viveu em Lamego na primeira metade do século XVI, na parte da cidade compreendida entre a ponte de Balsemão e a da Olaria, como se infere da citação que transcrevo de fl. 3o v. do «Livro dos semcos do Cabido» de 1558-1559:

«huas casas que forao de p.o roiz ourivez as quais foram

vendidas a Jorge frz, pagua por saon mygeĺl delas quatrocentos reis».

REBELO (Francisco), *carpinteiro.* — Num dos livros de contas da Santa Casa da Misericórdia de Tarouca, que começa em 1693, encontro menção de que no ano de 1716 a mesa despendera: — «com franco Rebelo, de fazer o frontal, 9.600 reis», e despendera mais com o mesmo Francisco Rebelo, de fazer a escada, 2.400 réis. Ambas essas verbas se acham lançadas a fl. 30 do referido livro de contas.

REGO (João do), *pedreiro.* — Temos documentado o seu trabalho em Lamego desde 1561 a 1568. Mestre pedreiro e arquitecto, executou vários trabalhos para a Misericórdia, e, como se infere de um dos documentos adiante transcritos, construíu a tulha e a capela do bispo. Confrontando a data dêste documento com a da construção da capela do bispo D. Manuel de Noronha nos claustros da Sé de Lamego, interessante edifício Renascença, poderemos talvez atribuir-lhe essa edificação.

Do masso de 1561 dos livros de contas da Misericórdia transcrevo de fl. 88 o trecho seguinte, onde se fala do artista:

«Aos vinte e nove dias do mes de Junho se cõcertou o pvedor e irmãos cõ Joam do Rego pedreiro q̃ alevantasse a capella quatro palmos e o arco e fizesse huma fresta como mais largamente se podera ver per hua escritura q̃ esta em poder de bras coelho em preco de doze mil e quinhentos rs. pagos os tercos e Recebeo logo cinquo mil

rs. em comeco de pago dos ditos doze mil e quinhentos rs. e por ser verdade asinou aqui t.as o sõr meirinho e pº Roiz meo conigo e eu antº de gouvea q̃ o escrevi digo q̃ a escritura esta em poder de dioguo nunez...»

Em 3 de Março de 1563, António Coelho, pedreiro, de Arneiroz, serve como medidor na avaliação da cantaria empregada por João do Rêgo nas obras que continuava a fazer na capela da Misericórdia. No «T.º das obras que fez a caza», a fl. 89 do «Livro de escrituração da Santa Caza» referente ao ano de 1567-1568, encontra-se nova menção do mestre pedreiro:

«— Concertousse o pdor e Irmaos com Joam do Rego pedreiro que fizesse as capas da capella q̃ estavao por fazer per diante e per detraz, as bracas segundo fizera as da casa da tulha e capella do bispo pello preco dellas q̃ custarõ tres mil e novecentos Rs...»

SOUSA (Manuel de), *ensamblador*. — Artista de grande merecimento, juiz do seu ofício em 1717, a quem se devem essas belas grades e púlpitos de pau prêto com aplicações de metal que encontramos em muitas igrejas de Lamego e seu têrmo. Em 22 de Abril de 1717 contrata com o administrador do convento de Ferreirim a obra das grades, oratório e estante do côro da igreja do mesmo convento, trabalhos magníficos a que infelizmente foram arrancados todos os metais. Nos «apontamentos» que acompanham a escritura o mestre revela a sua competência e importância, e dá-nos a entender que lhe pertence a obra das grades do arco cruzeiro da igreja dos religiosos Capuchos. Poderemos atribuir-lhe também o púlpito de

Ferreirim, o da igreja de Barcos, o da capela da Senhora dos Meninos.

No «Livro de Notas» de 1719-1721 do tabelião João Baptista (hoje no cartório de Jacinto Monteiro da Cruz), a fl. 43, vem o interessante documento que a seguir transcrevo, e que nos revela a autoria das notáveis grades do cruzeiro da capela da Senhora dos Meninos:

« — Escriptr.ª de Contrato q̃ entre si fazem os Mordomos de N. Sr.ª dos Meninos e M.el de Sousa — Saibam q.tos este p.co Instrom.to de Escriptr.ª de contrato e obrigação de obra ou como em direito mais valha força e vigor tenha virem como no anno do n. de n. s. j. c. de mil setecentos e vinte annos Aos vinte e dois dias do mes de fev.º do d.º anno nesta Cid.e de Lam.º na Capella de N. Senhora dos Meninos junto a ponte de Balcamão arabalde desta Cid.e aonde eu t.am vim estando ahi prezentes uniformemente o R.do M.el Pr.ª da Silva conigo na S.ta Ssé desta Cid.e e os mais mordomos da d.ª Senhora os abaixo asignados e bem [asim] M.el de Souza da Rua de S.ta Crux m.e emxenblador, todos pesoas reconhecidas de mim t.am e das tes.tas ao diante nomiadas e no fim desta nota asignadas e logo ahi pello dito R.do Conigo M.el pr.ª da Silva e mais mordomos foi d.º q̃ elles estavão ajustados e contratados com o d.º M.el de Souza q̃ prez.te estava de lhe fazer huma hobra de grades de pau preto p.ª a capella da d.ª Senhora dos Meninos q̃ ham de servir e ser postas no arco da d.ª capella as coais grades ham de ser feitas na forma da planta com seus Bronzes todos fichados asim no banco de sima como no de baixo as coais grades hão de ser postas e vistas no d.º lugar do arco da d.ª capella athe

quinze do mes de Agôsto deste prez.te anno de sete centos e v.te ficando obrigado o d.o M.el de Sousa a dallas postas e suprir com toda a ferrajem e chumbos e o mais q̃ for necesario p.a a segurança das d.as grades tudo a sua custa sem q̃ os d.os Mordomos hajam de comtrebuir com couza algũa p.a elles sim som.te fazerem Rial intrega do compito de sem mil reis, na forma de q̃ tomou e ajustou a d.a obra ... E logo pello d.o R.do Conigo M.el pr.a da Silva e mais mordomos foi dito que comprindo o d.o M.el de Souza em fazer as ditas grades na forma da planta e apontam.tos que vierão da Cidade do Porto q̃ se obrigavão a fazer Rial intrega dos ditos sem mil reis em tres pagas, a saber a pr.a paga logo a fetura desta e a segunda no meio da obra e a terceira paga no fim ao dipois de postas as ditas grades na forma q̃ dito fica com seus Bronzes dourados asim nas grades como nas piramidas na forma q̃ declara a planta...»

SOUSA (Sebastião de), *carpinteiro.* — Natural do lugar de S. Vicente, têrmo de Guimarães. Com António Pereira arrematou em Maio de 1702 varias obras no Convento de Ferreirim (Vide a monografia do monumento).

SUPICO (Manuel Monteiro), *pedreiro.* — Em 1740 associa-se com os seus colegas João Martins, João Lourenço e António Mendes para a execução de obras de arquitectura, pedraria e carpintaria. É, em 1751, uma das testemunhas da escritura do contrato da obra da tribuna da Senhora do Rosário, da Sé, feita por João Correia Lopes, mestre entalhador.

VIEGAS (Gonçalo), *ensamblador*. — Juntamente com seu cunhado Manuel de Sousa, como êle «emxemblador», contrata com o administrador do Convento de Santo António de Ferreirim a feitura das grades do oratório e estante do côro do sobredito Convento, a 22 de Abril de 1717. A obra contratada subsiste ainda, demonstrando a competência dos artistas, habilíssimos entalhadores (Vide a monografia do monumento).

VIEIRA (António), *pintor*. — Filho de um outro António Vieira, morador em Lamego, que em 1605 lhe manda aprender o ofício de pintor em Lisboa com o artista Gregório Antunes. Transcrevo a seguir o contrato que o pai realizou com o mestre pintor e que encontrei a fls. 40 do «Livro de Notas» de Diogo de Morais referente ao ano de 1605:

«— Comtratto emttre ãtº vra e gryguorio ãtunez — Saybao os q̃ este estromento de comtrato e obriguacao virem q̃ aos nove dias do mes de novembro do anno do naçimento de noso sõr Jhũ xpo de myll e seis centos e cinco annos em a cidade de llameguo nas pousadas de mim tam peramte mim e as tas ao diamte nomeadas pareçeo amtº vieira vecendeiro mor nesta cidade/e disse q̃ elle estava comtratado com gryguorio amtunes pimtor mor em a cidade de llisboa pª elle emsinar hum seu fº delle dito ãtº vra a arte de seu oficio de pimtor/pela maneira seguĩte -s- q̃ o dito gryguorio amtunez Imsinaria e daria emsinado a dita arte e oficio de pimtor ao dito seu fº delle dito Amtº Vra q̃ ha nome amtº q̃ sera ora de idade de catorze anos pouco mais ou menos da feitura deste estromento a seis

anos primeiros seguintes / e no fim dos ditos seis anos / o daria emsinado perfeitamente de tudo o q̃ he necesario saber hum pimtor / e não o dando asim emsinado no dito tempo lhe daria e paguaria tudo o q̃ se daa por cada a hum obreiro da dita arte de pimtar ate de todo saber perfeitamente ha dita arte / e q̃ elle amtº vieira dara lloguo ao dito seu fº amtº hum vestido / e q̃ o dito gryguorio amtunes lhe dara todo o dito tempo de seis anos ao dito amtº de comer e beber vestidos e callcado como he costume os mestres da dª arte de pimtura darem aos aprendizes e lhe dara mais cama em q̃ durma e bom tratamento e no fim do dito tempo lhe dara o dito gryguorio ãtunez hum vestido perfeito comforme ao q̃ dão os mestres da dita arte aos seus aprendizes e q̃ elle dito antº vʳª se obriguara e de feito obrigou ao dito seu fº amtº estar apremdendo a dita arte de pimtor com o dito gryguorio ãtunez todo o dito tempo de seis anos e q̃ Imdose ou saindosse o dito ãtº seu fº de casa e poder do dito gryguorio amtunez durãte o dito tempo de seis anos ou llevãdolhe de sua casa algua cousa comtra sua vomtade q̃ elle ãtº vʳª se obriguava e de fᵗº obrigou paguarlhe todo aquillo q̃ o dito amtº seu fº lhe asim llevar e fazerlhe compor todos os dias e tempo q̃ elle dito amtº seu fº ãdar fora de casa e poder do dito gryguorio anntunez comtra sua vomtade / e q̃ emfermãdo e adoecendo o dito ãtº seu fº no dito tempo q̃ o dito gryguorio ãtunez o mãdaria curar e darlhe tudo ho necesario pª suas doemcas a sua custa e despesa e lhe dara tãbem camisas necesarias em o dito tempo / e q̃ os dias q̃ o dito ãtº por causa de suas emfermidades não trabalhar na dita arte de pimtura / os satisfara todos tamto q̃ for sao de

maneira q̃ os ditos seis anos serão de todo perfeitos e acabados e pª tudo asi comprir guardar e pagar elle dito ãtº vrª obriguava sua fª e todos seus bens e fazemda movell e de Raiz q̃ ora tem e ao diamte tever e reseber e se obriguava Responder peramte o juiz do civell e ordinario da dita cidade de llixboa perãte qualquer delles q̃ o demãdar quizerem para o q̃ renunciou Juiz e Juizes de seu foro tempo de ferias de pao e colher e os nove dias de doemte e os dez de embargos.../e o dito gryguorio amtunez sera obrigado da feitura deste a hum mes primeiro seguinte mãdar a elle dito amtº vrª hum estromento... em como aprova ratefique e aja por bom este estromento... e mandou fazer este estromento q̃ eu tam delles escrepevi e em nome do dito gryguorio amtunes e das pesoas a q̃ tocar o aceitei por sollene estepullação. Tas q̃ forao prezemtes ãdre Lco cerogião e frco glz azemell do bispo desta cidade em ella mes dº de moraes o esc. (a. a. a.)».

Do aprendiz, que em 1612 devia estar de volta a Lamego com mais de 20 anos e a sua educação completa, não torno a ter notícias até 1636, data em que o seu nome aparece num livro de contas da Misericórdia. A fl. 24 v.º do masso referente a 1636-1637 encontra-se o seguinte parágrafo: «Pagou mais o mesmo Thesoureiro a António Vieira Pinctor (por escripto do Provedor) de pintar e dourar as grades, dous mil e quatro centos reis...»

VIEIRA (Domingos), *ourives.* — A confraria da Senhora do Destêrro de Lamego que encomendara ao ourives portuense Domingos Vieira uma sacra, seis castiçais

e um turíbulo de prata, desobriga-o por uma escritura passada em 5 de Maio de 1722 nas notas do tabelião João Baptista, dêsse trabalho, por já ter recebido os mencionados objectos (Livro de 1722 a 1723, fl. 18): — «Escript.ra de desobriga de obra que dão os Mordomos de N. S.ra do Desterro desta Cid.e ao hurives D.os Vieira, da Cid.e do Porto».

APÊNDICE

APÊNDICE

Após a elaboração do pequeno dicionário de artistas lamecenses que atrás fica, tive ocasião de consultar dois *Tombos* antigos da Câmara Municipal de Lamego, encadernados num só volume, onde recolhi mais uma dúzia de nomes. Dêsses *Tombos*, o mais antigo tem por título:

«Tombo das propriadades manynhos heranças e rendas que pertencem a muyto nobre e lleal cidade de llameguo que mandou fazer ho muyto allto e muyto poderoso Rey dom Joham ho terçeiro noso sõr pello L.^{do} francisquo samchez que per sua alteza foy envyado a comarqua da beira fazer hos tombos das cousas dos concelhos. O qual foy per elle comecado em a dita çidade aos nove dias do mes de mayo e acabado aos vynte dias de Junho do ano do nascimento de n. s. j. c. de mjll e quinhentos e trinta...»

A primeira fôlha dêste livro é de pergaminho, e adornada com um brasão da cidade, rodeado de ornatos renascença.

O 2.º *Tombo*, quási um século posterior, intitula-se:

«Tombo dos bens foros e propriedades que pertençem

ao concelho desta çidade de lameguo que se fez por mandado do muy alto e poderoso Rey Dom Phellipe o segundo de Portugal, na era de mil e seiscentos e catorze annos».

Nêsse 2.º *Tombo*, tão curioso como o 1.º para a história da velha Lamego, lêem-se na fl. 1 v. e 2, as seguintes notícias:

(Fl. 1 v.): — «Tem este Concelho huma praça com seu pelourinho que esta toda rodeada de cazas. E nela esta a caza da audiencia».

(Fl. 2): — «Tem este Conçelho huma casa que serve de se fazer a camara q̃ esta em huma torre acostada no muro que he del Rej e da çidade e em outra torre esta a cadea que he dentro no castelo da coal o alcaide he carcereiro. E no mesmo muro esta hum curocheo em que esta o Relogio».

AFONSO (Bastião), *pintor*. — De fl. 19 v. do *Tombo 1.º* da Câmara: — «Tem a çidade hũu enxido que vay antre ho muro e a barbacãa que parte com a traseira das casas da çidade que traz a molher que foi de Duarte roiz mercador e com enxido que foi de pº dallmeyda que traz bastiam aº pyntor e trazeo com suas aruores çezillia cardosa molher que foy de dioguo de llisboa, per infeitosym perpetuu de que paga foro a çidade em cada hũu anno corenta reis...»

E a seguir a êste parágrafo, outro em que há referência ao mesmo artista: — «Tem a cidade hũu enxido com arvores antre ho muro e a barbaquãa detraz das casas que trazem bastiam aº pintor e pero bras albardeiro; trazea

com suas aruores C^na dallmeyda f^a de p^o dallmeyda de que paga de foro a çidade em cada hũu anno per infeitosym perpetuu corenta rs».

CARDOSO (ANTÓNIO), *ourives.* — A fl. 9 v. do *Tombo 2.º* da Câmara fala-se de Isabel Cardosa, viúva, mulher que fôra de Antõnio Cardoso, ourives.

COELHO (DUARTE), *pedreiro.* — A fl. 20 v. do *Tombo 1.º* da Câmara encontra-se a seguinte referência a êste artista: «has poldras do porto cavallar tem a çidade hua horta que parte com ho Rio de Coura e com camjnho que vay pera sam fr.^co e com campo dos Raçoeiros dallmacave; trazea duarte Coelho ped.^ro per imfeitosym perpetuu paga della de foro a çidade em cada huu annò corenta reis».

Duarte Coelho é aquele mesmo pedreiro a quem D. João III em 1542 comutou uma pena, e que segundo o documento de perdão, publicado por Sousa Viterbo no vol. 1.º do *Diccionario dos Architectos*, construíra a capela de Almendra e fizera muita obra na Sé de Lamego.

EANES (PERO), *adargueiro.* — De fl. 7 v. do *Tombo 1.º* da Câmara: — «... partindo com ho dito chãoo tem a çidade out^ro chãoo que tem per diante na face da Rua oyto varas e em A testa per detraz na barreira; trazeo p^o eanes adargueiro pera nelle fazer casas como adeante ira...»

FERNANDES (FRANCISCO), *serralheiro.* — De fl. 10 v. do *Tombo 2.º* da Câmara: — «francisco fernandes seralheiro partem as suas casas com maria fernandes e vitorea

teixeira; tem de larguo na façe da rua duas varas e mea e de comprido nove e o enxido tem de larguo ao longuo do muro tres varas e de comprido nove entrando a barbacam».

FERNANDES (João), *serralheiro.* — De fl. 10 do *Tombo 2.º* da Câmara: — «... A molher de Joam fernandes seralheiro paguava de foro a cidade por prazo de vidas que ja he acabado setenta reis das casas em que vive que partem com o padre domingos fernandes e com Constantino Monteiro...»

FONSECA (Manuel da), *sirgueiro.* — De fl. 9 do *Tombo 2.º* da Câmara: — «Manoel da fonseca sirgueiro paguava de foro em cada hũ ano a çidade das cazas em que vive que eram em vidas que são acabadas cento e trinta e cinco reis, as coais partem com cristina da cunha e com os herdeiros de grigorio fernandes...»

GARCIA (Diogo), *sirgueiro.* — De fl. 11 v. do *Tombo 2.º* da Câmara: — «Dioguo Gracia sirgueiro pagua a cidade de foro em cada anno perpetuo pera sempre çincoenta e coatro reis de huas casas em que vive que partem com bras coelho e pero roiz...»

GUEDES (Vicente), *sirgueiro.* — De fl. 12 do *Tombo 2.º* da Câmara: — «Vicente Guedes sirgueiro pagua de foro a cidade em cada hũ año pera sempre outenta reis das cazas em que vive que partem com Maria Teixeira e Manoel Monteiro, tem de larguo na face da Rua outo varas e de

comprido outras outo, tem o enxido ao longuo do muro coatro varas e mea e de largo sete».

LOPES (Francisco), *serralheiro*. — No *Tombo 1.º*, em altura de paginação que corresponde à segunda metade do século XVI, encontram-se à margem de uma verba referente a um Diogo de Almeida as seguintes palavras: «Isto traz fr^co^ lopes saralheiro». Êste apelido *Lopes*, num serralheiro, vem talvez ajudar-nos na decifração das iniciais do desconhecido *B. L.* das grades da capela de S. Nicolau, no Claustro da Sé.

PIRES (Antão), *ourives*. — De fl. 3 do *Tombo 1.º* da Câmara: — «e partindo com has sobreditas tem a çidade huas casas que tem per diante seis varas e de llarguo pera o muro cinquo varas e m^a^, trazeas branca roiz f.^a^ que foy dantam piz ourivez per imfeiteosym perpetum paga delas de foro a çidade em cada huu anno qujnhentos rs».

REIS (Gaspar dos), *ourives*. — De fl. 11 do *Tombo 2.º* da Câmara: — «partem as suas cazas em que elle vive com sua maj felipa amada, com Cosme pinto e com francisquo fernandes o surdo; tem de larguo na face da Rua cinco varas e de comprido outo, tem o enxido de larguo ao longuo do muro coatro varas e tres coartas e de cõprido onze varas e entrando nellas a barbacam».

CONVENTO

DE

SANTO ANTÓNIO DE FERREIRIM

Fig. 7. — Ferreirim — Torre Senhorial mediévica dos primeiros Condes de Marialva

CONVENTO

DE

SANTO ANTÓNIO DE FERREIRIM

Na sua *Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego*, Joaquim de Azevedo, misturando com encantadora simplicidade as excelências espirituais e temporais desta antiga casa religiosa, localiza-a pela seguinte forma:

«Convento de frades menores observantes de S. Francisco, dedicado a Santo Antonio, em um valle ameno e alegre, com boa cêrca, dormitorios, claustro e igreja, quasi legua e meia de Lamego ao sul, no termo de Tarouca, por baixo de Móz, casa grande, magestosa nos edificios, abundante de agua, com muitas arvores, fructas, devezas, matos, boas hortas e com algumas capellas».

Menos exuberante e mais preciso, Fr. Fernando da Soledade, o continuador da *Historia Seraphica*, descreve-nos também na Parte IV, livro 2.º, capítulos 3.º e 4.º dessa obra, o local do convento, «cingido de montes vestidos de vinhas e matizados de soutos e pinhaes». E continua logo: «Chama-se Ferreirim por comtemplação da Quinta deste nome, em que os Condes de Marialva tinhão o solar de sua nobreza e ainda hoje permanece em hũa

torre eminente q̃ erigirão seus antepassados para eterna memoria do grande valor com que expulsarão deste lugar e dos circumvisinhos os mouros». Prossegue depois com uma larga história do mosteiro, que é ainda a melhor fonte de informação a que podemos recorrer.

Segundo o cronista, êste título de Condes de Marialva principiou em D. Vasco Coutinho, marechal, que morreu em 1450 e está sepultado em Salzedas; continuou-se em D. João Coutinho, morto na tomada da mesquita de Arzila; e finalizou em D. Francisco e D. Brites, fundadores do convento de Ferreirim, porquanto havendo a filha única dêstes últimos, D. Guiomar, casado com o infante D. Fernando, que faleceu em 1534, de 27 anos de idade e sem geração, reverteu o título à coroa, pois ficara herdeiro da casa o infante D. Luís, outro filho de D. Manuel.

Propuseram-se os últimos Condes fundar um mosteiro na sua Quinta de Ferreirim, e tendo-se aconselhado com um Fr. Nuno de Alverca, fizeram a doação do terreno necessário em 28 de Janeiro de 1525 por escritura que lavraram nos seus paços da Tôrre do Bispo, no Ribatejo. Nessa doação incluía-se a condição de «que a torre se não desfaria e estaria sempre em pé por memória de seus antepassados q̃ a dita torre edificarão».

Como se reconhecesse que a clausura ficaria um pouco devassada pela proximidade de um casal que a dominava, em 8 de Outubro de 1527 os Condes, por nova escritura assinada nos seus Paços da Azinhaga, «distrito da vila de Santarem», alargam a área primitivamente doada.

É natural que as obras de edificação principiassem logo em 1525. Certo é que já em 1527 assistiam religiosos na

nova casa. Mas os trabalhos prosseguiram durante muitos anos e foi a Condessa D. Brites que, após a morte do marido, sucedida em 1532, levantou os dormitórios e outras oficinas, provendo também com magnificência a igreja e sacristia dos aprestos necessários.

D. Brites faleceu em 20 de Maio de 1538. Por seu testamento, que escreveu em Santarém o P.e Fr. Nuno de Alverca, em 17 de Maio de 1535, acrescido de um codicilo escrito pelo seu confessor, Fr. Jorge de Santa Justa, em 2 de Outubro de 1537, a última Condessa de Marialva nomeou herdeiro e testamenteiro o infante D. Luís, reservando para a sustentação do convento e dos seus 18 religiosos, 6113 alqueires de pão das rendas das terras que possuía em Trancoso.

Jazem ela e seu marido num soberbo moimento erguido na capela maior da igreja de Ferreirim, onde figuram sòmente as armas do Conde, as cinco estrêlas em aspa. Modestamente, D. Brites, que sobrevivera ao Conde e lhe terminara a sepultura, esquecia as barras e os leões heráldicos dos Meneses, que posteriormente, em homenagem de gratidão, os religiosos fizeram pintar unidas às armas de seu marido, sôbre o arco do cruzeiro.

Segue-se depois a parte mais árida — para nós, pôsto que para o Convento fôsse de importância vital — da memória de Fr. Fernando, versando sôbre os direitos e propriedades da Casa, as vicissitudes por que haviam passado os religiosos nas suas relações de vizinhança com os párocos de Mós e Britiande, e os varões piedosos que naquele jardim franciscano floresceram por virtudes ou méritos de espírito. Nìtidamente se aponta nessa parte da

memória o ano de 1702 como aquele em que por integral aplicação dos rendimentos se começaram as grandes obras de reedificação. Essa data concorda com os documentos que ao diante transcreverei e constituem a parte mais valiosa desta monografia.

Munidos da indispensável introdução histórica, entremos agora no exame directo do que perdura do Convento de Santo António de Ferreirim.

*

A uma légua de Lamego para o Sul, Britiande estende ao longo da estrada nova, decalcada nesse ponto sôbre o trilho antigo, o seu casario decrépito onde os portais de esquinas biseladas abundam e uma ou outra moradia solarenga avulta, triste e grave, as fachadas de granito escurecido rasgadas no alto em varandas clássicas, as pedras de armas de tôsca e confusa emblemática rememorando um passado morto e esquecido.

Raros vestígios revelam hoje a ancienidade da terra, como um arco de volta quebrada, meio entulhado sob as paredes de um palácio seiscentista, ao desembocar na Praça, e algumas pedras sôltas do pelourinho manuelino. O século XVII afeiçoou a seu gôsto o estilo das construções principais, reedificando-as ou mascarando-as.

Nem escapou à geral condição a igreja, que pesada, maciça, flanqueada de uma grossa tôrre, avança, isolada, da lomba onde o povoado se escalonou, até um cómoro que domina uma das ramificações da bacia do Varoza. Uma fugitiva vista de olhos revela-nos que tudo nela,

exterior e interiormente, evoca êsse período de sêco classicismo na arquitectura e de exuberância farfalhuda nas artes decorativas, que na província alcança do meado do século XVII ao primeiro quartel do XVIII. A obra de talha que veste o arco do cruzeiro e a tribuna, esmaltada de um dourado prodigiosamente fresco, é de uma pujança e riqueza difìcilmente igualada na região. O púlpito, de pau prêto com aplicações de latão, demonstra o trabalho dos ensambladores lamecenses do comêço do século XVIII. O tecto é de apainelado grosso e relevado. A capela maior foi azulejada com ladrilhos policrómicos de um tipo de flores e laçaria. Na sacristia conserva-se um políptico de madeira, muito repintado, representando a Cruxifixão na parte central, e scenas da vida de Cristo, nos painéis laterais. Um outro pequeno painel de Santo António, em tábua, parece, sob a repintura que o desfeia, melhor que os precedentes.

*

Logo uns centos de metros adiante de Britiande, que é ponto obrigatório de passagem para quem vai de Lamego a Ferreirim, despega da estrada nova que segue a Moimenta da Beira e a Trancoso, um ramal que em acelerado pendor se dirige para o fundo do vale. Um quilómetro, ou pouco mais, de marcha por essa estradinha vicinal conduz-nos à baixa onde se ergue o que resta dos edifícios componentes do destroçado convento, dominado pela tôrre senhorial dos Marialvas.

A païsagem, ao redor, é a de tôda a zona de transição

entre a ribeira e a serra. Mas diversamente do que sucedia ainda no princípio do século XVIII, a fazer fé pelo que nos narra o cronista da *Historia Seraphica*, nos montes que rodeiam o convento é pouca a vinha que, tal como no Entre Douro e Minho e na cara, bela Itália, se abraça aos arvoredos das estremas. Dominando, os milharais vicejam nos largos socalcos das encostas, os soutos matizam as lombas, os pinhais coroam os montes. Aqui, ali, mal coberta do manto viridente, a terra mostra a epiderme nua.

Na encosta fronteira àquela por onde baixamos entalham-se nítidos os sulcos dos caminhos que levam, vencida a coroa, à bacia do Varoza e à ponte de Ucanha, essa linda ponte medieval única no país, cuja saída, vigiando os caminhos velhos dos mosteiros de Salzedas e S. João de Tarouca, uma tôrre trecentista custodia. Por detrás dessa lomba, mais elevados, seus topes serranos desnudados, outros montes se erguem, fechando o horizonte de nascente.

Perdido numa sinuosidade do fundo desta caldeira temerosa de montanhas, o convento de Ferreirim, ao invés dos seus parceiros de além ribeiro, passou durante largos anos despercebido. Merece contudo uma visita, podendo o excursionista que partir de Lamego, a cavalo, passar por Ferreirim, seguir a Ucanha pelo caminho velho, daí a Salzedas por estrada, volvendo para S. João de Tarouca e Tarouca, realizando num dia completo um percurso aproximadamente de sete léguas.

Dos edifícios que constituíam o convento de Santo António de Ferreirim, suprimido em 1834, conserva-se sò-

mente, por singular destino, a parte mais antiga dêles: a Tôrre, a Igreja, e uma ala de habitações onde primitivamente foram os dormitórios. Tôdas as obras realizadas após a reforma de 1702 ruíram, desmanteladas, saqueadas pelos novos, sucessivos possuïdores, que aproveitaram a pedra para formar paredes e acabaram por transformar o claustro num taboleiro de cultura onde verdeja a cepa americana.

A tôrre de honra dos Marialvas, construção imponente cuja antiguidade não remontará mais que ao fim do século XIV, e que me recordou, pela sua situação e primitivo destino, a tôrre de Quintela, perto de Vila Real, continua resistindo às vicissitudes do tempo e da fortuna, cumprindo a cláusula da doação que estatuía que nunca o monumento se derrubasse. A-pesar-de fendida no alto e num dos lados pela queda de um raio, é ainda um belo exemplar de arquitectura medieval. Alumiam-lhe o interior, alegrando-lhe e embelezando-lhe as faces, quatro janelas geminadas de arcos quebrados.

A silharia dos muros não apresenta siglas, o que é já um indício revelador da sua idade. Sòmente em dois *cantos* da face do poente e no tímpano de uma abertura do andar inferior notei a presença de grandes lêtras góticas, riscadas a duplo traço.

Com a cabeceira chegada à face norte da tôrre se edificou a igreja, que é de uma só nave, longa e sem cruzeiro. Da sua primitiva fábrica quinhentista perduram o portal e o túmulo dos Condes de Marialva. Tudo o resto foi renovado, modificado, engrandecido.

O tecto do corpo do templo é de apainelado, com seus

rompantes e florões de forte relêvo. O da capela maior, constituído por um cento de painéis pintados de santos, veneráveis e beatos da Ordem, é ainda mais rico, casando-se bem essa sólida decoração com a grandeza da tribuna subjacente, uma magnífica peça de talha em cuja frente avultam colunas salomónicas pesando sôbre cariátides. Nos altares laterais, nas molduras das portas do côro, na guarnição do óculo da frontaria, na armação tufada do órgão, no entalhamento e torneados do candelabro pascal, do púlpito e das grades, por tôda a parte se estadeia ainda o trabalho dos artistas de Lamego e da sua região, êsse sólido trabalho aplicado sôbre o castanho, rico, pomposo, confuso à fôrça de rebuscado.

A porta principal, embora construída, como o resto da igreja, já no reinado de D. João III, pertence ao ciclo quinhentista do gótico, gôsto naturalístico. Compõe-se de duas arquivoltas de vêrgas abatidas, as ombreiras da interna adornadas de uma série de florões alternando com troncos de árvore chagados de botões cortados, formando como que os ramais de uma cadeia de colar; as da externa decoradas de folhagem contínua, apenas interrompida por grupos de meninos nus que brincam entre capitel e capitel. Sôbre o fecho da abóbada encurva-se um arco de querena, e no espaço superior deixado livre ostenta-se o escudo de cinco estrêlas em aspa de D. Francisco Coutinho.

Se o portal acusa o naturalismo decorativo característico de muitos monumentos ibéricos da época, o túmulo é um interessante exemplar do gótico quinhentista, gôsto plateresco. Armado como um portal renascença, bases,

pilastras, capitéis, medalhões das embicaduras do arco central, entablamento e frontão, pertencem estruturalmente ao novo estilo; mas na forma da caixa tumbal, talhada em arqueta gótica, nos leões sôbre que ela pesa, no franjado do arco e nos cogulhos do remate é ainda o estilo antigo que transparece. Os grifos e a folhagem do entablamento, os grotescos das pilastras, as caricaturas dos medalhões, são plenamente plateresco.

Na arca tumular a gasta inscrição que lá se divisa, dizia, segundo a leitura de Fr. Fernando da Soledade:

«Aqui jas o senhor D. Francisco Coutinho, Conde dos Condados de Marialva e Loulé, Morgado de Medelo e do Couto de Leomil, Senhor de Castello Rodrigo, Alcaide Mór de Lamego, Meyrinho mor destes Reynos. Faleceu na era de mil e quinhentos e trinta e dous. E a Condessa sua mulher D. Brites de Menezes. Mandaram-se aqui traser a esta Caza de Santo Antonio de Ferreirim, aonde jazem enterrados por ser terra que seus Avós ganharão aos Mouros».

Sôbre a arca foi colocada posteriormente, por transparente alusão, uma pintura da *Deposição no Túmulo*, em tábua, que conserva ainda a sua moldura do renascimento. No entablamento patenteia-se de novo o escudo do Conde de Marialva; no frontão o busto elmado que é de uso encimar os brasões.

Narra o cronista da *Chronica Seraphica* que a tenção ou divisa — *segui-me: pois que sigo to digo* —, que saía da bôca do leão alado, alçapremado como timbre sôbre o elmo, marcava também a estante grande do côro quando essa se encontrava ainda na capela-mor.

Da generosidade de D. Brites no provimento do necessário à decência decorativa do templo, resta um exemplo de singular valor: a série de tábuas quinhentistas que constituíam possìvelmente um grande políptico e a que o da Soledade se refere com encómios ao descrever a capela maior:

«He espaçosa e ricamente adornada de quadros q̃ representão os mysterios da vida, morte e resurreição de Christo e assumpção da Senhora com tão elegante primor q̃ assombrão aos engenhos mais insignes na arte pictorica. Nos angulos do Claustro tambem se admiram quatro, feytos com semelhante empenho, e serão obrados pelo mesmo artifice».

Dêsses quadros, a ousia conserva hoje uma *Adoração dos Anjos*, uma *Assunção* e uma *Morte da Virgem;* o corpo, a *Anunciação*, o *Descimento da Cruz*, a *Ressurreição*, e ainda uma *Adoração dos Magos* e um *Calvário*, bastante deteriorados.

Discernir a autoria das tábuas é tarefa por demais espinhosa. A época de factura delas é porém fácil de marcar, independente da informação minuciosa do cronista da *Historia Seraphica* que atribui a D. Brites, após a morte do marido, em 1532, a concessão de alfaias e ornamentos para o santuário. Trata-se de pinturas das denominadas primitivas, executadas no decorrer do quarto decénio do século XVI, nas quais se manifestam já influências italianas. Certos fundos e coloridos trouxeram-me à lembrança os quadros da capela maior da igreja de Góis, também generosa doação de fidalgos que a escolheram para sede do seu jazigo.

Da igreja para o claustro devastado, donde a fonte

central foi levada há uns vinte anos para um lugar vizinho denominado S. Bento, passa-se por duas portas de volta plena e esquinas chanfradas, típicas do 1.º têrço do século XVI. Tôda a ala antiga que escapou e se encosta perpendicularmente ao santuário mostra o mesmo biselamento nas esquinas das aberturas, cujas vêrgas rectas, semi-circulares ou de volta abatida, estão indicando na sua poliformia o seu certificado de nascimento. Tôda essa construção é coeva da fundação do templo, conservando, além das portas e janelas antigas, três botaréus em andares, nìtidamente góticos, que fortalecem a parede para o exterior.

Ao século XVIII deve o templo a galilé ou alpendrada que se antepôs à frontaria primitiva, bem como as casas que a flanqueiam, às quais se referem certos documentos adiante transcritos. Do mesmo período é o cruzeiro do adro, cujo contrato de factura se lê também na documentação final.

A outros edifícios, hoje desaparecidos, se referem os documentos. Não me dispensei de os inserir porque êles por um lado auxiliam-nos a avaliar a importância do convento, e por outro contém preciosas informações técnicas e de terminologia acêrca das artes lamecenses de pedraria, carpintaria e ferraria do comêço da centúria de setecentos, representando um valioso complemento dos *Artistas de Lamego*.

DOCUMENTOS

1702

OBRA DA CHAMINÉ

(Pedraria)

«Escriptura de obrigação de se fazer a obra da cheminé do Convento de Santo An.to de Ferreirim em 120 mil reis (De um «Livro de Notas», de 1690 a 1717, actualmente no cartório do escrivão sr. Sancho de Magalhães. De fl. 14 v.º).

«Saibam quantos este p.co instromento de obrigação e fiança ou como em direito melhor lugar aja e dizer se possa virem, em como no anno do n. de n. s. j. c. de mil setecentos e dous aos vinte e seis dias de marsso do dito ano em esta cidade de Lam.º em morada de mim escrivão pareceo M.el Pais pedreiro, morador no lugar da Dalvares termo da v.a de Tarouqua desta Comarqua pesoa conhecida de mim t.am e das test.as ao diante asinadas, perante as coais e de mim t.am por elle foi dito q̃ elle tinha arrematado na praça p.ca a obra da Cozinha do Convento de Santo An.to de Ferreirim termo desta vila de Tarouqua em presso serto e quantia de cento e vinte mil reis na forma dos apontamentos seguintes. Hua Cheminé de coatro paredes com toda a altura q̃ pedir conforme ao dormitorio; terá de vão quatorze palmos e p.a outra banda dezaseis; terão as paredes athe o andar da terra sete palmos e dali p.a sima sinco palmos de largo athe os tersos, e dos tersos athe o sima tres palmos e meio e tera duas frestas aonde as pedir a obra com sinquo palmos de alto e dous e meio de largo; de fozil e travessa e quina viva com duas grades de ferro, mais hum arco de ponto abatido que vai da Cozinha p.a a cheminé com a largura q̃ pedir e outro arco tosquo por sima do principal. Hua fresta á mão esquerda na Cozinha com a largura das outras, e grades de ferro; na chaminé se farão dous panos de asentos feitos de cantaria ao redor; as madeiras para escadas, madeiras p.a

cheminé, telha p.ª tudo mais da cheminé; serão os cunhais da chemine desbastados debaixo de escoadria; as paredes serão de alvenaria grossa; tudo o que faltar por conta dos ditos Mestres. E declaro que ha mister hum calleiro argamasado p.ª reseber as aguas da Cozinha, e não se continha mais nos ditos apontamentos ..»

1702

OBRAS DA COZINHA PARA DIANTE

(Pedraria)

«Escritura de fiança que derão Antonio de Bastos desta Cid.e e M.el Pais do lugar da dalvares a fazerem a obra que lhe foy Rematada da cozinha p.ª diante do Convento de ferreirim somente de pedraria («Livro de Notas», de 1690 a 1717, do cartório do escrivão sr. Sancho de Magalhães, fl. 9).

«Saibam q.tos este pco instromento de obrigacão e fianca ou como em direito melhor lugar aia e dizer se possa virem, em como no anno do n. de n. s. j. c. de mil setecentos e dous anos aos vinte e outo dias do mez de Majo do dito anno em esta cid.e de Lam.o em moradas do L.do Hirm.o Roiz Pr.ª adonde eu t.am vim, estando elle ahj de prezente e bem asim Antonio de Bastos, morador na Rua de São Lazaro desta Cidade e bem asim M.el Pais morador em o lugar de dalvares termo da v.ª de Tarouqua desta comarqua pesoas reconhecidas de mim t.am e logo pello dito Licenciado Hieronjmo Rodrigues Vihejra foi dito em prezença de mim escrivão que helle de comisão de Thome Teixra Rabelo Cabral vereador mais velho juis que serve pella ordenasão nesta dita Cidade Rematara a hobra de pedraria do Comvento de S.to An.to de ferrejrim da cozinha pera diante na forma dos apontam.tos seguintes — desde o cunhal do dormitorio athe o cunhal da livraria se hade fazer o pano de cantaria p.ª dizer cõ o dormitorio, e entabolamento da mesma sorte que tem o dormitorio ao livel hum com outro; nessa parede se hao de por dous Balaustres hum no meo outro na quina, a parede será da grosurá da do Dormitorio, e rebocadas as juntas de cal, e por dentro toda reboquada do sobrado p.ª

sima, e a dispensa que fiqua por baixo toda ha de ser reboquada pella p.te de dentro com cal; na caza da cozinha se ha de fazer p.a a p.te da serqua duas janellas de batente de seis palmos de alto e tres e meio de comprido cõ suas grades de ferro de sorte q̃ por hellas não possa entrar hua pesoa; na caza que fiqua a Cozinha se hao de fazer duas cellas cõ duas janellas de Batente p.a a parte da Cerqua de asento e peitoril q̃ comtigão cõ as do Dormitorio; e na caza ultima se hao de fazer duas janellas da mesma sorte e p.a a mesma parte. A chaminé se ha de acomodar emtre as paredes da Caza que hoie serve de ofesina, a coal ha de ter de area dezaseis palmos de comprido e quatorze de largo. E nella se ha de abrir hua janella de dous palmos e mejo de largo, e sinquo de alto cõ grades de ferro. As paredes terão athe o sobrado coatro palmos e mejo, e p.a sima the o telhado tres e mejo, e no telhado em redondo da Chuminé, hum callejro de pedra asentado em cal com duas gargollas p.a a p.te da serqua; e do telhado athe busquar o olivel ha de ser de perpianho cõ seus buracos; ha de ter a chuminé hum arquo abatido de pedra lavrada, e outro mais por sima de piquo grosso, asentos de cantaria pellas duas bandas, ladrilhada toda de pedra p.a andar o pao do caldeirão, e ha de ser toda a Chuminé reboquada de cal pella parte de dentro e por fora q.to dis á cozinha, como tambem a mesma Cozinha. Ha de fazersse na parede da parte do eirado duas frestas de batente com grades de ferro que hao de ter dous palmos e meio de largo e sinquo de comprido para darem lus á dispensa na coal se ha de fazer pella p.te de demtro hua parede atravessada. Na parede de fora se hao de fazer duas janellas no Corredor que vai p.a caza ultima, de asento e peitoril de coatro palmos de largo e sinquo de alto, e na caza da Cozinha p.a a p.te do eirado se ha de abrir hũa porta de des palmos de alto e seis de largo com seo dentel por sima da torre (?). Ha de mudarsse na Cozinha o cano da aguoa p.a a parte direita q̃ despeja p.a a serqua cõ as pias de pedra, e farão seo cano de chumbo com o Repuxo q̃ for neses.o Na araia das secretas se ha de fazer hum cano de pedra de seis palmos de largo lageado pellas partes descoberto por sima, e não se contem mais nos ditos apontamentos da sobredita obra aos coais eu escrivão em todo e por todo me reporto

que ficão em meo poder. E disse elle dito licemciado Rematara a dita obra declarada nos ditos apontamentos na praça publiqua desta Cidade como podia constar do livro das Rematasões das obras do d.º comvento q̃ esta em poder de mim escrivão, aos ditos M.el Pais e Ant.º de Bastos em presso e quantia de seiscentos e setenta e outo mil reis cõ obrigação de fazer esta escritura e darem fianças a fazerem a dita obra..... fiadores Francisco Correia morador na Rua da Calçada abaixo da Capela da Senhora do Codesseiro desta Cidade, e asim mais Franco Borges morador no lugar da dalvares termo da v.a de Tarouca..... e logo por elle dito L.do Hirm.º Roiz V.ra foi dito q̃ como procurador do dito Comvento de S.to An.to de ferrejrim e do admenistrador delle An.to de Gouvea Coutinho aseitava esta escreptura...» T.as Ant.º Pr.a carpinteiro, da Rua do Carv.º e João Monteiro, igualmente carpinteiro, da Rua do Campo.

1702

OBRAS DA COZINHA PARA DIANTE

(Carpintaria)

«Escriptura e fiança que deo An.to Pr.a desta Cidade e Sebastião de Sousa do termo de Guimarães a obra que arematarão de carpintaria do Comvento de Santo An.to de ferrejrim da Caza da Chuminé por diante. (Do «Livro de Notas» de 1690 a 1717 do cartório de Sancho de Magalhães, de fl. 10 v.).

«Saibam q.tos este pco instromento... virem, em como no a. do n. de n. s. j. c. de mil setecentos e dous annos aos vinte e nove dias do mes de maio do dito anno, em esta cid.e de Lamego moradas do L.do Hirm.º Roiz Vr.a adonde eu t.am vim estando helle ahj prezente e bem asim An.to Pr.a morador na Rua do Campo desta Cid.e, e asim mais Sebastião de Sousa Mestre Carpinteiro natural q̃ disse ser do lugar de sam visente termo da villa de guimarais pesoas reconhesidas de mim escrivão. E logo pello d.º L.do Hirm.º Roiz Vr.a foi d.º q̃ helle por comisão q̃ lhe dera Thome Teixr.a Rebello Cabral vereador mais velho juis q̃ hora serve pella ordenação em esta mesma Cid.e de La-

mego Rematara na praça p.ca a obra de Carpintaria que se ha de fazer ẽ a caza de cozinha do dito Mosteiro pera diante, aos sobreditos Sebastião de Sousa e An.to Pr.a em preço de trezentos sincoenta e cinco mil reis na forma dos apontamentos seguintes ¶ Ha de armarsse o coarto do dormitorio, da cozinha athe as secretas, de caibros ripas e frichais e toda a madr.a q̃ for nesesaria em comrespondencia do dormitorio velho: Ha de levar hum repartimento de taipa com tijollo e cal desde o Dormitorio velho athe as secretas, e na Caza q̃ fica por sima da cozinha se ha de fazer hum repartimento de taipa cõ tijollo e cal em q̃ fiquão duas janellas nas cooais se hão de por portas: Ha de forrar-se esse lanço todo athe as secretas na conrespondencia do velho, e as duas sellas q̃ fiquão sobre a cozinha hão de forrar-se de esteira de forro na forma dos outros: Ha de forrar-se tambem a caza ultima da mesma sorte que ella esta que he outavada a armação: Ha de ser solhada toda esta obra, e o solho velho q̃ tiver prestimo, e for de lanço servira nella. E o forro que se tirar servira para guarda pó: Ha de fazer na caza ultima sinco ou seis cadeiras conforme der a obra cõ suas portas imtabradas de forro cõ tres dobradiças cada hũa: Ha de fazer hum espulgatorio cõ mais despesas necessarias que são hua talha argamassada em hua cadeira fora as q̃ estão asima, e em conrespondencia outra cadr.a para despejos: Hão de fazer-se portas p.a duas janellas do lanço q̃ vai p.a a caza ultima, e nessa se hão de fazer tambem portas p.a duas janellas e hua janella de peitoril. Todo o tejollo q̃ do tapamento velho sahir, servirá para a mesma obra e a telha que for necessaria dará tambem para a mesma obra correndo conrespondente ao mesmo dormitorio com os celleiros: Ha de fazer mais duas portas nas ofesinas q̃ estão por baixo deste lanço, e hua na cozinha p.a o heirado, coatro janellas p.a as coatro frestas, e não consta mais nos ditos apontamentos... Testemunhas prezentes ao ler e fazer desta Antonio de Bastos pedreiro da Rua de Sam Lazaro desta cidade e João Monteiro, carpinteiro da Rua do Campo da mesma cidade... Fiador Manuel Pereira, morador na vila de Tarouqua...»

Fig. 8. — Côro da Igreja de Ferreirim — Apainelado do tecto, do mestre carpinteiro Manuel Pereira — 1711; cadeiras e guarnições de talha do mestre escultor Manuel de Carvalho — 1711; e estante do côro e grades, dos mestres ensambladores Gonçalo Viegas e Manuel de Sousa — 1717.

(*Fot. V. Correia*)

1702

CONCÊRTO DOS DORMITÓRIOS VELHOS

(Carpintaria)

«Escriptura de fiança q̃ deo João Monteiro, desta Cid.e a obra q̃ se lhe rematou do Conserto dos Dormitorios velhos do Convento de Santo Antonio de Ferrejrim na forma dos apontamentos (De um «Livro de Notas» de 1690 a 1717, do cartório do escrivão sr. Sancho de Magalhães. Fl. 12).

« Saibão qoantos este p.co instromento de obrigação e fiança como em dir.to melhor lugar aja é dizer se possa virem, em como no anno do n. de n. s. j. c. de mil setesentos e dous anos aos coatro dias do mes de Junho do dito anno em esta Cid.e de Lam.o nas cazas e moradas do L.do Hirm.o Roiz Pr.a aodonde eu t.am vim estando elle ahi prezente e bem assim João Montr.o carpinteiro, mor na Rua do Campo desta Cid.e pesoas reconhecidas de mim t.am e t.as ao diante asinadas perante ellas e de mim escrivão logo por elle dito L.do Hirm.o Rodrigues Pr.a foi dito que elle por comisão que lhe dera Thome Teixeira Rebello Cabral vereador mais velho juis q ora serve pella Ordenação em esta dita Cidade rematara o comserto dos dormitorios velhos do Comvento de S.to An.to de ferreirim a João Monteiro sobre dito ao depois de haver muitos lanços e por ser o que menos lançara lhe rematara a dita obra na forma dos apontamentos seguintes, dos dois dormitorios velhos tão somente a carpintaria. — Hão de solhar-se de novo e emdireitar os barrotes aonde for nesesr.o com suprimento e forrar-se o dormitorio aonde for nesesario da mesma sorte q̃ está. Hao de solhar-se as cellas e forrarem-se as q̃ forem nesesarias, da mesma sorte; ha de fazer-se em cada cella huas estantes com dous almarios e gavetas por baixo, dous tamboretes, hua banca com hua gaveta e pes lisos a estante de coatro repartimentos; e dezaseis janellas p.a as mesmas cellas. Hão de por-se por sima da armação dos dous dormitorios os barrotes q̃ forem necessarios, e telha com as mesmas fiadas de argamassa cõrespondente as das varandas. Todo o

solho q̃ servir e for de lanço pode servir p.ª a mesma obra, o q̃ faltar será por conta do mestre q̃ a tomar, como tambem ferragem, pregos, dobradiças e tudo o q̃ for nesesario; a madeira q̃ sahir delle dormitorio servira pera guoarda poo da mesma sorte q̃ o claustro; duas janellas de peitoril na corrente do dormitorio; e não consta mais dos ditos apontamentos aos coais eu t.am me reporto q̃ fiquão em meu poder dizendo elle dito L.do Hirm.o Roiz Pr.ª que no dito preso de sete centos e sincoenta mil reis rematara a dita obra ao sobredito João Monteiro na praça p.ca desta Cid.e... Fiadores Antonio Pereira, morador na Rua do Campo e João Correia, morador à ponte de Balsemão... Testemunhas Antonio de Bastos e Sebastião de Sousa...»

1702

OBRA DO CLAUSTRO

(Carpintaria)

« Obrigação e fiança q̃ fas M.el Pr.ª da Rua do Carv.o desta Cid.e de Lam.o de fazer a obra do Claustro do Convento de Santo An.to de Ferreirim na forma dos apontam.tos abaixos escriptos (De um «Livro de Notas» de 1690 a 1717, hoje existente no cartório de Sancho de Magalhães. De fl. 15 v.).

« Saibam q.tos este p.co instrom.to de obrigação e fiança como em dr.to melhor lugar aja e dizer e chamar se possa virem, em como no anno do n. de n. s. j. c. de mil setesentos e dous anos, aos des dias do mes de septembro do dito ano, em esta Cid.e de Lam.o moradas do L.do Hirm.o Roiz Vieira da Rua dAlmacave desta Cid.e adonde eu t.am vim estando elle ahi prezente e bem asim M.el Pr.ª carpinteiro, m.or na Rua do Carv.o desta Cid.e pesoas reconhecidas de mim t.am E logo pello dito L.do Hirm.o Vr.ª foi dito tinha por notisia que ao dito Manuel Pr.ª lhe fora aremetada na praça p.ca desta Cid.e o conserto do Claustro do Convento de S.to An.to de Ferreirim em presso de outo centos e sincoenta mil reis na forma dos apontamentos seguintes: — será asobradado de todos os coatro lanços todo de novo com boas madr.as; será forrado de paineis inteirissos de taboado de solho e as

molduras na forma das q̃ estão na sancrestia dos P.es Capuchos de Lamego; na largura levará dous paineis, esses serão lisos, e não havendo taboas inteirissas que possam chegar a largura serão de duas taboas cada painel, de solho bom e sequas p.a q̃ não faltem em nenhum tempo, e bem lizas, e se lhe metera entre o forro e solho, em cada varanda do claustro duas linhas de ferro. E serão furadas as paredes cõ suas chavelhas de ferro por fora; serão as varandas de sima desmanchadas p.a se endireitarem as colunas e o perpianho que vai do sobrado para sima q̃ serve de peitoril de todos os qoatro lanços; e os tres arcos q̃ vão por sima que vão de canto a canto com os acanos de pedra consertados de cal com argamaça; e o cunhal do pee da Torre se desmanchara da cornija do sobredito p.a sima. Por-se-ha nessa obra frechais novos lavrados e suas bonecras por baixo e será caibrada a varanda do telhado com caibros inteirissos, q̃ peguem do dormitorio p.a a varanda; e será armada a varanda de tres paineis em volta de camiza e saya de solho e forro; as guarnisois inteiras com intabolamento em redondo com seos calleiros tudo novo; e da parte da Torre meterão huas chapas de ferro achumbadas, e os cachorros de pedra intalhados q̃ peguem no frechal. Nessa obra ha de servir todos os caibros q̃ se acharem suflsientes como tambem algum solho q̃ for de lanço e o forro q̃ se tirar servira p.a guoarda poo cõ ripas por sima por respeito das cellas; toda a talha q̃ faltar nessas 4 varandas sera por conta do mestre carpinteiro e em seis corridas de calleiros ira hua fiada de argamassa nas mesmas varandas; sera tambem o claustro de baixo e de sima guoarnesido aonde for necesario; meterá no sobrado os barrotes q̃ forem nesesarios; o prepianho q̃ se desmanchar será tambem asentado em cal e area e taparão os buracos q̃ abrirem nas paredes do dormitorio. Toda essa obra asima e mais ferrajem q̃ para essa dita obra for nesesaria sera por conta do mestre carpinteiro q̃ a tomar, e entrará nessa obra a porta prinsipal da Igreia de duas bandeiras e almofadas de...; esta obra se ha de rematar a parte. E não se contem mais nos ditos apontamentos... Fiador: Cristovam Soares de Crasto, genro do dito M.el Pereira. Testemunhas: João Correia Soares e João de Carvalho...»

1703

OBRA DA COZINHA E DORMITÓRIO

(Pedraria)

« Escriptura de obrigação q̃ fizerão Ant.º de Bastos desta cid.e e e M.el Pais da Dalvares (Fl. 17 do «Livro de Notas» citado).

« Saibam quantos este p.co instromento de contrato e obrigação como em dr.to melhor aja e chamar se possa virem em como no anno do n. de n. s. j. c. de mil sete centos e tres anos aos des dias do mes de janeiro do dito anno em esta Cidade de Lam.º morada do L.do Hirm.º Roderigues Vra, advogado nos auditorios e procurador das couzas da Capella de S.to An.to de Ferreirim, estando elle ahi prezente e bem asim M.el Pais, mor no lugar da Dalvares C.º da V.a de Tarouqua desta Comarqua, mestre de obras de cantaria e bem asim An.to de Bastos m.or na rua de Sam Lazaro desta Cid.e outrosi mestre de obras de pedreiro de cantaria, pesoas conhecidas de mim t.am E logo pello dito L.do Hirm.º Roiz V.ra foi dito q̃ na vestoria q̃ se fes no Convento de S.to An.to de Ferreirim pello juis desta Cid.e e R.do Dião da See desta Ci.de e admenistrador do d.º convento em os quinze dias do mes de novembro proximo pasado de mil sete centos e dous munto ao depois que se rematou a obra de cantaria do dormitorio e cozinha do dito Convento a M.el Pais e dito An.to de Bastos, como melhor constara de sua escriptura de rematação e obrigacão, se achara na dita vestoria q̃ a dita obra fiquava imperfeita por cuja cauza e razão se compozerão os senhores da Junta mandarem aperfeiçoar a dita obra pellos sobreditos M.el Pais e Antonio de Bastos na forma dos apontam.tos seguintes, digo alem dos apontam.tos da primeira escriptura e arematação e os apontamentos de no novo acrescentamento, são os seguintes. Ambas as paredes, começando da debaixo p.a o canto do dormitorio de baixo athe topar no dormitorio; e esta parede terá de grosso coatro palmos athe as traves, e p.a sima de tres palmos, e do canto da enfermaria não passarão p.a sima; no meo da parede de sima se fará a cheminé de onze palmos em vão fora o grosso

das paredes e dezaseis de comprido e caiada; e hũa pedra comprida q̃ sirva de trasfogueiro; tres quinas de cantaria de piquo asentada em cal; as duas paredes de dentro hua sobre o aliserse que esta e outra q̃ atravessa athe as traves, de tres palmos com duas janellas em quadra com hua cruzeta de ferro; por sima entabolamento conforme o outro athe topar na enfermaria... E logo pellos ditos An.to de Bastos e M.el Pais foi dito q̃ elles per si e seos herdr.os se obrigavão a fazer na dita obra q̃ tinhão rematado pella primeira escriptura, e tambem a fazer nella todo o acrescentamento e mais couzas declaradas nos apontamentos insertos e treladados, sem a nada faltarem... e lhe davão logo cem mil reis para efeito de continuarem com o dito acrescentamento... Fiador do acrescentamento, Francisco Correia, m.or abaixo da Cruz dos Gelhos desta Cid.e...»

1711

OBRA DO CORO, CASAS DA PORTARIA E DA TORRE

(Carpintaria)

« Escriptura de obrigação de fazer a obra de carpintaria do convento de Ferreirim que fez M.el Pr.a carpintr.o e fiança que deo («Livro de Notas» citado, fl. 109 v.).

« Saibão q.tos este p.co Instrom.to de escriptura de obrigação e fiança de fazer obra por virtude de arematação que della se fez ou como em dr.to milhor dizer se posa e mais lugar aja virem, em como no anno do n de n. s. j. c. de mil e setecentos e onze anos aos doze dias do mez de novembro do d.o anno nesta cidade de Lamego casas e moradas de mim escrivão aonde parecerão prezentes Joam de Gouvea Coutinho m.or na Fonte Arcada com.ca da Villa de Pinhel admenistrador da Capella de S.to An.to que no Convento de Ferreirim desta Com.ca instituirão os condes de Marialva e Loulé estando outrosim tambem ahi prezentes M.el Pr.a carpinteiro morador na Rua do Carvalho desta Cid.e e o D.or Xavier Luis da Silva medico m.or a porta da villa desta Cid.e todos huns e outros p.oas reconhecidas de mim escrivão e das t.as ao deante nomeadas e no fim desta nota asignadas,

e logo pello d.o M.el Pereira carpinteiro foi dito perante mim escrivão e d.tas testemunhas q̃ elle havia arematado na praça publica desta Cid.e a obra de carpintaria e seus pertenças do coro e cazas do frontespicio do Convento de Santo An.to de Ferreirim e solho da Caza da Torre na forma dos apontamentos q̃ p.a a d.a obra se havião feito, a qual arrematação se lhe fez em preço e quantia de seis centos e sincoenta mil reis com obrigaçam de dar fiança a dita obra tudo na forma do acto da d.a arremtação e dos apontamentos seguintes. = Primeiramente se fará o côro forrado de sete paineis em volta lizos, e rompantes lizos, e florões em os cantos dos rompantes feitos em chanfrões inteiriços e bem relevantes, e coartelas nos frizos nas pedisoins dos rompantes, feito tudo a imitação do fôrro da capela mayor excepto os florões q̃ serão na forma q̃ fica dito de sete paineis em volta q̃ ao todo serão vinte e outo paineis de duas taboas de chanfro, e boas madeiras e armada com caibros de boa bitola a goarda q̃ he por cima delles sobreposta. Levará frechaes bem fortes e duas linhas de ferro com seus florões de ferro nos meyos das linhas; e sera este côro solhado e assente o solho sobre traves e tudo de meio fio e as traves não teram de vam de uma a outra mais q̃ tres ou coatro palmos; e a Casa da Portaria será armada em forma que lance as aguas com boas correntes e madeiras de boas bitolas e por baixo desta armação levará outra de esteira em que pregue o fôrro apainelado de esteira feito á imitação do do côro tambem de rompantes e os paineis repartidos inteiros que não sejam grandes nem piquenos em forma q̃ parecam mal; será solhada sobre caibros e estes caibros serão bem fortes, inteiros, que possam receber pezo do solho e hum forro que hade ir por baixo delles q̃ cobre a portaria, este fôrro tambem será de esteira e apainelado na forma do de cima e asim hum e outro serão á imitação do do côro com os mesmos florões e coartellas; a porta da portaria andará em dobradiças bem fortes q̃ p.a esse efeito levara grade a Roda. esta será de almofadas de molduras q̃ façam hum estofo bem alto, inteiras, q̃ não tenham menos de sacada que meio palmo e será de boas madeiras lizas e fortes e secas, de castanho; levará duas janellas nesta Caza da Portaria; levará mais coatro portas huma p.a o côro, outra correspondente p.a o orgam,

outra na escada, outra do dormitorio p.ª esta Caza da Portaria; estas coatro portas e janellas serão de almofadas lizas de bitola de couçoeiras e todas metidas em grades donde preguem as dobradiças porque todas serão de dobradiças, tudo com as medições da arte. E todas as portas terão fechaduras e triquetas e as janellas aldrabas boas; e toda esta obra que depender de telhados será por conta de quem a fizer tambem fazendo os telhados com precintas de cal e areia. A caza q̃ se acrescentou correspondente á da portaria ha-de ser travejada e solhada de madeira de castanho na forma e medição das traves e distancia de huma a outra conforme a Caza da Portaria e apontamentos da mais obra, e não hade ser forrada por baixo por servir de logea para despejos ou para o que puder ter serventia. Tem esta caza huma janella para o patio q̃ hade ser na mesma forma que a da portaria q̃ lhe fôr correspondente e a porta q̃ fica p.ª a cêrca e hade ser serventia p.ª ella basta ser de castanho liza com fechadura e chave e o alto desta Caza he para livraria e hade ser da mesma forma que a Caza que fica por cima da portaria; a serventia para esta Caza como ha de ser pelo côro ha de ser a porta de almofadas com fechadura e chave, como tambem a porta q̃ hade fazer entrada p.ª a Cozinha dos fóles do orgão tambem de almofadas e fechadura; tem esta Caza duas janellas huma p.ª o patio e outra p.ª a cêrca q̃ hão de ser de almofadas e os caixilhos e ferragens na forma das mais janellas da Caza da Portaria; e hade ser rebocada e caiada por conta de quem tomou a obra, e o telhado cintado de cal e areia, como tambem a parede da caza que faz frente á cêrca em redor; tambem a parede da porta de entrada hade ser rebocada e caiada de cal e barro; mais entra nesta obra de carpintaria o sobrado da Caza da Torre e huma porta de almofadas com sua fechadura na forma das mais. Far-se-ham mais vinte e coatro palmos de dormitorio sobre a Caza da Portaria, forrado e solhado na forma q̃ está o dormitorio, e a cal e telha q̃ for necessaria como tambem a taipa q̃ divide a Caza da Portaria p.ª o dormitorio com a serventia p.ª o Côro e uma porta q̃ ha de sahir p.ª a Varanda do Claustro, de almofadas, e a taipa ha de ser de tijollo, e tudo tam perfeito q̃ o R.do P.e Goardeão não tenha mais obrigação que receber as chaves da mão do Mestre, e não se contem mais nos ditos apontamentos...»

1711

OBRA DAS CADEIRAS DO CÔRO

(Escultura)

« Escriptr.ª de obrigação de fazer a obra das Cadr.as do Coro do Convento de Ferreirim e fiança que deo o arematante M.el de Carv.º (Do «Livro de Notas» citado, de fl. 111).

« Saibam q.tos este p.co Instrom.to de escriptura de fazer obra por vertude de arematação q̃ della se fez e fiança ou como em dr.to mais valha e dizer se possa virem, como no Anno do n. de n. s. j. c. de mil e sete c.tos e onze Annos aos vinte dias do mes de novembro do d.º Anno nesta Cid.e de Lamego cazas e moradas de mim escrivão adonde estavão prezentes João de Gouvea Coutt.º m.or na villa de Fonte Arcada Com.ca de Pinhel ademenistrador da capella de S.to An.to q̃ no Convento de Ferreirim com.ca de Tarouqua desta Com.ca instituiram os Condes de Marialva e Loullé, estando ahi tambem prez.te M.el de Carvalho escultor e m.or na villa de Bertiande desta Com.ca hum e outro pessoas reconhecidas de mim escrivam e das t.as ao diante nomeadas e no fim desta nota asignadas perante as coais e de mim t.am loguo pello d.º M.el de Carv.º foi dito que elle havia arrematado na praça desta Ci.de a obra das Cadeiras do Coro da Igreia do Convento de Ferreirim na forma dos apontam.tos e planta q̃ p.a a d.a obra se avia feito em presso e coantia de coatro centos mil reis com a obrigação de dar fiança á d.a obra tudo na forma dos apontamentos seguintes. = Levara esta obra das cadeiras do coro da Igreia do Convento de Santo Antonio de Ferreirim trinta e seis cadeiras ou a coantia q̃ milhor se puder acomodar ao sitio, todas feitas á imitação do rascunho q̃ para ellas se fez, entalhadas e arrematadas na forma do d.º rascunho. Terão os assentos e os espaldares dos braços onde vam riscados huns lioes de madeira de nogr.a e os assentos da corrente de baixo terão a formatura de gavetas que correrão por baixo do sobrado das de cima e terão suas argollas de ferro; tudo o mais do que fica dito acima será de madeira de castanho, levará dous degraus em

cada canto do sobrado das Cadeiras de cima, e sem embargo do que nestes apontamentos se faz mençam de quanto as ditas cadeiras haviam de constar de duas idas na forma do rascunho se declarou no auto da arrematação q̃ não levara a d.ª obra mais de huma fiada de cadeiras ou como milhor se puderem acomodar não se excedendo no mais a planta e rascunhos e apontam.tos; e na frente da empena do Coro donde no rascunho está hum oculo redondo riscado se não uzara do oculo porquanto ha de levar huma fresta em quadro e nos lados desta huma por banda donde se infere serem tres as friestas; asim q̃ dos frizos das cadeiras p.ª cima sera arrematada a obra de talha na milhor forma em q̃ pedir a obra e não se uzará do que vai riscado dos frizos p.ª cima se não na forma em q̃ couber milhor entre as tres friestas, e no empeno levará hum nicho p.ª S.to An.to por cima da friesta do meio tudo na forma dos apontam.tos e rascunho q̃ se fez p.ª a d.ª obra q̃ tudo de prezente fica em poder de mim escrivão a q̃ me reporto em todo e por todo... e disse o d.º M.el de Carv.º Escultor q̃ ele se obrigava a fazer a d.ª obra do entalhamento e cadeiras do coro da Igreia... disse nomeava por seu fiador a seu irmão Nicolau Duarte de Carv.º e a sua mulher Izabel da Costa, m.es na d.ª vila de Bertiande... T.es Carlos Soares, mor na Rua da Cadea desta cidade de Lam.º e Antonio Marques, solteiro, filho de D.os Marques do lugar da Bormelha, C.º de Athei... Joseph Monteiro t.am da capela o escrevi».

1714

FÔRRO DA IGREJA, ETC.

(Carpintaria)

«Escritura de obrigação e fiança de fazer a nova obra de carp.ª e forro da igreia do Convento de S.to An.to de Ferreirim, nesta declarada (Do «Livro de Notas» mencionado, fl. 145).

«Saibam quantos ... que no a. do n. de n. s. j. c. de 1714, aos 20 de M.ço nesta Cid.e de Lamego, na Rua da Corredr.ª della cazas das moradas de D.os Joam Soares Esteves de Oliveira Juis de fora com alçada por elrei n. s. nesta d.ª Cid.e e todo seu tr.º Juis privativo e

mero executor de todas as couzas tocantes e pertencentes á Capella de S.to An.to q̃ no convento tr.º da vila de Tarouca desta Com.ca instituiram os condes de Marialva e Loulé e da mordomaria de Trancoso pertencente a d.ª capella aonde eu escrivão vim estando elle ahi prez.te e bem asim M.el Rabello de Alm.da sindico do d.º Conv.to de S.to An.to de Ferreirim e morador no lugar de V.ª Meam do d.º Com.co de Tarouca desta Com.ca e João Montr.º carpinteiro, m.or na Rua do Campo desta Cid.e e M.el Pr.ª carpinteiro da Rua do Carvalho da mesma todos pesoas reconhecidas de mim escrivão e das t.as ao deante nomeadas e no fim desta nota asignadas perante as coais logo pello d.º M.el Rabello de Alm.da sindico foi apresentado a mim escrivão huma p.cam bast.te q̃ lhe havia feito João de Gouvea Coutinho da villa de Fonte Arcada com.ca de Pinhel ademenistrador da d.ª Capella e Conv.to de Ferreirim .. e logo pellos d.os João Montr.º e M.el Pr.ª carpinteiros foi d.º... q̃ elles ambos havião arrematado na praça p.ca desta d.ª Cid.e a obra de carpintaria e fôrro q̃ se manda fazer no corpo da Igreia do d.º Conv.to e a do fôrro da escada nova e acrescentamento das alcovas da Caza da Ospedaria e alcovas e estante e mais obras da Caza nova q̃ esta feita p.ª o P.e Goardião do d.º Conv.to na forma dos apontam.tos da d.ª obra e do rol a elles junto... Apontamentos do q̃ e como ha de ser feita a obra do corpo da Igreia e Convento de S.to An.to de Ferreirim = Tem a Igreia trinta e outo palmos de largo de vão. Ha de ser armada de sete paineis em volta e forrada da mesma sorte q̃ esta o côro, q̃ vem a levar ao todo noventa e hum painel, e ha de levar cinco linhas de ferro; e hão de ser os caibros das pernas todos novos e bons e não tera mais de hum ao outro q̃ hum palmo, e serão tambem os oliveis novos e bons e os velhos serão som.te para contra-oliveis e o fôrro velho sera para guarda pó sobre os caibros... e sera o telhado da sobred.ª Igreia argamassado de cal e area de coatro em coatro carreiros com seu cordão pellas beiras e sera tambem guarnecido o corpo da Igreia naquellas faltas donde o fôrro velho se tira e sera todo o corpo da Igreia caiado de cal fina e tudo isto tomara o mestre por sua conta q̃ fizer a obra; e na caza que se mandou fazer de novo p.ª os guardiões, se hão de fazer duas alcovas e hua estante p.ª a Livraria com seus almarios e gavetas pela parte

inferior e hua banca com sua gaveta. Na Caza da Ospedaria se hão de alargar as duas alcovas p.ª a Caza da Torre toda a distancia que vai athé a parede da mesma torre, tirando lhe o corredor e tapando lhe a porta q̃ vem para a varanda do Claustro, e forrar por cima toda a altura q̃ se alarga nas alcovas na forma das mais, e pondo pella parte da Torre hũa escada de pau que chegue a antiga aproveitando-se das madeiras velhas, e se rebocará o que se fizer e for necessario, e sẽ ha de forrar a escada nova de volta de meia cuba com fôrro lizo repartido em paineis com suas molduras, e não se continha mais nos d.tos apontam.tos... Fiador D.os Míz, mercador; T.as An.to Ferreira da Silva, pedreiro, m.or em Santo Aleixo, do termo...»

1714

LEVANTAMENTO DAS PAREDES DA IGREJA

(Pedraria)

«Escriptura de obrigação de fazer a obra de pedraria do levantam.to da Igreia e ladrilho da Caza do Capitulo velho aonde se faz a escada nova do Convento de S.to An.to de Ferreirim e as mais conteudas nos apontam.tos e fiança (Do «Livro de Notas» mencionado, fl. 146 v.º).

«Saibam q.tos... como no anno do n. de n. s. j. c. de 1714, aos 20 dias do mes de Março nesta cid.e de Lam.º cazas das moradas do D.or Joam Soares Esteves de Oliveira .. aonde eu t.am vim estando elle ahi prezente e bem asim M.el Rebello de Almeida m.or no lugar de V.ª Meam, sindico do conv.to de S.to An.to de Ferreirim estando tambem prezentes An.to Ferreira da Silva, pedr.º m.or no lugar de S.to Aleixo tr.º desta Cid.º... perante os coais logo pelo d.º M.el Rebello de Almd.ª foi apresentada uma procuração bastante q̃ lhe havia feito João de Gouvea Coutinho da villa de Fonte Arcada administrador da capella do Convento de Ferreirim... = Apontamento da obra q̃ se manda fazer no Conv.to de S.to An.to de Ferreirim: a saber, se leuantarão as paredes do corpo da Igr.ª do arco do cruzeiro para baixo na altura em q̃ estão as do côro, e na mesma forma se alevan-

tara o empeno sobre o arco cruzeiro e levara da banda do pomar sua faixa de cantaria e por cima della sua cornija de papo de rôla, tudo lavrado de pico meudo, e da outra será só a parede de alvenaria; far se ha mais hum degrao sobre o outro q̃ esta no ladrilho á entrada da Igreia; far se ha o ladrilho da caza no pé da escada nova q̃ se fez de pedra.. ; far se ha mais na caza da banda da sacristia huns asentos com seu docel e os pés delles terão sua moldura a modo de coartellas; e se fara da banda de fora da porta da mesma caza hũ assento de hũa pedra só direita com seus pés direitos e o legango do ladrilho q̃ tem a mesma caza se assentara a porta nova dalvinha pella banda de fora; podera custar esta obra cento e sessenta mil reis e sera esta obra toda lavrada de pico meudo e levara ao pé do telhado da capella mor no empeno humas pingadeiras p.ª segurança do telhado... Fiador abonador e principal pagador, Manoel João homem veuvo m.or no dito lugar de Santo Aleixo... T.as João Monteiro carpinteiro da Rua do Campo e Domingos Martins mercador da Praça...»

1717

OBRA DO CRUZEIRO

(Pedraria)

« Escriptr.ª de obrigação de fazer a obra do Cruzeiro e o mais declarado nos apontam.tos do Conv.to de S.to An.to de Ferreirim (Do «Livro de Notas» citado, fl. 161 v.º).

« Saibão q tos. . em como no anno do n. de n. s. j. c. de 1717 aos 20 dias do mes de Janeiro nesta Cid.e de Lamego, moradas de mim escrivão aonde perecerão prezentes João Soares Lirio pedr.º e seu f.º João Soares e sua m.er Faustina Rodrigues m.es no lugar de Villa Meão desta Comarca e estando outrosim tambem ahi prezente M.el Rebello de Alm.da... = Rezumo da obra do Conv.to de S.to Antonio de Ferreirim; a saber: a frontaria do adro pella parte do Cam.º sera feita de fiadas de cantaria copiada na forma q̃ se mostra na obra velha; esta obra levara dois portais de entrada como na obra velha se mostra, e estes portaes serão repartidos com proporção que fiquem

repartidos por igual e no entre meio dos d.os portaes se formara hum cruzeiro fundado em pedestal muito bem feito, do coal recebera a vara, q̃ terá a d.ª vara de alto quinze palmos livres de altura da dita parede e por cima della descobrirá o lavor todo de sotavaza, e o d.º pedestal será refendido com seus diamantes; por cima da vara levara hum capitel de dous palmos e meio de alto com sua bolla q̃ terá a mesma altura do capitel e nella sera encaixada huma crux em proporção conforme pedir a altura abaixo nomeada. Declaro q̃ a dita frontaria será de cantaria tanto por dentro como por fora; mais fará o d.º ofecial q̃ nesta obra lançar hũ degrao sobre os outros q̃ estam feitos no adro para descer para a porta principal de todo o comprimento dos outros acompanhado com o mesmo perpianho q̃ nelles corre. Mais farão hũa parede de fiadas q̃ corre do ladrilho do d.º patio para a cêrca com altura q̃ pedir o aplanamento do d.º patio de fora, no coal tambem pode lançar o d.º pedr.º para tirar o entulho fora, o coal se não lançara na estrada nem em parte donde sirva de prejuizo ao conv.to nem a vezinhança; e esta obra requereo o P.e Guardião Fr. Fran.co da Conceição em vestoria e pede novamente se faça com brevidade por ser m.to necessaria e de grande utilidade para este Convento... preço cento e vinte mil reis... T.as Martinho Alves, filho de Domingos Marques de Bormelha, Athei e Pedro Afonso de Lavandeira, Meroufe, Monção ».

1717

OBRA DAS GRADES, ORATÓRIO E ESTANTE DO CÔRO

(Ensamblagem)

« Escriptura de obrigação e fianças q̃ fazem G.º Viegas e seu cunhado M.el de Sousa emxembladores desta Cid.e á obra das grades, Oratorio e Estante do Coro do Conv.to de Sancto Ant.º de Ferreirim q̃ havião arrematado (Do «Livro de Notas» de 1716 a 1719 do cartório do escrivão Sancho de Magalhães, fl. 30).

« Saibão q.tos este p.co instromento... virem como no anno do n. de n. s. j. c. de 1717 anos aos 22 dias do mez de Abril nesta Cid.e de

Lam.º moradas de mim tabalião onde vierão prezentes G.lo Viegas e seu cunhado M.el de Sousa emxembladores moradores nesta Cidade e bem asim João de Gouvea Coutinho .. e logo pellos ditos... foi dito q̃ elles em o dia vinte e dois do mes de Janeiro passado do prezente anno andando na praça publica desta Cidade a lanços a obra das Grades Oratorio e a peanha e estante que se havia de fazer no côro do dito convento de Santo Antonio de Ferreirim... nella lançaram trezentos e sessenta e cinco mil reis que foi o menor lanço e nelle lhe foi rematada pello doutor Juis de fora desta Cid.e o D.or João de Canto de Castro moço fidalgo da Caza de Elrei n. s. Juis privativo e mero executor das rendas de Trancozo e obras do dito Convento estando prezente o R.do P.e pregador Frei Fran.co de Conceição guardião do dito Convento... na forma dos apontamentos que me prezentaram feitos por elle dito M.el de Souza de q̃ o theor é o seguinte, a saber: = humas grades de pao de jacarandá que terão de altura cinco palmos pouco mais ou menos; o feitio dos balaustres será pelo dos do Convento de Santa Crux, os do côro com melhor proporção; levará cada balaustre quatro peças de bronze e huma roda no meio com oito pregos cada balaustre e dois retorcidos e estes dois retorcidos serão mais grossos para a parte donde encaixa a peça dos pregos por se acharem os do Convento de Santa Crux delgados donde havião de mister grossos, e fora da haste; e os frizos de baixo e de cima serão de duas faces com o bronze de ambas as faces e pello exordio dos que estão em Sancta Crux... e no meyo das ditas grades no frizo de cima levarão hum Oratorio com sua apianha tudo de pau preto e com os bronzes q̃ pedir o dito Oratorio e a peanha tudo obrado na proporção da arte, com declaração que as madeiras brancas que vão dentro dos frizos não serão de castanho mas serão de couçoeiras do Brazil, como tambem os pilares serão de pau preto mocisso. = Mais se pede huma estante de pau preto bronzeada pelo feitio e bronzes como huma q̃ esta no Coro de cima do R.do Cabido da See e mais ao valente pelo q̃ toca as molduras do pé com as mesmas garras de bronze e quartões e meia cava de bronze para o meio; levará mais esta Estante nas coatro faces em que se poem os livros de mais que a da See as praças de cada huma das faces cobertas de tarjas e rozas tudo m.to

bem dourado; e não será o pé desta estante feito como o do Candieiro de pé por ser obra contra a arte e será só na forma que está a estante do coro por ser obra com milhor arte e segura é milhor feitio = E querendo o bronze desta obra pello direito, que é chanfrado, e não pello avesso como vai dito serei obrigado a fazelo depois do preço ajustado pellos apontamentos atras, e por este bronze chanfrado ter outra tanta grossura e ser á moda e segura farei esta obra por mais sessenta mil reis que é na forma que estão as grades do arco do cruzeiro dos religiosos capuchos desta Cidade que são os milhores bronzes que se custumão «O Juis do Oficio Manuel de Sousa»; e não se continha mais nos ditos apontamentos, os coais aprezentou o d.º G.lo Viegas e lançou na dita obra das grades e estante e oratorio na forma dos ditos apontamentos tendo os bronzes das guarnições só a uma face para a Igreia mas chanfrados e entre tarja e tarja roza no banco de cima e no de baixo florão, e sendo a estante na forma declarada nos apontamentos e de coatro faces, quinhentos e vinte mil reis para por elles, ele dito lançador e seu cunhado Manuel de Sousa fazerem a obra ás suas custas de que se lhe tomou termo do lanço... e se obrigaram a fazer as ditas grades Oratorio e estante do coro athe o fim do mes de Agosto que vem deste prezente anno... Fiadores, Antonio da Silva, mercador morador na praça de See e Manuel Vieira torneiro, morador defronte da Igreia da Santa See... T.as Francisco Pinto e Antonio dos Santos...»

1717

OBRA DO ÓRGÃO

« Escriptr.ª de obrigação para se fazer a obra do orgam do Conv.to de Santo An.to de Ferreirim (Do «Livro de Notas» n.º 46 — 1717-1719, do cartório do escrivão Sancho de Magalhães, fl. 20).

« Saibam quantos este p. i... virem como no anno do n. de n. s. j. c. de 1717, aos cinco dias do mez de dezbr.º do d.º anno nesta Cid.e de Lam.º na Rua da Olaria della, cazas e moradas do D.or Joam do Canto de Castro... adonde eu t.am vim estando elle d.º D.or Juis de

fora ahi prezente e bem asim M.el Rebello de Almeida. . estando outrosim tambem prezente o Rd.º P.e Fran.co Esteves da Costa natural q̃ disse ser da villa de Melgaço... e por nesta Cid.e não haver ofeciaes para o d.º ministerio (fabrico de órgãos) se ajustaram elle D.or Juis de fora com o d.º R.do Deão, em prezença do P.e Guardião q̃ existe no d.º Convento, o R.do P.e frei Francisco e Faro, com o d.º R.do P.e Francisco Esteves da Costa em q̃ havia de fazer o orgam no d.º Convento sendo a obra delle de outo registos; e q̃ cada hum delles havia de constar de quarenta e dous cannos; e na compensação do d.º orgam lhe darião os religiosos do d.º Conv.to o orgam velho; e q̃ o primeiro cano do fundam.to do jogo do d.º orgam constará de dez palmos de comprido na frontaria conforme a planta q̃ para a d.ª obra havia feito o d.º P.e coando com elle se ajustou esta obra; e q̃ pella d.ª obra se daria ao d.º R.do P.e Francisco Esteves da Costa alem do orgam velho coatro centos mil reis que se lhe satisfariam em tres pagam.tos e alem do dito preço lhe daria o R.do P.e Guardião de comer asim ao d.º P.e como a mais dous ofeciaes q̃ com elle haviam de trabalhar na d.ª obra... T.as João Soares Lirio, pedreiro, m.or em Villa Meão, con.co de Tarouca, e Pedro Fernandes de Outorela, freg.ª de Sepais, com.ca de Guimarães ».

1717

OBRA DA CASA PARA O ÓRGÃO

(Pedraria)

« Escriptura de obrigaçam de fazer a obra da Caza para o orgam no Conv.to de S.to An.to de Ferreirim q̃ fez João Soares Lirio, pedr.º do luguar de V.ª Mião Com.ca de Tarouca (Do « Livro de Notas » n.º 46 — 1717-1719 — do cartório do escrivão Sancho de Magalhães).

« Saibam quantos... virem que no anno do n. de n. s. j. c. de 1717, aos 31 de Dezbr.º nesta Cidade de Lamego, moradas de mim t.am aonde pareceu prez.te João Soares Lirio pedr.º m.or no lugar de V.ª Miam Com.ca de Tarouca desta Comarca e bem asim M.el Cardozo escrivão do judicial nesta cidade e m.or na Rua da Siara della e João

Montr.º Carpinteiro, m.or na Rua do Campo...=Huma caza de duas paredes q̃ as outras duas ham de servir a ella a parede da Igreia e a do post-côro a coal caza ha de chegar ao cunhal da parte do post-côro q̃ vai para o pomar q̃ é o comprimento e de largura athe ajustar no resalto da fresta da Igr.ª e ham de correr as agoas para o comprimento da dita caza, e ha de ser travejada no alicerce com tres traves cheas e carregadas de pedra e barro the o sobrado; ham de lançar estas traves os palmos q̃ forem necessarios para se formar a varanda da caixa do orgam a coal ha de ser sustentada com coartellas de ferro q̃ serão tres ou coatro de apar e de apontadas traves; esta caza ha de ter hum portal para a parte da Igreia com a largura q̃ for possivel e necessaria de arco por cima e uma janella aonde milhor parecer a coal ha de ter de largo tres palmos folgados e de altura a que pedir a architectura e ha de ter grades de ferro e portas; esta caza ha de ser solhadà e forrada de esteira, telhada e bem caibrada de palmo e torno de caibro a outro, com porta de madeira e chave perfeita e acabada de todo o necessario, e o lançamento fora da varanda ha de ser solhado — Frei Francisco da Conceição — e não se continha mais nos ditos apontamentos... e disse o pedr.º João Soares Lirio que havia arrematado em preço e coantia de oitenta mil reis... Fiador, João Monteiro, carpinteiro, m.or na Rua do Campo; T.as: Gabriel Alves Pereira, enqueredor e contador do juizo geral desta Cid.e e m.or no sitio das Lageas arrabalde della, e Manuel Pinto do lugar de Sampaio da freguesia de Penajoia...»

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(POR OFÍCIOS)

Adargueiros:
Eanes (Pero) — 75.

Caligrafos:
Dinis (Bernardo) — 14.

Carpinteiros:
Araújo (José de) — 5.
Correia (João) — 9.
Esteves (Manuel) — 14.
Fernandes (João) — 17.
Lopes (Francisco) — 28.
Monteiro (João) — 49.
Pereira (António) — 56.
Pereira (Manuel) — 57.
Rebêlo (Francisco) — 62.
Sousa (Sebastião de) — 65.

Construtores de órgãos:
Costa (Francisco Esteves da) — 10.
Fontoura (Martinho José de) — 21.

Entalhadores:
António (João) — 4.
Carvalho (Manuel de) — 7.
Ferreira (Manuel) — 21.
Gouveia (Manuel de) — 24.
Lopes (João Correia) — 28.
Lopes (Manuel da Silva) — 36.
Machado (Manuel) — 39.
Martins (Manuel) — 45.
Monteiro (João Correia) — 50.
Oliveira (João de) — 55.

Ensambladores:
Sousa (Manuel de) — 63.
Viegas (Gonçalo) — 66.

Ourives:
Almeida (Manuel de) — 1.
Anes (Vasco) — 4.
Barros (Mateus de) — 6.
Barroso (Duarte) — 7.
Cardoso (António) — 75.
Fernandes (Simão) — 17.
Gandolfo (Nicolau) — 22.
Pinto (Manuel) — 57.
Pires (Antão) — 77.
Reis (Gaspar dos) — 77.
Roiz (Pero) — 61.
Vieira (Domingos) — 68.

Pedreiros:
Bastos (António de) — 7.

Cardoso (Manuel) — 7.
Coelho (António) — 8.
Coelho (Duarte) — XXI a XXIV e 75.
Coutinho (António Mendes) — 10.
Crasto (Bento de) — 11.
Cruz (Dom.os Lourenço da) — 13.
Eirim (Francisco de) — 14.
Fernandes (Jacob) — 16.
Fernandes (Pedro) — 17.
Ferreira (Domingos) — 17.
Ferreira (Manuel Roiz) — 21.
Ferreira da Silva (António) — 21.
Galego (Gonçalo) — XXII.
Gonçalves (Pedro) — XXV e 23.
Gomes (Domingos) — 22.
Lírio (João Soares) — 28.
Lourenço (João) — 37.
Martins (João) — 43.
Matos (António de) — 49.
Mendes (António) — 11.
Monteiro (Francisco) — 49.
Pais (Manuel) — 56.
Rêgo (João do) — 62.
Ribeiro (João) — 58.
Roiz (Domingos) — 61.
Supico (Manuel Monteiro) — 65.

Pintores:
Afonso (Bastião) — 1 e 74.
Alvão e Meneses (José) — 2.
Amaral (João) — XXVII e XXXV.
Antunes (Gregório) — 5.
Antunes (Simão) — 5.
Faria (Pedro Cardoso) — 14.
Ferreira (Luís António) — 19.
Guedes (Cristóvão) — 24.
Guedes (Gonçalo) — XXVII e 24.
Leitão (António) — 26.
Manso (José da Mota) — 43.
Mártires (Fr. José dos) — XXVI.
Monteiro (António) — XXIX.
Moura (Manuel José de) — 53.
Pereira (Manuel) — 57.
Roiz (António) — 58.
Vieira (António) — 66.

Serralheiros:
Almeida (L. Chaves de) — XXXI.
Fernandes (André) — 15.
Fernandes (Diogo) — 15.
Fernandes (Francisco), 1.º — 16.
Fernandes (Francisco), 2.º — 75.
Fernandes (João), 1.º — 9 e 16.
Fernandes (João), 2.º — 76.
Lopes (Francisco) — 77.
Luís (António) — 38.
Ramos (João) — 58.
Ribeiro (Francisco) — 58.

Sirgueiros:
Cordeiro (Brás) — 9.
Fonseca (Manuel da) — 76.
Garcia (Diogo) — 76.
Guedes (Vicente) — 76.
Nogueira (Francisco) — 54

Toalheiros:
Fernandes (Guilherme) — 16.

Torneiros:
Gonçalves (André) — 22.

ÍNDICE TOPOGRÁFICO

Almendra: — Matriz, Misericórdia, Pelourinho — XXII e XXIII.

Barrô: — Obra da tribuna da capela-mor da igreja do Convento — 34.

Ermida: — Pintura e douramento do altar-mor da igreja — 58.

Espadanedo: — Obra de carpintaria e escultura da igreja — 21. Douramento do retábulo e do apainelado da capela-mor — 43.

Ferreirim: — Obras — 81 a 113.

Gosende: — Pintura e douramento da igreja — 53.

LAMEGO:

Almacave: — XIII e 37.
Capela de Balsemão: — XI.
Capela da Senhora dos Meninos: — XIX. Grades da teia — 64.
Capela do Espírito Santo: — XX.
Capela da Senhora do Desterro: — Obra da tribuna — 40. Obra dos altares colaterais — 46. Sacra, castiçais e turíbulo de prata — 68.
Castelo: — XII.
Casa do Repêso e talho do açougue: — 21.
Cisterna: — XII.
Colégio de S. Nicolau: — XV.
Convento das Chagas: — XXV a XXVII, 21 e 23.
Convento de S. Francisco: — XXX e XXXI. Obra das grades do cruzeiro — 63 e 111.

Fonte do Rocio: — xx.
Hospital Velho: — 13.
Misericórdia: — Imagens — 5. Pintura — 5. Obras de pedraria — 9. Arcazes da sacristia — 14. Grades da Casa do Despacho — 15. Grades dos peitoris do altar-mor — 16. Levantamento do arco — 62. Concêrto do arco da igreja — 22. Douramento do retábulo — 27.
Paço Episcopal: — Pinturas — 19;
Ponte e Porto Cavalar: — xx e xxi.
Santa Cruz: — Retábulo e tribuna da capela da Senhora do Vale — 56.
Sé: — Claustro — xv e xvi. Cruz de prata da Confraria da Senhora do Rosário — 57. Frontaria — xiii. Capelas de Santo António, S. João e S. Nicolau — xv a xix e 62. Douramento do altar de S. Bento — 15. Obra dos altares do Santíssimo e Nossa Senhora do Rosário — 28. Tôrre — xi, xii e xix.

Magueija: — Igreja — 14.

Marialva: — Obra de pedraria da capela-mor da igreja — 21. Obra da tribuna, retábulo, sacristia e capela de S. João — 39.

Outeiro de Gatos: — Obra de carpintaria da sacristia da igreja paroquial — 5.

Pendilhe: — Cruz de prata para a igreja — 6. Obras na igreja — 16.

Peravelha: — Obra de pedraria da igreja — 28 e 49.

Pesqueira: — Obra do douramento e pintura da capela-mor da igreja — 2.

Salzedas: — Grades de ferro para as janelas do claustro novo — 39.

Samodães: — Acrescentamento da igreja — 17.

Tarouca: — Tribuna da igreja da Misericórdia — 8. Pintura e dou-

ramento na mesma — 57. Obras de pedraria e carpintaria — 61 e 62.

Valdigem: — Pintura e douramento da igreja — 20.

Vila Nova de Foscoa: — Obra dos castiçais da igreja — 1. Obras na Residência paroquial — 45.

Viseu: — Obra da tribuna do Convento de Santo António — 50.

BISPOS DE LAMEGO

D. Agostinho Ribeiro — XVI.
D. António de Vasconcelos — XXX.
D. António Teles de Meneses — XXV a XXVII.
D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos — XIII e XVI.
D. João de Madureira — XIII e XVI.
D. Manuel de Noronha — XIV a XXIV.
D. Mendo — XII.
D. Tomás de Almeida — XXXI.

LIBRARY
MAY
1
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

EDIÇÕES
DA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

(Colecção louvada pelo Ministério da Instrução Pública)

Publicados:

I. — VERGÍLIO CORREIA. — Um túmulo Renascença. A Sepultura de D. Luís da Silveira em Gois. Com um prefácio do Dr. Teixeira de Carvalho. 1 vol. broch. . . . . 4$00

II. — D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS. — Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal. Ed. refundida e ilustrada. 1 vol. broch. Esgotado

III. — INDEX DA FAZENDA DO MOSTEIRO DE CELAS. — Manuscrito de Fr. Bernardo d'Assunção, publicado e revisto pelo Dr. Teixeira de Carvalho. 1 vol. broch. 6$50

IV. — JOSÉ DA CUNHA TABORDA. — Regras da arte da pintura, com breves reflecções críticas sobre os caracteres distinctivos das suas escolas, vidas e quadros dos seus mais célebres professores. Escritas na língua italiana por Michael Angelo Prunetti e acrescida duma Memória dos mais famosos pintores portugueses e dos melhores quadros seus. 1 vol. broch.
Em papel de algodão. . . . 8$00

V. — CYRILLO VOLKMAR MACHADO. — Collecção de Memórias, relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes, e estrangeiros, que estiverão em Portugal. Revista e anotada pelos Drs. Teixeira de Carvalho e Vergílio Correia. 1 vol. broch.
Em papel de algodão. . . . 10$00

VI. — VERGÍLIO CORREIA. — Sequeira em Roma. Duas épocas. (1788-1795 — 1837)
Em papel de algodão. . . . 6$50

VII. — HENRIQUE FERREIRA LIMA. — Joaquim Rafael, pintor e escultor portuense . . . . . 6$50

VIII. — ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES. — Estatuária lapidar no Museu Machado de Castro de Coimbra. Com ilustrações. . . . . 13$00

IX. — PEDRO FERNANDES THOMÁS. — Canções da Beira. . . . . 11$00

X. — D. JOSÉ PESSANHA. — O cális de ouro do Mosteiro de Alcobaça. — A porcelana em Portugal (primeiras tentativas . . . . . 8$00

XI. — VERGÍLIO CORREIA. — Artistas de Lamego.

A sair

J. C. RODRIGUES DA COSTA. — João Baptista, gravador português do século XVII (1628–1680). Contribuição para a história da gravura em Portugal.

D. JOÃO IV. — Defensa de la música moderna contra la errada opinion del obispo Cyrillo Franco. Rev. pelo Sr. Viana da Mota.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO. — Opúsculos. Ed. revista pelo Sr. H. Ferreira Lima.

Santa Cruz de Coimbra. — Artistas e obras de arte.

Artistas portugueses em Itália.

A. CALDEIRA PIRES. — História do palácio nacional de Queluz. Com ilustrações.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

N
7131
L3C6

Correia, Vergilio
Artistas de Lamego

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 23 29 13 07 002 9